

**AVENTURAS**

**NA**

*Galileia*



**BRADLEY BOOTH**

# AVENTURAS NA *Galileia*



BRADLEY BOOTH

**BRADLEY BOOTH**

**AVENTURAS**  
**NA** *Galileia*

Tradução  
Eunice Scheffel do Prado

Casa Publicadora Brasileira  
Tatuí, SP



Título original em inglês:  
ADVENTURES IN GALILEE

Copyright © da edição em inglês:  
PACIFIC PRESS, NAMPÁ, EUA. DIREITOS INTERNACIONAIS RESERVADOS.

*Direitos de tradução e publicação em  
língua portuguesa reservados à*  
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
Rodovia SP 127 – km 106  
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP  
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900  
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888  
[www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

1ª edição neste formato  
Versão 1.2  
2016

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles  
Editoração: Wellington Barbosa e Vanderlei Dorneles  
Revisão: Luciana Gruber  
Design Developer: Fernando Lima  
Projeto Gráfico e Capa: Leonardo Alves  
Imagem da Capa: Rogério Chimello

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Booth, Bradley  
Aventuras na Galileia [livro eletrônico] /  
Bradley Booth ; tradução Eunice Scheffel do  
Prado. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira,  
2016.  
1 Mb ; ePUB

Título original: Adventures in Galilee.  
ISBN 978-85-345-2277-9

1. Ficção religiosa – Literatura infantojuvenil  
2. Jesus Cristo - Milagres I. Título.

---

16-01548

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção religiosa : Literatura infantojuvenil  
028.5  
2. Ficção religiosa : Literatura juvenil 028.5

---

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem*



*prévia autorização escrita do autor e da Editora.*



# APRESENTAÇÃO

Para Tabita, a vida em Cafarnaum era monótona e sem graça. Tudo se resumia a buscar água no poço, cozinhar e costurar. Isto é, até Jesus chegar à cidade!

Ele era o motivo das conversas nas ruas. A própria Tabita tivera a oportunidade de vê-lo expulsar demônios e curar um paralisado. Mas, afinal, quem era Jesus? Seria o Messias?

Um dia, Tabita morreu. Mas Jesus disse à família que não se preocupasse, porque ela estava só dormindo. Como era possível? Os médicos a haviam declarado morta.

Quando abriu os olhos, Tabita parecia confusa. O que Jesus estava fazendo ao seu lado, segurando sua mão? Por que todos estavam agitados ao seu redor? As pessoas diziam que ela estivera morta! Mas, agora, isso não importava mais, porque Tabita estava viva outra vez! Jesus se encontrava ali e, onde quer que Ele estivesse, a morte não prevalecia.

Tabita pensou sobre o que significava deixar tudo por Jesus e estava disposta a segui-lo a qualquer lugar – sem se importar com o custo! E você?

Bradley Booth lecionou em escolas adventistas nos Estados Unidos, na África Ocidental e Rússia. Atualmente, trabalha como consultor de *marketing* e diretor do Worthington Adventist Academy, em Ohio. Ele aprecia a família, arqueologia, bem como ensinar, escrever e praticar esportes. Sua missão é apresentar Jesus aos juvenis e jovens.

# DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a minha filha, Aubie, que sempre foi minha “menininha”. Oro para que, à semelhança de Tabita, ela olhe sempre para Jesus como a fonte de vida, esperança e felicidade.

# CAPÍTULO 1

Cálidos raios de luz solar passavam diagonalmente por uma abertura da janela da sinagoga, revelando partículas de pó a dançarem no ar matinal. A claridade atingiu a manga da túnica de Tabita, fazendo cintilar o azul iridescente.

Tabita estava sentada com Zeruia, sua mãe, no chão do setor das mulheres na sinagoga, esperando o início do culto sabático. Ela e sua família sempre chegavam cedo a fim de conseguir bons lugares onde sentar e preparar-se para o culto. Jairo, o pai de Tabita, sentava-se diante da congregação, no “assento de Moisés”, a cadeira reservada àquele que liderava a cerimônia religiosa.

A multidão presente naquela manhã era maior que de costume, e Tabita achou que seu pai sugeriria, em breve, que construíssem outra ala anexa ao prédio existente. A sinagoga era grande para uma cidade do tamanho de Cafarnaum, mas, afinal, era um dos principais centros do culto judaico na região norte da Galileia, de modo que isso não era uma surpresa.

Além disso, em Cafarnaum parecia haver, naqueles dias, um interesse maior pelos assuntos espirituais. O pai de Tabita dissera que isso teria algo que ver com um novo Rabi, que começara a pregar na Galileia em meses recentes. Seu nome era Jesus de Nazaré.

Uma agitação repentina, nos fundos da sinagoga, chamou a atenção de todos, e Tabita virou-se no intuito de ver a causa. Para sua surpresa, era o próprio rabi Jesus, acompanhado por vários homens – sem dúvida, discípulos dele. Ali estavam os pescadores Simão Pedro e seu irmão, André. Anos antes, eles haviam se mudado de Betsaida, um pequeno porto de pesca no mar da Galileia, a nordeste de Cafarnaum. Tiago e João, filhos de Zebedeu e também pescadores, encontravam-se entre os discípulos de Jesus. Tabita não conhecia nenhum dos outros homens que o acompanhavam.

Uma onda de cochichos seguia Jesus, enquanto Ele e os discípulos se encaminhavam em silêncio a um espaço aberto no chão. Outros, que estavam na rua, entraram e preencheram todos os lugares vagos. Dezenas de outras pessoas ficaram em pé nos fundos da sinagoga.



Ninguém sabia muita coisa sobre esse Jesus. “Rabi” era como todos o chamavam, porque Ele era um mestre religioso. Segundo os rumores, Jesus conhecia tanto sobre a Lei de Moisés quanto qualquer mestre da Lei ou escriba em Jerusalém. Isso era intrigante porque, segundo o ditado popular, nada de bom havia saído de Nazaré. “Não me recordo de nenhum escriba ou fariseu importante que tenha vindo daquela vila obscura”, disse o pai de Tabita com cinismo ao ouvir falar de Jesus pela primeira vez. Mas o número de seguidores do rabi Jesus ficava maior a cada dia. Quando Ele estava na cidade, geralmente ia à sinagoga, e seus seguidores sempre lotavam o recinto.

No momento em que a sinagoga se aquietou de novo, o pai de Tabita se pôs em pé. Esperava-se que ele lesse a Escritura. Naquele dia, porém, Jairo convidou Jesus, como visitante, para ir à frente, escolher e ler uma passagem.

Sem hesitação, Jesus adiantou-se e abriu o *Aron Kodesh*, comumente chamado “a arca”, um recipiente ornamental onde se guardava a Torah, as Escrituras judaicas. Escolheu um rolo do livro dos Salmos, pôs-se atrás do púlpito e começou a ler. “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso.” Jesus lia as palavras com fervor e expressão, e sua ressonante voz chegava a todos os cantos da sinagoga. “Refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque Tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam.”

Tabita endireitou-se um pouco mais. Quando um rabi lia os rolos na manhã de sábado, ela às vezes tinha dificuldade de permanecer desperta, e às vezes cochilava um pouquinho. A maioria deles recitava os sagrados rolos com pouco ou nenhum sentimento – mas esse rabi Jesus era diferente. Falava como se de fato acreditasse naquilo que proferia. Ele lia com segurança e convicção, como se essas palavras dos Salmos fossem as dele mesmo. *Incomum. Muito incomum para um Rabi*. Parecia que outras pessoas na sinagoga também pensavam assim, porque começavam a se comunicar umas com as outras com sorrisos de surpresa e satisfação no rosto.

Tabita podia imaginar o quadro que Jesus criava para todos com esse salmo acerca de um pastor. Ela podia ver as ovelhas seguindo o pastor aos viçosos pastos. Via-o represando águas impetuosas a fim de que o remanso fosse tranquilo o suficiente para que as ovelhas bebessem dele, pois elas se recusam a beber de águas que correm com muita rapidez – essa é a natureza delas. O pastor as protegia de plantas venenosas, do frio e de predadores no campo silvestre. Elas eram a sua valorizada propriedade, e ele fazia todo o possível para garantir sua segurança. Tabita percebeu que uma sensação de paz a rodeava à medida que continuava ouvindo as famosas palavras.

“Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários.” Jesus continuou lendo: “Unge-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda. Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.”

O silêncio envolvia a congregação enquanto Jesus lia; e, quando Ele concluiu, esperaram quietos e em reverência para ouvir mais do que tinha a dizer.

“Um bom pastor dá sua vida pelas ovelhas como se elas fossem seus próprios filhos.” Jesus olhou rosto por rosto na congregação. “Ninguém desejaria um mercenário como encarregado do rebanho”, disse Ele, “é arriscado demais. As ovelhas não pertencem ao mercenário; e, quando ele vê um lobo aproximar-se, pensa apenas em si mesmo. Perde a cabeça e fuge; então o lobo ataca o rebanho e o dispersa.”

Tabita sentiu uma pontada de raiva ao ouvir essa descrição dos mercenários. Seu pai já tivera servos assim, e eles nunca duravam mais do que alguns dias. As falhas de caráter logo se manifestavam diante de todos, e depressa eles iam embora.

De repente, a leitura de Jesus foi interrompida por uma voz alta, irritante.

– Por que você veio aqui com essas bobagens? Não precisamos ouvir histórias de ovelhas!

Tabita virou-se e olhou fixamente para um homem em pé, no fundo da sinagoga. Seu cabelo, que começava a ficar grisalho, era revoltado, e os olhos, vidrados. A menina, nervosa, agarrou-se ao braço da mãe, e franziu a testa ao perceber que o homem era Jorai, o ébrio da cidade. Ele andava sempre cambaleando pelas ruas, às vezes ainda no início do dia. Tabita detestava quando Jorai fazia um escândalo assim. *O que há de errado com ele? A garota quis saber. Ele é bêbado, mas isso não lhe dá o direito de entrar aqui gritando e interrompendo o orador convidado no meio de sua leitura. Isto aqui é uma sinagoga, não um mercado!*

Todos os demais também olhavam para Jorai, mas isso não lhe parecia fazer diferença.

– Eu sei quem Você é! – balbuciou ele diante de Jesus, com voz profunda e rouca. – Você acha que é o Santo de Deus – Jorai entrou pelo corredor entre os adoradores, e as pessoas começaram a se afastar de modo a manter distância dele. Seus olhos também tinham algo estranho, e Tabita achou que lhe davam a impressão de estar meio doido. Não; na verdade, ele parecia um doido!

Tabita sentiu um frio na barriga. *O que Jorai vai fazer a seguir? Vai continuar gritando desse jeito e atrapalhar o culto? Vai começar uma briga?* Ela já o vira fazendo estardalhaço em público antes, mas nunca na sinagoga!

Então uma coisa ainda mais surpreendente aconteceu. O rabi Jesus saiu de trás do púlpito. Fitou Jorai e pareceu atravessá-lo com o olhar. Tabita sentiu um calafrio na espinha. Algo inusitado ocorreria, e ela se encontrava bem no meio daquilo; aliás, todos na sinagoga se encontravam no meio daquela situação. Mas, estranho, Tabita não sentia medo, e realmente não sabia o motivo. Seria por que Jesus estava ali? Ele tinha um jeito incomum e um sorriso franco, fazendo com que as pessoas se sentissem genuinamente seguras, como se Ele fosse um pastor, e elas, as ovelhas.

Era isso. A sensação que ela tivera foi semelhante à história do pastor e das ovelhas que Jesus havia lido no rolo dos Salmos. Tabita não conseguia tirar os olhos de Jesus. Quando Ele lia as Escrituras, sua voz forte trazia consigo um senso de autoridade, fazendo-a sentir-se segura, como se Ele tivesse tudo sob controle – como se Ele pudesse protegê-la e às demais pessoas na sinagoga de qualquer ameaça, por mais terrível, assustadora ou perigosa que fosse!

Era uma sensação estranhamente agradável, e Tabita quase se esqueceu do homem louco perturbando a sinagoga. Quase, mas não completamente. Com a respiração suspensa, esperou para ver o que aconteceria a seguir.

## CAPÍTULO 2

– Por que Você veio a Cafarnaum? – murmurou Jorai. – Veio para nos destruir, Jesus de Nazaré? Por que não nos deixa em paz? – ele começou a praguejar e a amaldiçoar Jesus.

Os ouvidos de Tabita queimavam enquanto ela ouvia Jorai dizer aqueles insultos; contudo, ninguém tentava impedi-lo. Pareciam todos congelados em seus lugares, incapazes de se mover. Mais ainda, tudo acontecia de uma só vez. De repente, Jorai gritou e disparou pelo corredor na direção de Jesus no intuito de atacá-lo. O louco, de olhos arregalados, agitava os braços no ar feito um gato. Era uma cena terrível, mas aí, justamente antes de alcançar Jesus, Jorai caiu ao chão, contorcendo-se.

Jesus de modo nenhum parecia amedrontado. “Fique quieto. Saia dele!” Ordenou com autoridade. Tabita se assustou diante dessas palavras. Jesus olhava para Jorai, mas parecia falar com alguém mais, um ser que ninguém podia ver. Como reação, Jorai começou a agitar-se violentamente e, depois, deu mais um berro pavoroso, fazendo Tabita tremer. O que estava acontecendo com ele? Ela nunca tinha visto algo assim e não sabia dizer o que ocorria. Sentia-se como uma criancinha ao chegar-se a Zeruia, sua mãe, e agarrar-lhe o braço com mais força.

As pessoas na sinagoga, então, se levantaram, esticando o pescoço para ver Jorai deitado no chão. Ele estava muito quieto, sendo seu único movimento o levantar e baixar do peito com a respiração. *Será que ele desmaiou? Teve um ataque? Está inconsciente?* Tabita chegou a pensar que Jorai até podia estar morto.

Todos ficaram apreensivos quando Jesus foi até Jorai. Quando o Rabi se abaixou e ajudou Jorai a ficar em pé, um alvoroço entusiasmado tomou conta da multidão. Tabita não acreditava no que via e não sabia o que pensar. Jorai estava quieto, e, embora seu cabelo ainda conservasse a aparência selvagem e as roupas estivessem um pouco sujas por ele ter deitado no chão, sua atitude era normal. Tabita se mostrava quase tão atônita diante da mudança que sobreviera a Jorai quanto estivera diante de seus gritos insanos!

Ela inclinou-se para a mãe, em busca de uma explicação, mas Zeruia apenas sussurrou as palavras: “Ele estava possuído por um demônio.”

Um demônio? Tabita repetiu as palavras para si mesma, participando da comoção da multidão na sinagoga. *Jorai – possuído por um demônio?* A garota pensou sobre aquilo. Percebeu que, pela primeira vez na vida, via tão de perto uma pessoa endemoniada, e isso a assustou. Mesmo agora, ela se sentia tensa diante da agitação do momento e simplesmente não gostou da sensação. Ao olhar para Jesus outra vez, parado ali na frente da sinagoga, sentiu-se ainda mais estranha. Na verdade, nem sabia dizer como se sentia – era um tipo surpreendente de admiração, temor e reverência, tudo misturado.

– Como foi que Jesus fez isso? – perguntou, por fim, à mãe.

– Não sei – confessou Zeruia balançando a cabeça, assombrada. – Não tenho ideia – a reação de todos os demais na sinagoga parecia ser a mesma.

*Que é isso?* Tabita ouvia as pessoas dos dois lados do corredor exclamando. É um novo tipo de religião? *Quem sabe uma nova filosofia?* Tabita só podia especular; pois não sabia muito acerca desses assuntos. Seu pai era o chefe da sinagoga e uma das pessoas mais importantes em Cafarnaum. Conhecia muito das Escrituras e das tradições judaicas. Ele poderia ter uma explicação, mas o que sabia uma garota de 12 anos?

Tabita tinha visto pessoas loucas antes, mas sempre à distância. “Pessoas boas não se associam a esse tipo de gente”, sua mãe lhe havia dito muitas e muitas vezes.

No entanto, nesse momento, Tabita refletiu. *Jesus chegou perto de Jorai e, na verdade, tocou nele. Isso significava que Jesus não era uma pessoa boa?* Ela não acreditava que Ele não fosse. Parecia ser o melhor, mais bondoso e compassivo homem que ela já conhecera. Além disso, havia expulsado o demônio ou o que quer que fosse de dentro de Jorai. Tabita nunca vira alguém expulsar um demônio antes, e aquele havia sido um evento impressionante; ela mal podia esperar para, junto ao poço, contar o fato às meninas que nunca iam à sinagoga. *Essa história vai superar qualquer outra que elas já contaram.* Só de pensar nisso, estremecia com a expectativa.

Como o demônio havia entrado em Jorai era outra questão. Ela não sabia muito a respeito daquele homem, a não ser que ele nunca tinha sido uma pessoa importante na cidade. Não tinha filhos, e sua esposa havia morrido depois de ter sido ferida em circunstâncias misteriosas. Rumores diziam que certa noite Jorai espancara brutalmente a mulher após voltar para casa embriagado. Ele teria matado sua companheira? Na verdade, ninguém sabia.

Era de se perguntar se Jesus sabia do passado horrível de Jorai. Tabita achava que não. Por que Ele teria socorrido Jorai – e até tocado nele? Tudo era muito confuso.

Uma coisa era certa. O rabi Jesus era um homem incomum. Ele tinha autoridade real sobre os assuntos religiosos e pregava como alguém que sabia do que estava falando. Era bondoso. Falava com segurança, e Tabita não deixava de perceber, de algum modo, que Ele sabia exatamente aquilo que as pessoas mais precisavam ouvir!

Ali estava Jorai. Apenas alguns minutos antes, ele fora um endemoniado. Mas, agora, encontrava-se ajoelhado no meio da sinagoga, as mãos sobre os pés de Jesus, e o rosto voltado para o chão. Estava quieto. Calmo. Não mais gritava nem dizia palavrões; e, quando levantou a face para dar graças a Jesus, aquele brilho estranho em seus olhos havia desaparecido. Agora ele apresentava um semblante de pura gratidão, como se a paz de Deus houvesse entrado em sua vida. Era um milagre!

*Quem é esse Rabi que pode fazer coisas tão incríveis?*, perguntava-se ela. *Como Ele pode controlar espíritos maus?* Tabita pensava que somente Deus podia controlar demônios.

O culto terminou logo, e todos ficaram contentes por sair para a claridade do sol após os estranhos eventos daquela manhã. Quando Jesus e os discípulos saíram da sinagoga, Jorai estava ali também, com eles. Parecia que ele não queria se afastar de Jesus, aquele que o havia libertado do terrível demônio e lhe devolvido a vida.

Tabita ficou de braços dados com a mãe. Podia ver que Jorai se comportava diferente; mas, mesmo assim, permaneceu atenta.

Como era de se imaginar, todos falavam sobre o milagre na sinagoga. A história excedia tudo quanto alguém pudesse recordar como tendo acontecido em Cafarnaum por um longo, longo tempo.

Tabita ficou entusiasmada ao saber que seu pai tinha sido convidado para almoçar com o novo Rabi. Jairo era um dos homens mais importantes da cidade. O rabi Obede, outro fariseu líder na sinagoga, estaria presente no almoço, e igualmente o rabi Eleazar.

Eles comeriam na casa que pertencia à família de Simão Pedro e seu irmão, André. Outros dois convidados eram João e Tiago. Todos estes, os novos seguidores do rabi Jesus, segundo alguns comentários. Eles eram chamados de “discípulos”. Tabita não tinha certeza do que essa palavra realmente significava, a não ser que eles viajavam muito com Jesus.

Tabita e sua mãe também foram convidadas; mas elas teriam de comer numa sala fora do átrio, com as outras mulheres que haviam preparado a refeição. Mas, para Tabita, não

havia problema. Naquele momento, só o fato de estar na mesma casa com esse novo Rabi já era suficiente. Quem saberia que situações emocionantes poderiam acontecer a seguir? Qualquer pessoa que conseguisse expulsar um demônio devia ser cheia de surpresas.

\* \* \* \* \*

Assim que chegaram todos à casa de Simão Pedro, os homens se assentaram no átrio à espera de que a refeição fosse servida. O átrio, muito menor do que o da casa de Tabita, tinha o piso feito de chão batido, em vez de pedra. Mas isso era de se esperar. Só pessoas ricas tinham espaçosos átrios revestidos.

Era um dia agradável, e a cobertura de nuvens tornava prazeroso almoçar fora, sob o céu. O rabi Obede começou a falar sobre algum dinheiro que doaria para a sinagoga local em Cafarnaum, mas Tabita não se interessou em ouvir. Sujeito arrogante demais para o seu gosto, sempre se exaltando de algo que fazia pela sinagoga. Além disso, Tabita tinha de ajudar a preparar a refeição na cozinha. Ela era apenas uma menina, e as meninas faziam isso quando havia convidados a ser servidos.

Durante a conversa dos homens, Simão Pedro levou Jesus a um quarto fora do átrio para ver sua sogra, que estava doente, com febre. Ela se sentia tão enferma que não conseguira sair da cama por vários dias. Tabita foi atrás, para ver o que aconteceria.

## CAPÍTULO 3

O quarto ficou em silêncio quando Jesus se encaminhou para o lado da cama da sogra de Pedro. Ninguém disse uma palavra enquanto Ele a tomava pela mão. O efeito foi impressionante. No momento em que Jesus tocou a mão da enferma, ela se levantou de imediato.

– Muito obrigada! – disse ela, agradecida, ao mesmo tempo em que uma lágrima corria pelo seu rosto. Tabita achou que ela se sentia um pouco constrangida. – Não sei o que me deu ultimamente. A casa cheia de visitas, e tudo o que quero é ficar deitada, dormindo o dia inteiro! – Depois disso, ela correu até a cozinha para ver como podia ajudar.

Os poucos que haviam estado no quarto e testemunhado o milagre vibraram. “Hosana ao Filho de Davi!”, bradaram João e Tiago. Pedro até começou a cantar um hino de ação de graças. A reação jubilosa foi contagiante, e não demorou para que todos estivessem entoando o bem conhecido salmo: “Invoco o Senhor, digno de ser louvado, e serei salvo dos meus inimigos.”

“Invoco o Senhor!”

Além de auxiliar na cozinha, Tabita havia sido solicitada a ajudar a servir os convidados; mas, com toda a emoção de ver Jesus curar a sogra de Pedro, ela se esquecerá da tarefa. “Depressa, Tabita!”, disse Zerua bruscamente depois de encontrá-la, ao ouvir as vozes entusiasmadas. “Ande! Você sabe fazer coisa melhor do que deixar as visitas esperando!”

Tabita apressou-se, obediente, com duas outras garotas. Alguns podiam descansar e relaxar durante um almoço de sábado, mas não as meninas presentes.

A sala estava cheia de pessoas importantes. A primeira tarefa que Tabita precisou realizar foi lavar os pés deles numa bacia de água. A bacia de argila era pesada, mas Tabita acostumara-se a carregar água dos poços da cidade e mal notou o peso.

A mãe de Tabita decidiu ajudar também, embora raramente fizesse essas atividades em



casa, em virtude de todas as servas que tinha à sua volta para realizar o trabalho. Zerua poderia ter levado suas criadas para ajudar, mas queria deixar um bom exemplo para Tabita – aprender a servir os outros. “Só porque seu pai é rico você não precisa crescer preguiçosa!”, dissera ela mais vezes do que Tabita se daria ao trabalho de lembrar.

Tabita, na verdade, não se importava de lavar os pés dos homens, mas se sentia incomodada ao pensar em sua mãe. Zerua vestia uma linda túnica vermelha, como era próprio da esposa de um homem importante. Também usava um largo cinto branco, bordado com fios de ouro, e um turbante que cobria a cabeça e sustentava uma longa peça de linho fino branco. O linho branco servia de véu, cobrindo-lhe o topo da cabeça. Descia em forma de cascata pelos ombros, mas não sobre o rosto, segundo era considerado apropriado para mulheres judias na presença de homens que não eram da família.

Quando todos os convidados estavam com os pés banhados em água fresca, foi levado o alimento. Não era uma farta refeição, porque a lei judaica proibia extravagâncias no santo dia de sábado – apenas grão-de-bico e lentilhas, tudo misturado numa espécie de caldo de legumes, servido com o pão. Havia também peixe grelhado, frio, para ser mergulhado num molho feito de *homus*. Não se permitia fazer nenhum preparativo árduo para as refeições durante as horas do sábado. Todo alimento devia ser preparado antes do pôr do sol da sexta-feira, e isso significava que a refeição seria simples. Era o que a Lei de Moisés pedia.

Tabita pegou uma bandeja contendo mais pão e peixe e passava entre os homens que se sentavam ao longo das paredes. Embora as mulheres e meninas não pudessem comer com os homens, os garotos de 12 anos para cima tinham essa permissão.

Numa ida ao átrio para servir, ela percebeu, com o canto do olho, vários meninos que a observavam e riam; isso a deixou nervosa. *O que eles pensam que são?* Ela sabia que a maior parte dos garotos vinha de famílias pobres, eram filhos de pescadores ou mercadores. Ali estava Joel, um rapazinho alto para sua idade, o qual parecia ser o líder do grupo. Ele tinha olhos escuros e uma aparência descontraída. Bani, outro garoto sentado ao lado dele, era um pouco mais baixo e tinha o cabelo preto. Ele sorria bastante e parecia ser a vida da festa.

Tabita decidiu que pouco lhe importava o que os meninos fizessem ou pensassem. No que lhe dizia respeito, eles eram do tipo João-ninguém. Eis a questão importante: Eles realmente compreendiam quem ela era? A casa dela era a mais bonita da cidade. Para dizer a verdade, a residência era tão grande que mais parecia um palacete. Suas cinco edificações de calcário com cúpulas vermelhas de vários tamanhos dominavam a parte mais alta de Cafarnaum. As paredes, de um branco resplandecente, podiam ser vistas como pérolas a vários quilômetros de distância, na costa do mar da Galileia. A casa principal tinha

corredores avarandados ao redor de um grande átrio interior, que era ladrilhado com lajotas de cor cinza, importadas das pedreiras de Gileade.

Tabita ergueu bem alto a cabeça, orgulhosa de sua família. Em sua mente, não havia dúvida de que sua casa era uma das melhores na Galileia. Ela era a filha de Jairo, o chefe da sinagoga local, um dos homens mais importantes da cidade. Seu pai era um homem rico, e ali estava ela, tendo que servir alimento a garotos simples de Cafarnaum. Só de pensar na injustiça, ela ficou zangada. Meninos assim deviam conhecer o seu lugar!

Os olhos dela brilhavam ao pensar nisso tudo, mas mordeu a língua quando viu que sua mãe a observava. Ela acharia um jeito de retornar à presença dos garotos mais tarde. Eles iam ver. Os meninos podiam ter todos os privilégios em Cafarnaum, mas as meninas eram mais espertas!

Várias vezes, Tabita percebeu que Joel fazia comentários rudes a seu respeito enquanto ela passava. A garota fixou nele o olhar; e, se o olhar matasse, Joel estaria morto! Ela sabia que não estava certo se sentir assim; mas, no momento, aquilo ia além da sua paciência.

No mesmo instante em que planejava dizer a Joel exatamente o que pensava dele, Tabita ouviu Bani sair em sua defesa. “Ah, pare com isso, Joel. Por que você não a deixa em paz? Que foi que ela lhe fez?”

Tabita percebeu o tom da voz de Bani, mas o garoto não olhava na direção dela. Era melhor assim. Ele provavelmente ficaria constrangido também, falando desse jeito para defender uma garota. Na realidade não importava, porque, apesar da coragem dele, ela sentia raiva do grupo todo. No entanto, era bom ouvir alguém ficar do seu lado e assumir sua defesa.

Ela agitou suas longas tranças castanho-escuro. *Por que me incomodar com os meninos? Não me importo mesmo com eles.* Ela não lhes serviria nem mais um bocadinho de comida, independentemente do que sua mãe dissesse!

\* \* \* \* \*

Entretanto, Tabita não conseguiria ficar zangada por mais tempo. Havia muita coisa acontecendo em Cafarnaum para se preocupar com o que os garotos pensavam dela. Aquele estava sendo, provavelmente, o sábado mais emocionante de sua vida. O novo Rabi chegara à cidade, e ela podia comer na mesma casa onde Ele se encontrava. Melhor ainda, ela o havia visto realizar dois milagres maravilhosos. Que privilégio!

Tabita procurou lembrar-se dos pormenores do culto da manhã. Jesus tinha lido um trecho do livro dos Salmos e pregado como ninguém que ela já houvesse escutado antes. Jorai chegara bêbado à sinagoga, possuído por um demônio, algo que ela também jamais tinha visto. E Jesus o curara ali mesmo, na frente de todos! Era inacreditável – quase impossível!

Então, depois do culto, Jesus foi à casa de Simão Pedro e curou a sogra dele de uma febre que a deixara doente por vários dias. Se era isso que significava estar com o Rabi, ela achou que seria excelente ser uma discípula dele, algum dia.

A essa altura já era o fim da tarde, e Tabita ouviu uma multidão na rua, na frente do portão da casa de Simão. O que acontecia lá fora? Teria ocorrido um acidente? Alguém importante estaria chegando à cidade? Ela espiou por uma janelinha que permitia olhar a rua e viu a multidão parada do lado de fora do portão do quintal. *Puxa! Deve haver mais de 100 pessoas lá fora!*, ela pensou. As pessoas iam ficando cada vez mais ruidosas, e algumas gritavam o nome de Jesus. Não era segredo que elas queriam Jesus. As multidões sempre o seguiam por onde quer que Ele andasse, mas ali não era um lugar público, e, sim, uma propriedade particular. Além disso, não havia espaço suficiente para todos dentro do pequeno quintal.

“Aposto que eles vieram porque ficaram sabendo do milagre de Jesus na sinagoga, hoje de manhã”, disse uma voz. Tabita virou-se e viu Bani parado ao lado dela.

## CAPÍTULO 4

– Talvez tenham sabido da cura da sogra de Pedro também – Tabita sorriu para ele, tentando agir cordialmente, lembrando-se de como Bani a havia defendido durante a hora do almoço.

O garoto sorriu de modo agradável.

– É possível. Ela é bem conhecida em Cafarnaum, em especial pelos bolos deliciosos que sabe fazer.

Tabita praticamente se esquecera de todas as ameaças contra Joel, Bani e os outros meninos, enquanto observava a multidão se movimentando ao redor. – Puxa! Há uma porção de gente lá fora! – exclamou ela outra vez.

A notícia dos milagres havia corrido como fogo na palha pela cidade toda, e a multidão não se dispersava. Ao pôr do sol, as pessoas se acotovelavam diante do portão para ver aquele notável Rabi com os próprios olhos. A rua estava cheia de gente que abria caminho pelo meio da multidão, trazendo seus enfermos consigo. Chegavam aleijados e cegos. Pessoas surdas e outras que não conseguiam falar. Vinham idosos, bem como mães com seus bebês.

Depois de escurecer, Jesus saiu pelo portão e seus discípulos o acompanharam. Tabita e Bani teriam gostado de sair à rua e observar o que Jesus faria, mas simplesmente não havia espaço. Muitos dos convidados que ficaram até tarde não podiam nem voltar para casa, por causa da multidão. A mãe de Tabita tinha ido embora mais cedo naquela tarde, dizendo-lhe que mandaria um servo ir buscá-la depois. Jairo fora à sinagoga, para uma reunião.

Tabita se pôs na ponta dos pés e continuava espiando pela janelinha. Era o único jeito de dar uma olhada para fora da casa a fim de saber o que acontecia na rua. Ela não queria perder nada!

– Ei, aposto que se subíssemos no telhado, teríamos uma vista boa lá de cima – sugeriu Bani. Tabita gostou da ideia. Sem perder tempo, os dois subiram pela escada dos fundos da

casa. Era divertido sentar sobre a laje e observar a multidão lá embaixo. Àquela altura, a rua estreita estava tomada por pessoas nas duas direções, a uma grande distância.

Ela e Bani tinham agora os melhores lugares na casa. Não havia sinal de Joel e dos outros meninos, embora Tabita imaginasse que estivessem em algum ponto da multidão. Mas ela não se preocuparia com isso. Seus olhos estavam voltados para Jesus. As pessoas se aproximavam do Rabi tanto quanto podiam. Era incrível! Todos queriam tocá-lo. Afinal, Ele devia ser especial. Não havia restaurado um endemoniado? Não havia curado a febre da sogra de Pedro?

Já estava bem escuro, mas os discípulos trouxeram tochas para que Jesus pudesse enxergar. Tabita e Bani, de olhos arregalados na cobertura da casa, observavam o Rabi curando os enfermos que lhe eram apresentados, um a um. Cada pessoa curada de cegueira, de uma doença de pele ou de paralisia bradava seu louvor e gratidão, e isso atraía ainda mais pessoas na direção do portão da casa de Pedro.

Durante horas continuaram chegando, até que, aparentemente, toda a Cafarnaum havia se reunido ali. Será que a fila de pessoas não acabaria nunca? Elas continuariam chegando a noite toda? Contudo, Jesus não cessou seu ministério de cura. Ele nunca parecia se cansar de ajudar os necessitados, embora Tabita tivesse certeza de que o Rabi estaria quase exausto a essa altura. Ele continuava falando de maneira bondosa com os doentes, tocando ternamente e curando a todos.

Tabita sabia que devia estar em casa. Sua mãe estaria preocupada por ela ficar fora até tarde, mas não havia muito a fazer. Zerua dissera que enviaria um servo, porém, seria difícil ele conseguir atravessar a multidão nas ruas.

Por fim, Tula, um dos servos de seu pai, chegou a sua procura, abrindo caminho à força. Ele parou para perguntar aos discípulos de Jesus onde Tabita poderia estar, e André apontou na direção do telhado, onde ela e Bani permaneciam sentados.

Assim que ele localizou os meninos, fez sinal para que ela descesse. Relutantemente, Tabita obedeceu. Foi só quando já estava na rua que ela pensou em se virar e acenar para Bani, agora sentado sozinho na beirada da laje.

O menino ficou ali até que o último coxo fosse curado e a última criança cega pudesse ver. Foi só depois da meia-noite que a multidão começou enfim a se dispersar, mas Tabita não sabia disso. Ela já estava em casa, acomodada em sua confortável cama, dormindo.

Na manhã seguinte, Tabita acordou tarde, e isso significava estar atrasada para ir ao poço

buscar o suprimento de água para o dia. Logo que ela chegou, havia tantas meninas ali que ela precisou esperar na fila por mais de uma hora. Já estava no meio da manhã quando, por fim, tirou água para encher seu grande cântaro de argila. A essa altura, a garota sentia pena de si mesma.

– Por que os servos não podem buscar a água? – queixou-se à mãe, ao chegar a casa com o enorme jarro sobre a cabeça. Impacientemente, ela deixou o cântaro no chão do quintal, respingando água em sua túnica de linho. – Há muitos servos para fazer o serviço, e todos eles são mais fortes do que eu! – resmungou ela. – Se eles trouxessem a água, eu poderia fazer uma série de outras coisas mais importantes, como moer a farinha, assar pão e varrer a casa – Tabita sabia que era uma tentativa com pouca possibilidade de sucesso, mas tinha de arriscar. Ela vinha trazendo água do poço desde os oito anos de idade, e achava que, àquela altura, era chegada a vez de outra pessoa fazer isso.

– Bela tentativa, senhorita! – Zeruia sorriu para a filha –, mas você sabe o que penso sobre a tarefa de trazer água do poço. Transportar água...

– Eu sei, eu sei – Tabita interrompeu Zeruia desrespeitosamente. – Transportar água ajuda a edificar o caráter. Ensina a trabalhar duro, e me deixa fisicamente apta. Eu sei, mãe! Já faz tempo que você tem apresentado todas as razões pelas quais devo transportar água!

Zeruia quis olhar para Tabita de modo severo; mas, em vez disso, sorriu como só as mães podem fazer em tais situações. – E não se esqueça, ajuda a preparar uma menina para administrar a própria casa algum dia – acrescentou.

Tabita revirou os olhos, impaciente. – Ah, mãe, por favor! Percebi de longe que você diria isso. Se eu tiver de carregar água a fim de me casar, passo adiante – ela se sentou para observar a mãe no tear, tecendo um tapete colorido. Zeruia era talentosa em muitos sentidos, e os desenhos em suas tapeçarias tornaram-na famosa em Cafarnaum e entre os mercadores viajantes que passavam pela Galileia a trabalho.

Zeruia sorriu diante da atitude imatura da filha para com o trabalho e o casamento. – Acho que algum dia você vai mudar de ideia acerca do casamento – disse ela, com um olhar materno de sabedoria e paciência –, e esse dia pode chegar mais cedo do que você pensa.

De repente, ouviram-se vozes no portão. Tabita correu até a grande porta de madeira e abriu a janelinha a fim de ver quem seria. Ana, uma das servas, voltava do mercado e, para surpresa de Tabita, Bani a acompanhava. Traziam nos braços cestas e fardos cheios de produtos de todo tipo: alho, alho-poró, pepinos, melões e outras frutas.

– Muito obrigada, jovem – Zeruia levantou-se de onde estava sentada, no chão, diante do tear. – Foi bondade sua ajudar a Ana. Como está sua mãe?

– Está bem, obrigado – Bani inclinou-se levemente diante da mãe de Tabita. – Ela ficou agradecida pelo cesto de ervas que a senhora mandou outro dia.

– Que bom que ela pôde aproveitá-las – a mulher sorriu cordialmente enquanto Tabita ajudava Ana a receber as cestas de Bani. Zeruia passou a mão no cabelo escuro do rapazinho e tirou uma pequena moeda de cobre de entre as dobras de sua túnica, pondo-a na mão de Bani. – Diga a sua mãe que as ervas do meu quintal estão ao seu dispor, a qualquer momento.

– Ah, não, por favor! – protestou o garoto, avermelhando-se levemente. – Quero dizer, sim, muito obrigado pelas ervas; mas, quanto ao dinheiro... – ele olhou para a moeda em sua mão. – Eu não ajudei a trazer os produtos por dinheiro. Apenas vi Ana fazendo força para carregar o cesto e ofereci ajuda. Ela me perguntou sobre todos os milagres que Jesus realizou na casa de Simão Pedro ontem à noite, e, antes de perceber, estávamos aqui.

– Está tudo bem – garantiu-lhe Zeruia –, pode ficar com o dinheiro. Não é muito. É apenas uma forma de agradecer sua bondade.

– Ai, não! Eu não posso aceitá-lo – Bani protestou de novo. – Minha mãe não ficaria feliz com isso.

– Você pode fazer o que quiser com o dinheiro – Zeruia piscou para Bani. – Compre algo para sua mãe ou sua irmãzinha. Se quiser, leve-o à sinagoga como oferta.

– Bani e eu soubemos de uma notícia emocionante quando estávamos no mercado – Ana mudou de assunto ao voltar da cozinha. – Quer contá-la para elas, Bani? – disse Ana, ajoelhando-se no chão do quintal.

## CAPÍTULO 5

– Ah, o leproso? Bem, é, eu estava com meu pai no mercado, vendendo peixe, quando um homem passou pelo portão. Ele atravessou o mercado correndo, a caminho da sinagoga, gritando algo como ter sido curado por Jesus.

– Um leproso? – Tabita olhou fixamente para Bani.

– Á-hã. Ele disse que era de uma colônia de leprosos perto da cidade de Corazim, a alguns quilômetros ao norte. Parecia que ele havia corrido o caminho todo, e estava sem fôlego, mas continuou gritando e cantando louvores a Deus enquanto seguia até a sinagoga. Meu pai disse que ele iria lá para ser examinado oficialmente pelos anciãos.

– Não se permite que os leprosos entrem na cidade – argumentou Tabita. – Como foi que ele entrou? Por que ninguém o impediu?

– Bem, ele não me lembrava nenhum dos leprosos que já vi – Bani respondeu, dando de ombros. – Para mim, era até normal. Acho que foi porque, provavelmente, Jesus o curou. Ele disse que era isso que tinha acontecido, e, a julgar por sua aparência, eu diria que é verdade.

– Gente, um leproso em Cafarnaum! Eu queria ter visto isso! Sempre perco tudo! – Tabita ficou chateada, mas depois acrescentou rapidamente: – Ele disse quem era? De onde vinha antes de morar na colônia de leprosos?

– Não sei. Não acompanhei essa parte. Ouvi pessoas no mercado dizendo que ele se parecia com Tobias, alguém que elas conheciam, acho eu, mas não conheço nenhum Tobias.

De repente, Bani interrompeu sua história. – Ei, preciso voltar ao mercado e vender o restante daqueles peixes, antes que cheirem mal. Meu pai ficará bravo se eu deixar que eles se estraguem – com uma rápida despedida, ele disparou portão afora e se foi.

– Como você conheceu a mãe do Bani? – perguntou Tabita a Zeruaia, com curiosidade,



tão logo o garoto se afastou. – Eles moram do outro lado da cidade.

– Conheço a mãe dele desde menina – Zeruia sentou-se de novo no chão do átrio e continuou a tecer. – Éramos amigas quando tínhamos a sua idade.

– Eu nunca soube disso – disse Tabita, olhando fixamente para a mãe, quase surpresa pelo fato de ela ter sido uma menina. Ela nunca havia pensado em Zeruia como criança ou mesmo adolescente. Para Tabita, ela sempre fora apenas “mãe”, uma senhora abastada que administrava com eficiência a propriedade de Jairo.

Tabita pegou a cesta de um bordado que vinha fazendo em seu tempo livre, havia vários meses. Ela teve de sorrir ao se lembrar do constrangimento de Bani diante da moeda que Zeruia lhe dera de presente. – Por que foi que Bani ficou agitado com um presente tão pequeno? – perguntou Tabita a sua mãe.

– Ele recebeu uma boa educação – disse Zeruia. – Isso está claro. Suponho que seus pais tenham lhe dito que ele devia praticar boas ações sem esperar nada em troca.

– Mas era uma moeda tão pequena! – argumentou Tabita.

– Para você, quem sabe... – Zeruia ergueu as sobrancelhas diante do comentário de Tabita, mas não tirou os olhos do seu trabalho. – Algumas pessoas precisam trabalhar duro para conseguir um pouquinho de dinheiro e não consideram levemente uma dádiva como essa.

– Acho que sim – respondeu Tabita, distraída.

\* \* \* \* \*

Quando Jairo voltou para casa naquela noite, contou que havia sido convidado para outra refeição especial, desta vez na casa de Zebedeu, no dia seguinte. Zebedeu era um próspero pescador nas praias do mar da Galileia, e seus filhos, Tiago e João, eram discípulos de Jesus. O novo Rabi estaria presente, e alguns fariseus importantes também tinham sido convidados.

– Acho que os fariseus têm algumas perguntas acerca de quem é esse rabi Jesus – disse Jairo. – Todos nós o ouvimos falar no sábado, mas também há rumores de que Ele não ensina de acordo com a Lei de Moisés.

A refeição na casa de Zebedeu seria somente para homens, e ninguém mais da casa de Jairo foi convidado. Todavia, sempre havia necessidade de servos para ajudar a preparar e

servir a refeição, assim Tabita se ofereceu para ir junto. Jesus estaria lá, e ela se alegrava por ter a oportunidade de ver novamente o Rabi e talvez ouvi-lo falar. E, naturalmente, havia sempre a chance de Ele operar outro milagre.

A refeição foi farta como costumava ser, com vários pratos no cardápio. Havia tigelas de grão-de-bico e lentilhas, temperadas com alho e alho-poró. O queijo de cabra era servido com uma fartura de pão de cevada, e havia até alguns pães caros, grandes e redondos de trigo, geralmente oferecidos apenas em dias de banquete e casamento. Vários tipos de peixe eram servidos com molho e, como prato especial, um cabrito novo assado. Uma refeição e tanto, e Tabita não pôde deixar de se perguntar quão bem estaria indo a empresa familiar de Zebedeu.

Enquanto a garota passava entre os convidados, levando as bandejas de queijo, pão e peixe, ela ouvia comentários cochichados sobre a identidade de todos os presentes. Um servo contou às pessoas na cozinha que uma delegação de fariseus de Jerusalém estava na cidade. Dois dos convidados pareciam ser do Sinédrio, vestindo seus mantos elaborados, com borlas azuis, e os filactérios atados nos punhos e na testa.

Alguns disseram que esses homens instruídos e influentes haviam chegado da Judeia só para ver Jesus. Tabita tinha certeza de que havia outras questões desconhecidas por trás dessa história. Ela se lembrou de seu pai ter dito na noite anterior que os líderes fariseus queriam fazer algumas perguntas a Jesus, e ela teve a curiosidade de saber se aquele almoço era para isso. Todos sabiam que Jesus tinha talentos extraordinários e poderia até ser um profeta de Deus. Ninguém negava essa possibilidade, diante dos atos incríveis que Ele realizava – mas isso não significava que os líderes de Jerusalém gostassem dele. Especialmente depois do dia em que Ele expulsou todos os cambistas e mercadores do templo, ao dizer que estavam profanando a casa de Deus.

Tabita não sabia muito dessa história, exceto o que ouvira os servos contarem em casa. Alguns diziam que Jesus expulsara do pátio do templo todos os cambistas e vendedores, e havia acabado com as vendas ali por pelo menos dois dias. Outros, porém, diziam que Ele fizera isso porque os mercadores que vendiam animais para os sacrifícios lesavam o povo.

As mulheres e meninas que buscavam água no poço da cidade poderiam saber algo a respeito, mas Tabita não gostava de obter informações dessa maneira. A maioria das coisas que as mulheres contavam junto ao poço era simplesmente bisbilhotice. Ela se lembrou de Bani e se pegou desejando que ele estivesse ali naquele momento. Talvez ele soubesse de algo a respeito dos rumores que vinham de Jerusalém. Os pescadores contavam todo tipo de histórias durante a pesca, e sempre recebiam informações novas em suas viagens.

O pai de Tabita não falava nada sobre isso em casa ou na sinagoga de Cafarnaum. Ela não acreditava que ele não soubesse da história de Jesus expulsando os cambistas. O mais provável era que ele não quisesse admitir que atitudes tão vergonhosas estivessem acontecendo no templo, em Jerusalém.

O murmúrio entre os servos continuava, enquanto Tabita servia o alimento. Alguns diziam que os visitantes do Sinédrio podiam estar ali para apanhar Jesus numa armadilha, por meio de algum argumento, e fazer com que seu conceito caísse diante dos discípulos. Dizia-se que, durante semanas, os fariseus e escribas de Jerusalém andavam à caça dele.

Ela não sabia o que pensar, e ficou nervosa ao refletir sobre a possibilidade de Jesus ser envolvido numa armação. Não seria justo que todos se unissem contra o Rabi desse jeito. Era apenas um homem contra muitos. Naturalmente, Ele tinha os discípulos consigo, mas Tabita não tinha certeza se eles poderiam ser úteis numa discussão a respeito das Escrituras. Com base naquilo que ela podia ver, os discípulos não pareciam muito instruídos. Se algum deles tentasse discutir com os fariseus, que eram os brilhantes doutores e debatedores no Sinédrio em Jerusalém, ela estava certa de que seriam derrotados antes mesmo de começar a conversa.

Depois de concluída a refeição, Zebedeu teve a gentileza de abrir o portão da frente e deixar que pessoas comuns entrassem no quintal. Elas haviam pedido para entrar por cerca de uma hora, e Zebedeu achou justo dar-lhes a oportunidade de ver Jesus também. Tabita viu alguns dos fariseus franzirem a testa quando pessoas pobres começaram a aglomerar-se em busca de um lugar onde sentar. Entretanto, o anfitrião parecia não notar isso, ou, quem sabe, não se importava com o que os líderes da sinagoga pensavam. Pelo discreto sorriso no rosto dele, Tabita imaginou que fosse a última alternativa.

Uma vez lá dentro, poucos encontraram assento. Havia espaço apenas para pessoas em pé, e Tabita duvidou de que até isso houvesse. A casa não era grande, tampouco o quintal, mas ela calculou que mais de uma centena de pessoas deviam ter se aglomerado ali, e outras mais tentavam entrar.

Todos na cidade queriam ouvir o que Jesus diria e ver o que faria, especialmente após a agitação em Cafarnaum dois dias antes, quando Ele havia realizado uma maratona de curas. Alguns diziam que agora não existia uma família ou casa que não tivesse sido tocada pela mão restauradora de Jesus, em Cafarnaum.

## CAPÍTULO 6

A multidão se abanava, desejando estar ao ar livre, mas isso era impossível. Fazia mais calor fora do que dentro do salão. O mês de sivã chegara. O suor corria pela face dos observadores na multidão, e uma ou outra mosca voava pelo ambiente abafado.

O rabi Obede e seus amigos da sinagoga e do Sinédrio acomodaram-se em semicírculo. Jesus estava sentado no meio do salão, de frente para os líderes religiosos, com os discípulos reunidos ao seu redor.

Tabita franziu a testa ao observar que os fariseus e escribas se inclinavam uns para os outros de tempos em tempos. Por suas conversas sussurradas, tornava-se evidente que planejavam mesmo uma estratégia de ataque. Ficou claro que haveria ali, naquele dia, um embate entre eles e Jesus.

A ideia era encurralar Jesus com algum tipo de pergunta maliciosa. Isso ela conseguira ouvir entre os servos, homens e mulheres, que preparavam o alimento. Tudo de que os escribas e fariseus precisavam era uma pergunta que o Rabi não soubesse responder ou um argumento que Ele não pudesse defender. Se de alguma forma conseguissem isso, os líderes da sinagoga diziam que poderiam destruir sua reputação, e isso seria suficiente para privá-los de sua influência, tanto na Galileia quanto na Judeia.

Mas planejar isso era uma coisa. Realizá-la era outra, bem diferente. Jesus já havia derrotado escribas e fariseus muitas vezes no próprio jogo deles, o jogo que, sem dúvida, deviam facilmente vencer, como mestres defensores da Lei de Moisés e dos Profetas.

Por fim, o rabi Obede pôs-se em pé e falou:

– Estamos muito felizes por receber o rabi Matias e o escriba Aminadabe, de Jerusalém. Eles são hoje nossos convidados especiais, e, sendo que o rabi Jesus também está presente, eles gostariam de lhe fazer algumas perguntas relacionadas com a Lei e as tradições de nossa grande nação.

*Muito astuto*, pensou Tabita, erguendo as sobrancelhas. O rabi Obede queria dar a impressão de que Jesus e os líderes do Sinédrio estavam ali simplesmente por acaso, sob o mesmo teto, na mesma tarde. Tabita tinha apenas 12 anos, mas até uma criança podia ver o que acontecia.

O rabi Matias, de Jerusalém, levantou-se com toda a solenidade, fazendo estalar as borlas de sua túnica azul, quando ele tentava se equilibrar. Embora não fosse um homem alto, Matias tinha uma barriga volumosa e, mesmo que ela estivesse oculta sob o manto que lhe pendia dos ombros, era óbvio que ele gostava de comer.

– Bom Rabi – começou Matias, com um tom de importância, à medida que as pálpebras piscavam como se ele não quisesse olhar diretamente para Jesus. – Sabemos que ninguém pode fazer os milagres que Você faz, a menos que Deus o tenha enviado. Contudo, estamos perplexos! O livro de Moisés diz que devemos nos lembrar do dia de sábado para o santificar. Mas, por vezes, parece que o senhor não vê inteiramente o significado dessa lei como nós o vemos. Perdoe-me – e suas pálpebras continuavam se movendo enquanto ele olhava para o teto –, mas como pode alguém tão entendido como o senhor considerar prudente trazer multidões da ralé e gente do povo ao templo de Deus para curá-las no dia de sábado? Esse pessoal é barulhento, e muitos não têm boas maneiras. Isso não incentiva um trânsito profano na casa de Deus? As pessoas carregam os inválidos sobre leitos, e seus discípulos são forçados a fazer muito trabalho desnecessário! – Matias fez uma pausa para colocar a mão sobre a barriga saliente e, com a outra, alisar a barba grisalha. – Se o senhor deve ajudar as massas, não existem outros seis dias durante os quais praticar seu ofício sem comprometer o santo dia de Deus? – e sentou-se novamente, com toda a seriedade, a fim de esperar uma resposta de Jesus.

Tabita franziu a testa. Jesus não estava ali para ser julgado. Era hóspede na casa de Zebedeu, assim como os escribas visitantes de Jerusalém. Mas, se Tabita estava preocupada por causa de Jesus, ela não precisava estar. Ele permaneceu calmo e imperturbável, o retrato da segurança. Na verdade, Jesus não parecia nem um pouquinho incomodado ou impaciente diante da situação.

– O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado – respondeu Jesus, sem a preocupação de pôr-se em pé. – Vocês não leram que o Senhor se deleita com a misericórdia, e não com o sacrifício? Vocês entram na casa de Deus a cada sábado, levando seus dízimos da hortelã e do cominho, com o rosto tenso e triste por causa do jejum, mas ignoram as irmãs e os irmãos sofrendores em seu meio. Eles nada recebem da mão de vocês, abençoados como vocês são – os olhos de Jesus examinavam a fila de rabis diante dele. – Meu Pai preferiria que seus filhos o adorassem com dádivas de bondade e

compaixão.

– O senhor fala de Deus como se fosse o único filho dele. Ele também não é nosso pai? – retrucou o rabi Matias, quase com impaciência.

– O Pai que me enviou testifica de mim – disse Jesus, sem hesitar –, mas vocês não lhe ouvem a voz. Eu conheço a voz dele, e mesmo assim vocês não ouvem a mim; portanto, o Pai não está em vocês.

Uma onda de murmúrios passou pela multidão diante desse comentário, mas o rabi Matias ergueu a voz acima de tudo: – Nós temos as Escrituras! – argumentou ele. – Deus fala conosco por meio da Torah e dos Profetas!

– Vocês examinam as Escrituras, pois julgam encontrar nelas a vida eterna, mas elas testificam de mim e da obra que farei. – Jesus levantou as mãos: – Como vocês podem reverenciar um e rejeitar o outro? Ao me rejeitarem, estão rejeitando a vida eterna.

– Nós temos as palavras de Moisés. Ele é nossa herança – os olhos do rabi Matias quase se fecharam, enquanto ele tentava mudar de assunto, mas Jesus não havia concluído.

– Se cressem em Moisés, vocês creriam em mim, pois ele escreveu a meu respeito – disse Jesus. – Mas vocês não creem nas minhas palavras; portanto, está claro que tampouco creem nos escritos de Moisés.

Uma vez mais, a multidão reagiu com surpresa, e a expressão na face do rabi Matias ficou sombria. Tabita podia notar que ele estava ficando frustrado com Jesus e chocado diante da direção que o debate tomava. Ela havia imaginado que ele e Aminadabe levariam vantagem sobre Jesus e dessa vez o venceriam com seus argumentos. Afinal, eram homens cultos e provavelmente participavam desse tipo de conversa o tempo todo. Mas o rabi Matias havia obtido pouco resultado nos pontos que queria debater, e o escriba Aminadabe ainda não tivera nenhuma oportunidade de falar. Isso era surpreendente, porque Jesus era uma pessoa simples, sem formação escolar. Sua casa ficava na obscura cidadezinha de Nazaré, nas montanhas da Galileia.

Tabita segurou a respiração. Ela sabia que essa não era uma conversa comum entre dois líderes religiosos. A impressão era a de que Jesus dizia ter sido enviado por Deus com uma mensagem especial, e ficou claro que o rabi Matias se ofendera com essa ideia. Tabita não sabia o que pensar, mas se perguntava: Seria Jesus de Nazaré apenas um homem muito inteligente, que rapidamente se tornava um notável rabi na Galileia, ou era um profeta especial – ou quem sabe até mais que isso?

Ela esperou para ouvir as respostas aos seus questionamentos, mas a conversa entre o rabi Matias e o rabi Jesus foi interrompida por um barulho lá no alto. Alguém ou algo estava sobre o telhado. Soava como se fossem passos. Seria algum animal? Seriam operários no teto?

A essa altura, todos olhavam para cima: o rabi Matias, o escriba Aminadabe, os líderes da sinagoga de Cafarnaum, Jesus e seus discípulos. A multidão toda observava, sem saber o que esperar. Ouviram-se mais alguns sons, enquanto uma coluna de pó descia do teto. Tabita ouviu vozes abafadas e, então, de repente, houve um estrondo, e um raio de luz passou por uma abertura.

A multidão espectadora engoliu em seco, e os fariseus, sentados, puxaram os mantos acima dos tornozelos, como se quisessem evitar a contaminação pela poeira. Zebedeu ergueu-se, surpreso.

– Quem está no meu telhado? – gritou ele, ao esquadrinhar aquele buraco no teto. Simão Pedro murmurou algo, alarmado. Alguns golpes mais do rude instrumento lá em cima fizeram cair ao chão um pedaço de tijolo de barro, que foi parar próximo a Jesus.

Tiago e João abriram caminho entre a multidão para chegar à porta, evidentemente esperando interromper aquela situação. Mas Jesus não parecia surpreso nem preocupado. *Estranho*, pensou Tabita. *Ele age quase como se soubesse que isso aconteceria.*

Então, o espaço de claridade em cima começou a ampliar-se, à medida que mais cacos de barro misturado com palha caíam dentro do salão. – Vocês estão quebrando minha casa! – bradou Zebedeu, pisando na faixa iluminada pela luz do sol.

# CAPÍTULO 7

Não chegava resposta lá de cima; porém, a abertura estava bem grande agora. Todos podiam ver o rosto de homens no telhado. Nesse momento, aconteceu algo muito estranho. As extremidades de um cobertor e uma maca presos com várias cordas eram baixadas através do buraco. Na maca, um homem, deitado imóvel, mas com temor nos olhos. *Ele está obviamente paralisado, talvez por alguma doença ou um acidente, e os que estão no telhado com ele, tentando ajudá-lo, parecem desesperados*, Tabita concluiu. *Será que é uma tentativa de trazer o homem até Jesus?* Talvez fosse a única explicação. Que outra razão teriam para abrir desse jeito o telhado da casa de alguém?

Todos estavam chocados demais para dizer algo a princípio, mas logo começaram a se evidenciar semblantes incomodados e comentários zangados de escribas e fariseus. Os olhares de desdém daquele grupo expressaram a todos como eles se sentiam acerca do inválido. Aquele era um homem muito doente, um deplorável pecador. Os rabis e escribas da seita dos fariseus jamais teriam compaixão de uma pessoa assim, enferma, quanto mais a disposição de mover um dedo para auxiliar o pobre homem.

A atitude de Jesus, por outro lado, era bem diferente. Nos últimos tempos, tornara-se muito popular. De grandes distâncias, os doentes e aleijados vinham a Ele em busca de cura. Provavelmente esse homem doente e seus amigos não fossem diferentes. Considerando a multidão em torno da casa, entrar pelo telhado deve ter sido sua única opção.

A rede, por fim, acomodou-se no meio do salão, num espaço que agora se ampliava, e a multidão recuou para ainda mais longe. Ali, diante de todos, estava a casquinha de um homem, com o corpo atrofiado e os joelhos perto do peito. Os olhos se fixavam no espaço, o rosto revelava a vergonha que sentia.

Tabita nunca vira o homem antes, mas algumas pessoas paradas a sua volta, sim. Ela as ouviu cochichando algumas frases acerca dele, de sua família e de todas as maldades que ele fizera até chegar a esse ponto na vida. Tabita procurou não prestar atenção, porque a maioria das coisas não eram boas, mas ela começou a “juntar os ponteiros”. Concluiu que



esse homem devia ser o marido de uma das servas de sua mãe. Ela o encarou com surpresa e piedade porque agora sabia quem era o homem, ou pelo menos ouvira falar dele. Entretanto, nunca se encontrara com ele nem sabia seu nome.

O rabi Jesus encaminhou-se para a maca e agachou-se ao lado do pobre homem. *Que acontecerá a seguir?*, Tabita queria saber. Mal podia olhar o que acontecia, porque todos na multidão estavam agora em pé para ter uma visão melhor. Se ela quisesse ver, teria que se aproximar mais; porém, como fazer isso? De todos os lados, as pessoas se apertavam umas contra as outras.

Tabita pensou por um momento e percebeu que talvez houvesse apenas uma alternativa, e não era muito agradável para a filha do chefe da sinagoga. Na verdade, seria até humilhante, e ela esperou que ninguém notasse, sobretudo seu pai. Engatinhando, ela começou a serpentear entre a multidão de pernas. Aquilo exigiu muito esforço, e algumas pessoas ao longo do caminho tentaram barrá-la. Ela se virou para um lado e para outro e, quando pernas vigorosas pareciam bloquear seu caminho, ela simplesmente se virava para outra direção. Por fim, chegou ao centro da sala, envergonhada, mas grata pela visão privilegiada. Para sua felicidade, seu pai conversava com o rabi Obede e não chegara a notá-la.

Tabita estava perto o suficiente para ver o desenrolar do drama, e havia chegado bem na hora. Com um olhar de compaixão, Jesus fitou os olhos do homem doente. Ela nunca vira tanta ternura, mas o que realmente a surpreendeu foi o que Jesus disse a seguir.

– Não se preocupe, meu filho – disse Ele, como se soubesse o que o homem mais precisava ouvir –, seus pecados estão perdoados. – Naquele momento, uma expressão de paz cobriu a face do enfermo, e os incapacitados braços e pernas de seu corpo disforme pareceram relaxar.

*Isso é incrível*, pensou Tabita. As palavras de Jesus eram confortadoras, mas a reação das pessoas, definitivamente, não. Ao seu redor, Tabita ouviu um murmúrio de surpresa e confusão. Mas foi com os fariseus que ela se preocupou, enquanto captava trechos de conversas contendo palavras como *blasfêmia* e *filho de Belzebu!* Tabita viu que suas expressões de “justa” indignação se transformavam em semblantes cheios de ira. Seu pai, inclusive, não parecia nada satisfeito. Qual era o problema? O que Jesus dissera para deixá-los tão zangados? Ela tentou se lembrar, mas a raiva na face de todos os rabis no recinto a assustou e fez com que ela se esquecesse.

Depois de um tempo, ela se lembrou. Era algo sobre o homem doente ser perdoado de seus pecados. *Mas o que há de tão estranho nisso?*, ela queria saber. *Um homem não pode ser*

*perdoado dos erros que cometeu? Deus não pode perdoar alguém arrependido por uma vida de pecado?*  
A verdade é que ela nunca ouvira um sacerdote, rabi ou escriba dizer a alguém que seus pecados estavam perdoados. Só Deus podia perdoar pecados. Fora isso que sempre lhe ensinaram.

Mas Jesus dissera ao homem que seus pecados estavam perdoados. Tabita não sabia o que pensar a respeito. Não sabia o que o doente havia feito. Mas, nesse momento, isso não parecia ser a coisa mais importante para Jesus. No entanto, para os escribas e fariseus, evidentemente era.

Então Jesus se pôs em pé e dirigiu-se, indignado, aos líderes religiosos. – Por que estão pensando coisas tão más? – perguntou, com firmeza na voz. – O que é mais fácil dizer: “Seus pecados estão perdoados” ou “Levante-se e ande”?

Ninguém se moveu. Todos se esforçaram para ouvir o que os fariseus e escribas diriam a Jesus, mas não houve resposta. Era possível ouvir uma agulha cair, no silêncio que se seguiu.

Tabita examinou o rosto dos escribas e fariseus outra vez, em busca de uma explicação, mas nada encontrou. Tudo o que viu foram olhares raivosos que expressavam trevas e ressentimentos, e isso lhe deixou uma sensação muito estranha. Deus não estava presente naqueles olhares. Quando ela contemplou Jesus, o contraste era chocante. Ele também estava desgostoso. Mas seu olhar era, claramente, de surpresa e ira diante da falta de compaixão deles.

– Esse homem disse uma blasfêmia! – Tabita ouviu o rabi Obede sussurrar. Os líderes religiosos do Sinédrio murmuraram, concordando.

Jesus virou-se para o paralítico no chão. – O que se faz aqui, hoje, é para o bem deste filho de Abraão – disse Ele, com convicção, olhando diretamente para o inválido –, mas também é para que todos saibam que tenho poder na Terra para perdoar pecados. Levante-se! – ordenou Jesus. – Tome sua cama e vá para casa! – Ele falou com tanta autoridade, que Tabita estremeceu de surpresa. *Pegar a cama e ir para casa? Como é que o doente vai fazer isso? Ele é paralítico!*

Porém, ela não precisou pensar por muito tempo. Quase de imediato, os olhos do enfermo se iluminaram e ele se sentou, levando a sério a ordem de Jesus. De repente, saltou e se pôs em pé, com uma expressão atônita no rosto. A multidão também reagiu: alguns com um ar de medo, mas a maioria com exclamações de louvor por essa miraculosa maravilha da bondade de Deus!

O inválido estava em pé diante de Jesus, estampando assombro e gratidão no semblante. Jesus o havia curado, e ele não sabia o que dizer. Então, caiu de joelhos para abraçar os pés de Jesus, causando silêncio no recinto mais uma vez. – Muito obrigado, Mestre, por tirar meu fardo de pecado! – ele engasgou-se com as palavras. – Não me contaram a metade. Agora sei que o senhor é de fato o Messias, o Filho do Deus vivo!

– Vá, e não peque mais – disse Jesus. – Sua fé o curou.

O homem levantou-se e se virou para sair. – Louvado seja o Deus de meus pais! – bradou ele, sem constrangimento. – Fui libertado!

A multidão atônita abriu espaço para que ele passasse. Um inválido, paralisado e impotente fora baixado através do teto apenas minutos antes, e agora um homem saudável caminhava e cantava louvores a Deus pela cura!

Tabita estava perplexa, enquanto observava o homem sair, e depois se virou uma vez mais a fim de olhar para Jesus. Quem era esse Rabi? Ele curava corpos inativos, e isso o tornava o homem mais incrível que ela já vira! Por outro lado, Ele alegava ter o direito de perdoar pecados como se fosse o próprio Deus. Ele era um blasfemo, como os rabis o acusavam, ou o Messias, como o homem curado declarara? Se fosse um blasfemador, Jesus não continuaria pregando por muito tempo na Galileia. Os líderes religiosos dariam um jeito nisso. Mas se Ele fosse o Messias e pudesse perdoar pecados, então era alguém que superava o que qualquer um deles compreendia. Talvez fosse até mesmo o Filho do Deus vivo!

## CAPÍTULO 8

Na manhã seguinte, Tabita viu Bani no mercado, vendendo os peixes que ele e seu pai haviam pescado na noite anterior. As roupas de Bani cheiravam a peixe, e Tabita torceu o nariz.

– Peixes malcheirosos, não é? – Bani deu uma risadinha. – Também não gosto do cheiro deles, assim como você; mas, depois de algum tempo, a gente até se acostuma.

– Você pegou muitos durante a noite? – Tabita ainda tapava o nariz.

– Não muitos. Havia luar. Não era lua cheia, mas brilhava, e isso sempre atrapalha nosso trabalho. De qualquer maneira, apanhamos 42 peixes, 12 deles bem grandes.

– Isso é melhor do que nada – riu Tabita. – Pelo menos, sua família não vai passar fome.

– Acho que não – Bani deu de ombros. – Ei, ontem, pouco antes de sairmos para pescar, fiquei sabendo que alguém foi baixado pelo telhado da casa de Zebedeu, e Jesus o curou. Você sabe algo sobre isso?

– Devo saber – Tabita riu. – Eu estava lá.

– Você viu tudo? Que garota de sorte! – Bani balançou a cabeça, com inveja. – Você nunca sabe o que vai ocorrer por aqui, depois que Jesus chegou à cidade. Detesto ter que dormir durante o dia; mas se preciso pescar à noite com meu pai, que posso fazer? – Bani bocejou. – Que mais aconteceu? Há outras coisas para contar?

– Há sim! Meu pai foi convidado, e eu fui ajudar a servir a refeição para os rabis que estavam lá a fim de ver Jesus.

– Uau! E como foi? Aposto que houve faíscas – os olhos de Bani se iluminaram. – Muitos deles não gostam de Jesus.

– Não brinque! – Tabita revirou os olhos. – Como você sabe disso? Ontem, na verdade, foi a primeira vez que vi algo estranho ocorrendo entre eles.

– Ah, por favor! Você não soube de toda a confusão entre Jesus e os fariseus de Jerusalém? Todos os debates que tiveram? Já ouvi até que eles odeiam tanto Jesus a ponto de querer matá-lo.

Tabita arregalou os olhos. – Puxa! Os criados conversavam ontem, mas não ouvi nada disso. Na verdade, Bani, bem que eu queria que você estivesse na casa de Zebedeu para ver tudo pessoalmente. – Ela então escolheu vários peixes pequenos entre os que Bani havia deixado e os colocou junto às romãs e aos figos que levava na cesta do mercado.

– Havia dois rabis visitantes, de Jerusalém – continuou ela. – Eles começaram a fazer perguntas a Jesus sobre o sábado, com a intenção de tentar colocá-lo em uma situação ruim, mas não funcionou. Não chegaram a lugar nenhum com suas acusações, e Jesus acabou virando os argumentos deles pelo avesso. Ficaram muito zangados. Nunca me surpreendi tanto, porque não era o que eu esperava! Era como se Jesus soubesse o que eles iam dizer, antes mesmo de falarem. E aí, ah... essa foi a melhor parte! – Tabita exclamou. – Jesus disse até que tinha autoridade para perdoar pecados.

– Foi mesmo? – Bani fez uma expressão engraçada.

– Á-hã, e depois alguns homens no telhado da casa abriram um buraco no teto e baixaram um doente numa maca, a fim de que Jesus o curasse. Foi aí que o Rabi disse ao doente que seus pecados estavam perdoados.

– Puxa! Não me diga! – Bani começou a rir. – Aposto que os rabis da sinagoga ficaram doidos.

– Com certeza. Ainda nem acredito que tudo aconteceu desse jeito!

– Que menina de sorte! – Bani exclamou.

Tabita acomodou a cesta de frutas e peixes sobre a cabeça. – Bem, acho melhor ir andando – e pôs a mão na cesta a fim de equilibrar a carga. – Mamãe vai querer saber o que me atrasou.

– Espere um minuto! – Bani segurou a manga de Tabita e apontou para a rua. – Veja, ali está vindo Jesus! Qual será o milagre que Ele vai fazer hoje?

Dito e feito. Jesus vinha andando pela rua. Passou pelas lojas que exibiam linho fino do Egito, pelo quiosque dos comerciantes que vendiam tapetes, pelo cantinho dos oleiros onde novos vasos de argila vermelha cintilavam ao sol. Seis discípulos estavam com Ele. Tabita conhecia Simão Pedro e seu irmão André, e João e seu irmão Tiago.

– Quem são os outros dois discípulos com Jesus? – ela perguntou. – Eles não são dessa região; disso eu tenho certeza.

– Um deles é Filipe. Ele é de Betsaida. O outro é Natanael. – Bani coçou a cabeça. – Acho que é de Caná.

De repente, Jesus parou diante da banca do coletor de impostos, que ficava em frente à guarnição onde o centurião romano tinha sua sede.

– O que Jesus está fazendo lá? – perguntou Tabita, surpresa, baixando novamente a cesta de frutas e peixes. – Ninguém que tenha respeito próprio para na banca de Levi Mateus, a menos que um soldado romano o obrigue! Por que eles parariam? Mateus é o homem mais odiado em Cafarnaum.

– Não sei – Bani olhou para Tabita. – Mas vou descobrir. Fique de olho nos peixes – pediu ele, dirigindo-se à coletoria.

– Ei, não posso ficar! – Tabita o chamou. – Tenho que ir para casa! – mas ela olhava com interesse crescente o que acontecia na banca do coletor de impostos. O que Jesus vai fazer ali, pagar seu imposto? O que quer que fosse, Mateus parecia interessado, enquanto os dois conversavam por alguns minutos. Então o coletor de impostos fez algo muito estranho. Ela o viu entregar sua caixa de dinheiro ao soldado romano que, em pé, guardava a banca, e, em seguida, sair com Jesus. Tabita achou que o soldado parecia surpreso, e isso a deixou ainda mais intrigada. Não tinha ideia do que se tratava, mas Bani saberia. Ela contava com a descoberta dele. Afinal, não estava cuidando dos seus peixes malcheirosos de graça.

Conforme Jesus e seus discípulos se aproximavam, ela entreouviu trechos do que Jesus dizia.

– Quem me segue deve deixar tudo para trás – mãe, pai, casas, terras e dinheiro. – É estranho Jesus dizer isso, pensou Tabita. *E o que Ele quer dizer quando manda Mateus deixar sua mãe e seu pai? É alguma coisa simbólica que Mateus deve entender sobre os ensinamentos de Jesus?*

A parte sobre o dinheiro fazia sentido, claro, especialmente para Mateus. O dinheiro era a sua vida, e ele não o obtinha da maneira mais respeitável. Jesus estaria tentando ajudar Mateus a tornar-se um coletor de impostos mais honesto? Ela quase riu diante desse pensamento. Os coletores de impostos tinham a fama de ser fraudadores e trapaceiros. Era assim que se tornavam ricos. Seu pai havia lhe falado sobre isso muitas vezes. Cobravam de um homem o imposto romano costumeiro de quatro dracmas por residência, e depois acrescentavam mais uma dracma para alguma suposta taxa de rua ou de portão, ou

qualquer outra taxa que ele inventasse. Esse era o procedimento dos coletores.

E, se um homem tivesse um comércio em Cafarnaum, era bem provável que pagaria mais. Ninguém podia saber que essas eram taxas fictícias, não exigidas pelo governo romano que presidia sobre a Galileia. Assim, os coletores ficavam cada vez mais ricos com essa corrupção.

Nesse caso, como Jesus ajudaria Levi Mateus? Diria como ele devia mudar? Mostraria o que ele precisava, a fim de ser aceito novamente pelo próprio povo? Se era essa a intenção de Jesus, Ele estava perdendo seu tempo. Ninguém aceitaria Mateus em Cafarnaum. Não naquele momento! Melhor, nunca! O ódio contra os coletores de impostos era profundo demais!

Mas Tabita continuou pensando sobre a conversa de Jesus com Mateus. Seria possível que ele estivesse convidando o coletor de impostos para se tornar um de seus discípulos? A ideia era muito estranha e, a despeito do ângulo sob o qual a encarasse, isso não fazia sentido. Jesus era bom, maravilhoso e bondoso. Mateus era um ladrão e enganador. Poderiam ambos estar juntos por longo tempo antes que suas ideias sobre a vida colidissem? Quem, afinal, desejaria ter um corrupto como discípulo?

Ela olhou para a rua, para Jesus, Mateus e os outros discípulos, enquanto desapareciam pelo portão da cidade. Fosse qual fosse a ideia do Rabi, ficou evidente que Mateus gostou dela.

Bani voltou, e na hora certa. Tabita não poderia se demorar mais um minuto. Sua mãe a esperava em casa. – Então, o que Jesus queria com Levi Mateus? – perguntou ela, erguendo uma vez mais a cesta de frutas e peixes até a cabeça.

– Ele quer que Mateus seja seu discípulo – disse Bani.

– O quê? Isso é impossível! – Tabita olhou fixamente para Bani. – E Mateus vai aceitar?

– Não sei. Não perguntei. Ele deixou a banca da coletoria e saiu pelo portão da cidade com Jesus.

– Puxa! – Tabita virou-se e subiu a rua com o fardo sobre a cabeça. – Eu nunca teria acreditado nisso! – disse ela por sobre o ombro, apressando-se em direção a sua casa.

## CAPÍTULO 9

Naquela tarde, Tabita foi à casa de Hulda, uma jovem viúva em Cafarnaum, para ajudá-la a cuidar da horta. Zerua fizera amizade com ela no mercado e, bondosamente, ofereceu os serviços da filha para ajudá-la nas tarefas domésticas, toda vez que precisasse.

A princípio, Tabita se ressentiu com a mãe por mandá-la trabalhar, como se já não tivesse tarefas suficientes em casa. Ela detestava cuidar de horta, mas quando soube que Hulda estivera adoentada ultimamente, foi auxiliá-la com boa vontade.

O dia estava quente. O muro de pedra na frente da casa formava um pátio muito pequeno, e isso conservava o calor como um forno. Mas Tabita era acostumada ao trabalho duro e não se queixou enquanto ajudava Hulda a podar a pequena parreira que não produzia uvas naquele ano.

– Então, como está se sentindo? – Tabita perguntou, tentando conversar e demonstrando genuíno interesse.

– Não muito bem. – Hulda afastou uma mecha de cabelo escuro de seu rosto manchado de terra. – Os médicos não sabem o que há de errado comigo. Primeiro, disseram que eu não comia direito e devia ter sangue ruim; por isso me recomendaram comer muitas verduras e ervas e ficar na cama. Depois, disseram que eu tinha uma espécie de doença do sangue, porque eu sangrava muito toda vez que me arranhava. Aí, tentaram pôr sanguessugas em mim para puxar a doença. Mas as sanguessugas só engordavam, e o sangramento continuava. E quando isso não funcionou, resolveram fazer uma sangria.

– Fazer sangria em você? – Tabita ficou preocupada. – Como fizeram isso?

– Ah, pegaram uma faca e fizeram um corte no pulso, como este – Hulda mostrou a Tabita as cicatrizes onde os médicos haviam feito os cortes. – Eles tiram um pouco de sangue porque dizem que ele é ruim.

Tabita ficou olhando para Hulda. Nunca tinha ouvido algo assim antes, e percebeu quão



resguardada fora a vida daquela mulher até ali.

Hulda parou de trabalhar para endireitar as costas cansadas. – De qualquer maneira, nenhum desses recursos funcionou, e eles ainda assim levaram meu dinheiro. Por fim, disseram que não havia nada que pudessem fazer por mim.

– E os anciãos da sinagoga não fizeram nada? – perguntou Tabita. – Alguém podia orar por você ou fazer algo, não podia?

Hulda pôs a mão no braço de Tabita. – Minha menina, por enquanto estou proibida de ir à sinagoga.

Tabita olhou para Hulda. – Proibida? O que você quer dizer com “proibida”?

A princípio, a jovem viúva não respondeu, e Tabita tornou a perguntar: – Como podem proibi-la de ir à sinagoga?

Hulda olhou para cima, para o céu da tarde, e suspirou. – Quando alguém tem uma doença como a minha, torna-se impura. De acordo com as leis de Israel, não posso adorar na sinagoga até estar curada.

– Mas isso está errado! – Tabita protestou. – Tudo errado! Eles não têm o direito de impedi-la de ir à sinagoga adorar a Deus. Talvez o único modo de você ficar curada seja ir à sinagoga para orar e pedir a cura!

– Os anciãos não entendem assim – Hulda olhou para o chão. – Na verdade, agora eles se recusam a falar comigo acerca do assunto em qualquer lugar, até mesmo fora da sinagoga. O rabi Eleazar me disse que acha que estou pagando o preço pelos pecados de minha mãe. Ela era uma pecadora, dizem eles, e Deus está me castigando.

– Castigando você? Por quê? – Tabita estava realmente confusa a essa altura.

Hulda acomodou a faca de podar na mão. – Bem, para início de conversa, minha mãe teve três maridos. Não sei se você sabia disso – disse ela, com voz baixa. – Mas cresci vivendo essa vida todos aqueles anos. E, para piorar as coisas, minha mãe não foi abençoada com filhos, por nenhum dos seus maridos. Dois deles morreram, e o terceiro a abandonou três anos depois do casamento. “Você não me deu nem um garoto!”, reclamou ele. “Qualquer mulher em Israel que não tenha filhos deve viver com vergonha. Os meninos são uma bênção que vem direto do Céu!” Pelo fato de minha mãe não ter gerado meninos, acho que o rabi Eleazar acredita que ela deve ter sido amaldiçoada por Deus.

Tabita não podia deixar de olhar fixamente para Hulda. *Isso não é justo!* Naquela

momento, nada parecia justo para Hulda e todas as outras mulheres como ela. *Assim são as coisas em Israel; essa é a maneira como pensam as pessoas há centenas de anos.* Perguntas começaram a pipocar na mente de Tabita. *O que pensa Deus sobre excluírem Hulda de adorá-lo na sinagoga? Ele de fato castigou Hulda com uma doença, só porque sua mãe não teve meninos? A falta de filhos é mesmo algo grave? Ou, talvez, essa doença tenha sido a razão de Hulda e sua mãe não terem podido ter muitos filhos, especialmente meninos?* Por aquilo que Zeruia lhe contara, tanto quanto soubesse, Hulda era filha única, e ela mesma havia tido apenas uma criança, uma menina. Por infelicidade, essa bebezinha morreu antes de completar o primeiro aniversário.

Tabita sentiu pena de Hulda. Procurou animar a jovem mulher enquanto trabalhavam, mas isso era difícil, uma vez que ela mesma sentia ressentimento contra os médicos e os líderes da sinagoga. Que direito tinham de tomar o dinheiro de uma viúva se não conseguiam encontrar uma cura? Ainda bem que Hulda possuía uma casa onde morar; mas, com todas as despesas que tivera, Tabita se perguntava quanto tempo passaria até que alguém lhe tomasse a casa para o pagamento de uma dívida.

A garota sabia como era ser filha única numa casa sem meninos. Ela sabia que sua mãe e seu pai a amavam, mas, às vezes, também notava tristeza nos olhos de Zeruia. Tabita queria saber se sua mãe se sentia mal, de vez em quando, por não ter dado filhos a Jairo.

Tabita sabia que Hulda falava a verdade quanto ao fato de os meninos serem preferidos em relação às meninas. Ao nascer um garotinho, havia grande regozijo na família. Os familiares e vizinhos eram chamados para comemorar essa boa sorte. Todas as mulheres admiravam o bebê, e todos os homens se congratulavam com o pai da criança. Geralmente era planejado um banquete, com muita comida boa. Numa família abastada, era comum matarem um cabrito ou bezerro cevado, e todos participavam da festa até tarde da noite.

Não havia dúvida quanto a isso. Os meninos tinham todas as vantagens. Desfrutavam todos os privilégios, como ir à escola e ser servidos primeiro nas festas. Atuavam como mensageiros e andavam por toda a cidade cumprindo pequenas tarefas. Eram os meninos que se divertiam! Não era justo!

De repente, ouviu-se uma batida forte no portão do pátio.

– Vou atender – disse Tabita, pondo-se de pé num salto. Para sua surpresa, eram Bani e Joel.

– O que vocês dois estão fazendo aqui? – perguntou ela.

– Sua mãe disse que você estava por aqui, praticando uma boa ação, e decidimos vir e ver pessoalmente. Precisa de alguma ajuda? – Bani perguntou, dando uma risadinha.

– Isso seria legal! – Tabita olhou para as mãos sujas, cobertas com terra marrom-avermelhada. – Eu estava começando a arrancar ervas daninhas em volta das verduras de Hulda.

Joel não ajudou muito. Olhou para todas aquelas ervas daninhas e saiu logo. Mas Bani ficou, e Tabita riu da maneira como ele fazia as ervas voarem entre os feijões, as ervilhas e as trepadeiras de pepinos que subiam.

Enquanto Tabita e Bani trabalhavam, conversaram sobre tudo o que havia ocorrido em Cafarnaum desde que Jesus chegara. Ele se tornava rapidamente o homem mais popular da Galileia. Podia curar cegos e coxos; pregava como ninguém jamais pregara, e até as crianças gostavam de andar ao lado dele. Quando as pessoas o viam passando pelas ruas estreitas ou ao longo das empoeiradas estradas da Galileia, deixavam o que estivessem fazendo e corriam para ficar perto dele.

A cada dia, as multidões que se juntavam para vê-lo ficavam mais numerosas. Tão numerosas, na verdade, que Jesus se reunia com elas na praia ou ao ar livre na encosta de colinas, fora da cidade. Era impressionante como acorriam a Ele. Ninguém havia tocado essas vidas como Jesus de Nazaré. Ninguém havia mexido com o coração e a alma do povo como Ele!

Mas, com os líderes do Sinédrio e das sinagogas, a história era diferente. A atitude de Jesus para com as tradições judaicas era um problema, e os rabis e escribas não sabiam bem o que fazer com este Rabi, que discordava deles em muitos pontos. Ficavam cada vez mais frustrados, mas parecia que Jesus conhecia as Escrituras melhor do que eles, de modo que era difícil vencê-lo numa discussão.

Uma coisa era certa: a vida mudara para melhor em Cafarnaum desde a chegada de Jesus.

Com o auxílio de Bani, a horta de Hulda ficou limpa num instante. Quando terminaram e estavam se lavando numa bacia de argila sobre uma mesinha baixa perto da porta, Hulda saiu e lhes ofereceu um pouco de água e uns bolinhos doces.

– Vejam, o trabalho não é tão ruim se você o torna divertido. – Bani deu uma risadinha, e seus olhos se estreitaram até parecerem dois riscos contra o Sol do fim de tarde.

# CAPÍTULO 10

Depois que Bani saiu, Hulda não deixou de piscar para Tabita. – Veja só, esse é um rapazinho legal – brincou ela. – É um perfeito cavalheiro, e evidentemente não tem medo do trabalho.

– Acho que sim – Tabita tentou ignorar os comentários de Hulda, mas sentiu que ficava envergonhada; ela sabia que era tudo verdade.

No sábado seguinte, na sinagoga, Tabita sentou-se no lugar costumeiro com sua mãe. Como sempre, as duas chegaram cedo para conseguir bons lugares. Jesus estava novamente em Cafarnaum naquele fim de semana, e isso significava que haveria muita gente na cidade. Se Ele fosse à sinagoga, como era seu costume, o lugar ficaria superlotado.

Tabita viu Bani do outro lado do corredor e sorriu para ele. Ela se lembrou de como havia sentido raiva, no outro sábado, quando precisou servir a ele e aos outros garotos. Mas também se lembrou de como Bani a defendera e, zangado, mandara que Joel deixasse de ser tão inconveniente. Além disso, ele havia sido muito prestativo na horta de Hulda.

Afinal de contas, Bani era mesmo diferente de todos os outros. Ele não se orgulhava o tempo todo das coisas que sabia fazer, e não fazia comentários descorteses acerca das meninas que iam ao poço da cidade para buscar água. Ele era divertido e conhecia todos os fatos emocionantes que ocorriam em Cafarnaum. O melhor de tudo era que, ultimamente, ele sempre sabia quando Jesus estava para chegar à cidade.

Pela expressão no rosto de Bani, ela via que ele ficou tão entusiasmado quanto ela por se encontrar na sinagoga. Era sábado, o dia mais especial da semana. Eles estavam na casa de Deus, e esperava-se que Jesus chegasse a qualquer momento!

Então houve um movimento nos fundos da sinagoga, e correu entre a multidão expectante a notícia de que Jesus e seus discípulos haviam chegado. Ainda era cedo, e alguém reservara um espaço para todos eles perto da parte da frente da sinagoga. Oito discípulos acompanhavam Jesus. Tabita reconheceu sete deles, incluindo Levi Mateus, que havia

pouco se tornara um dos discípulos dele. Ela riu sozinha; pois ainda não acreditava que Jesus houvesse convidado um coletor de impostos para ser seu discípulo.

Nem bem o Rabi e os discípulos haviam se acomodado nos seus lugares, um homem idoso, com a mão atrofiada, entrou na sinagoga. Ele olhava ao redor, como se procurasse alguém, e então localizou Jesus. De modo tímido, passou pelo estreito corredor entre as pessoas. Quando se aproximou de Jesus, seus olhos brilharam.

– Por favor, Mestre – disse ele ajoelhando-se no chão, diante de Jesus –, podes curar minha mão?

Era Jacó, um homem que sempre havia morado em Cafarnaum. Andava curvado, com desânimo e vergonha. *Que tristeza!*, pensou Tabita. Alguns anos antes, ele havia caído e se machucado com gravidade enquanto trabalhava num andaime alto na guarnição romana da cidade. Seu braço se quebrara em vários lugares; mas, pior ainda, os músculos e tendões não haviam sarado completamente. No fim, seu braço ficara encolhido de forma grotesca, e aquilo ficara muito feio. Era por isso que ele sempre escondia o braço mirrado dentro da manga do seu manto.

Tabita olhou para Jesus. Ela se lembrava do dia em que Ele curara um endemoniado, bem ali, naquela sinagoga. Havia sido um dia memorável, e ela se recordava, com nitidez, de como se emocionara ao ver um milagre real, ao vivo! Enquanto olhava para Jacó, ela começou a se perguntar: *Jesus vai curar esse homem também?* Seu coração batia de modo mais rápido ao pensar em ver o Rabi curar outra pessoa doente. Ela não podia imaginar o que o impediria de ajudar o pobre Jacó. Era um velhinho tão bondoso. A menos, é claro, que houvesse problema outra vez com os líderes da sinagoga.

Ela tirou os olhos de Jesus e de Jacó por um momento, e olhou para seu pai, que estava sentado na cadeira de Moisés, na frente da sinagoga. Mais uma vez, ele franzia a testa, como vários outros rabis. Ela também ouvia pessoas a sua volta murmurando que aquele dia era o sábado. Na verdade, a maioria dos fariseus e líderes da sinagoga não gostava que Jesus curasse no sábado, mas ela não entendia por que isso sempre tinha que ser um problema. *O que está errado no fato de uma pessoa ajudar outra no sábado?*

Então, para sua surpresa, Jesus se levantou e abordou essa mesma questão. Foi quase como se Ele tivesse lido a mente dela e os pensamentos que outros ao seu redor também tinham.

– Por que vocês questionam, em seu íntimo, se é certo que Eu pratique o bem no dia de sábado? – a face de Jesus era calma, porém Tabita achou que sua voz tinha um tom de

desapontamento. – Vocês sabem muito bem que Deus pediu que tivéssemos misericórdia daqueles que necessitam de nossa ajuda. Se o seu boi ou jumento cair num buraco no sábado, vocês o ajudariam a sair, não ajudariam?

Tabita notou que seu pai pendia a cabeça, mas a maioria dos outros fariseus afastaram o olhar, zangados, como se não soubessem como responder. Ela achou que pareciam mesquinhos, cheios de ressentimento e orgulho. Mas era mais do que isso. Era como se eles se considerassem melhores do que Jesus – melhores do que qualquer outra pessoa na sinagoga. Como podiam agir dessa maneira? Ela sempre fora ensinada que eles eram homens de Deus, escolhidos por Ele para liderar a comunidade judaica de Cafarnaum.

Naquele momento, porém, Tabita começava a ter outros pensamentos a respeito deles. Sentia-se horrorizada diante de suas reações. Os olhos deles estavam tão cheios de inveja, raiva e desdém para com Jesus, que não sobrava espaço para alegria e comemoração naquele santo dia de sábado. E isso não parecia certo!

Jesus fixou o olhar nos escribas e fariseus por mais alguns momentos. – Que sentido faz discutir sobre isso? – perguntou ele aos zangados líderes. – É sempre a mesma coisa. Vocês estão tão preocupados com todas as regras da tradição, que não sobra espaço para aquilo que de fato importa!

Os olhos dele brilharam com divina indignação, e Ele se voltou ao homem ajoelhado a seus pés. – Estenda a mão! – ordenou Jesus.

Jacó não hesitou, nem um pouco. No mesmo instante, estendeu o braço atrofiado com sua mão torta até que ela aparecesse a sua frente. A mão era tão feia e descolorida que Tabita sentiu, ao mesmo tempo, pena e repulsa. A manga do velho manto estava desbotada e desfiada, mas Tabita via, pela luz de esperança nos olhos dele, que ele não se importava com nada disso.

Então, de forma lenta e misteriosa, algo começou a acontecer na mão. A cor começava a mudar, tornando-se a cor normal. Depois, os tecidos cresceram em volume e aparência sadia, e, por fim, o braço endireitou-se de modo notável, como se algum poder invisível atuasse dentro dele.

Tabita estava atônita diante da transformação na mão e no braço de Jacó, e ofegava, surpresa, com o restante da congregação. O velho homem olhou atentamente para sua mão, maravilhado também. De maneira lenta e confiante, começou a fechar e abrir a mão e a dobrar o braço; depois, o ergueu bem alto para que todos vissem. – Minha mão! – gritou ele, com voz vigorosa. – Está forte e saudável outra vez! – e havia lágrimas na sua voz.

Então Jacó ajoelhou-se com o rosto no chão, tocando os pés de Jesus com as mãos. – Muito obrigado, Jesus! – exclamou ele, com voz trêmula. – Louvado seja o Deus de Moisés e Elias!

A sinagoga alvoroçou-se diante desse novo milagre, e era sobre isso que todos falavam.

Depois de encerrado o culto, Tabita foi para casa ajudar sua mãe a servir a refeição simples que a família tomaria. Sua mãe tinha o cuidado de ter prontas as refeições para o sábado já na tarde de sexta-feira. Jairo sempre fora muito zeloso quanto à obediência às Leis de Moisés. A refeição da noite de sexta-feira, o jejum do sábado e, naturalmente, o almoço, estavam sempre prontos com antecedência, com alimento que não precisava ser cozido ou assado. Desse modo, ao pôr do sol, não teriam que fazer nenhum trabalho.

Neste sábado comeriam um saboroso ensopado, mas ele estaria frio porque não se acendia o fogo na casa de Jairo no dia de sábado. Para acompanhar o ensopado, havia pães, com guarnição de *homus* e coalhada líquida. O *homus* era feito com grão-de-bico e alho; a coalhada, com leite de cabra adoçado com um toque de mel.

Não demorou para servirem a refeição sobre o grande tapete circular no átrio, e, como não havia convidados, Tabita e sua mãe almoçaram com Jairo.

Quando terminavam, Ana anunciou que Bani estava no portão, chamando Tabita. – Almoce rápido! – disse ele, agitado, no instante em que a garota chegou ao portão. – Jesus e seus discípulos irão à praia. Vão sair daqui a uma hora, e meu pai e eu vamos junto. Pergunte a seu pai se você pode ir conosco.

# CAPÍTULO 11

Tabita correu para dentro. – Posso ir com Bani e o pai dele à praia? – ela não conseguia esconder a empolgação. – Eles vão com Jesus.

– Até onde eles vão? – perguntou Jairo, erguendo as sobrancelhas.

– Não sei. Eles não disseram.

– Bem, se eles forem à encosta do monte, a oeste da cidade, onde Jesus geralmente prega à multidão, então é longe demais.

– Por quê? – Tabita protestou. – Eu consigo caminhar até lá.

– Não, Tabita. A questão não é essa – Jairo tentava ser paciente. – É mais do que a jornada de um dia de sábado, e está proibido pela lei judaica.

Tabita ficou chateada. – Bani e o pai dele vão. Eles não acham que é longe demais.

– Se todo o mundo se joga de um penhasco, você vai fazer o mesmo? – Jairo lhe dirigiu um de seus olhares paternos, e acrescentou: – Você não vai.

– Mas vamos estar com Jesus – continuou Tabita, implorando, ousando expressar o seu desejo ao pai como nunca fizera antes. – Como podem Jesus e seus discípulos estar errados?

– Quieta, filha! – Jairo a repreendeu num tom severo. – Não importa o que os outros façam. Outras pessoas podem fazer o que quiser, mas eu não preciso concordar com elas. Nenhum bom judeu faria tal coisa. Não vou deixar minha filha perambular pelas colinas da Galileia, quebrando a santidade do dia do Senhor, só porque ela quer fazer uma caminhada com seus amigos! – ele franziu a testa com rigor e apontou para o quarto dela, no piso superior. – Por essa impertinência, você deve ficar no seu quarto pelo restante da tarde.

Quando o pai falava com aquele tom de voz, Tabita sabia que a conversa com ele estava encerrada. Era fácil ver que Jairo vivia no mundo do rabis, e não estava nem um pouco interessado nos pensamentos dela sobre o assunto. A garota suspirou ao subir lentamente a



escada.

– Estou indo à sinagoga! – ela ouviu seu pai dizer a Zeruia. – Tenho uma reunião hoje com os escribas. Estarei em casa ao pôr do sol. E diga ao garoto no portão que Tabita não vai com ele!

Por um bom tempo, Tabita ficou jogada na cama; porém, afinal, foi à janela de onde via a metade ocidental de Cafarnaum. Com grande desapontamento, observou as multidões saírem com Jesus pelo portão da cidade e desaparecerem ao longo da estrada para a encosta do monte.

*Por que não posso ir com eles?,* ela se indagava. *O que há de errado numa caminhada? Quem inventou a ideia da distância que se pode andar num dia de sábado?* Jesus era um rabi, e Ele estava fazendo a caminhada. Por certo, não poderia estar errado acerca disso. Ele pregava como ninguém, e fazia milagres incríveis. Expulsara um demônio de Jorai e restaurara a mão atrofiada de um homem idoso. Havia curado cegos e crianças aleijadas; havia até purificado um leproso da doença mais terrível de todas!

Os milagres que Jesus operava não se comparavam a nada que alguém já houvesse visto antes, em toda a Galileia. Diziam alguns que isso era prova de que Jesus era o Messias por longo tempo aguardado. Outros diziam que Ele poderia até ser o Filho de Deus! O próprio Jesus não havia dado a entender isso?

Tabita ficava cada vez mais convencida de que Jesus podia ser o Messias. Parecia óbvio que Ele fora enviado do Céu, e ela sentia o impacto que seus ensinamentos causavam em seu coração. O mesmo Espírito que estava com Jesus, de modo poderoso, parecia estar mexendo com ela. Tabita desejava confiar no julgamento de seu pai, como sempre fizera, mas agora se via questionando coisas sobre as quais nunca pensara antes. Pela primeira vez na vida, começou a refletir sobre as regras e observâncias que sua família praticava em muitas áreas da adoração.

Por que era errado fazer o bem no sábado, como Jesus tinha o hábito de fazer? Por que era errado sair para uma agradável caminhada fora da cidade no sétimo dia, só porque ultrapassava “a jornada do dia de sábado”? Essas regras sobre as quais seu pai falara estariam na Lei de Moisés? Se estivessem, então Jesus de Nazaré as guardaria, porque Ele parecia ser um homem muito consagrado. E, se Ele fosse o Messias, não poderia estar errado quanto a sua maneira de guardar o sábado. E se Ele fosse o Filho de Deus?

Tabita pensou em seu pai. *Se Jesus é o Filho de Deus, por que o papai o está questionando? Por que os fariseus da sinagoga demonstram má vontade contra Ele?* Essas perguntas eram difíceis, e

Tabita resolveu meditar em outros temas.

\* \* \* \* \*

Na manhã seguinte, Tabita viu Bani outra vez no mercado, enquanto ela passava por lá carregando água do poço.

– Que pena que você não pôde ir conosco ontem, Tabita! – ele lamentou. – Quer saber como foi?

– Claro! – Tabita suspirou. – Acho que a melhor coisa, depois de ter estado lá, é ouvir algo por meio de um amigo.

– Certo... Bem, no caminho, fora da cidade, andamos ao longo da trilha pela plantação de Jonas Malaquias. Você não vai acreditar, Tabita, mas alguns líderes da sinagoga foram conosco!

– Mesmo? – Tabita baixou o cântaro de água, muito interessada.

– Sim, eles partiram conosco, pelo menos, e foram até a prensa de azeitonas da vila, mas aí pararam.

– E?

– E disseram que não iriam adiante porque seria mais do que a jornada de um dia de sábado.

– Era disso que meu pai falava ontem – Tabita ficou séria.

– De qualquer maneira, as pessoas continuaram caminhando, mas os anciãos da sinagoga começaram a criticar os discípulos de Jesus porque colhiam espigas de cereal e as comiam.

– Espere um minuto! Eles o quê? – Tabita deu um sorriso incrédulo. – Eu comi cereal muitas vezes ao longo dessa trilha, quando corríamos pelo campo. Eles acharam que os discípulos estavam furtando as espigas? Nossos costumes dizem que você pode comer enquanto passa por um campo ao longo da estrada.

– Sim. Bem, acho que não era a questão de furtar. Era mais sobre quebrar o sábado.

– Quebrar o sábado?

– É! Disseram que Jesus e os discípulos estavam desobedecendo à Lei de Moisés por colher o grão e moê-lo entre as mãos, assim – Bani esfregou as mãos juntas devagar, e Tabita começou a rir.

– Você deve estar brincando! – e os olhos dela brilharam ao ouvir a última frase de Bani.

– E o que Jesus fez? – Tabita desejou, mais do que nunca, ter participado daquela caminhada junto ao mar.

– Bem, Ele parou para contar aos fariseus uma história sobre Davi. Sabe aquela, quando Davi fugia do rei Saul e o sacerdote lhe deu pão sagrado para comer? – Bani afugentou uma mosca atrevida que tentava pousar sobre os peixes. – Comer o pão sagrado era contra a lei para qualquer pessoa que não fosse o sacerdote.

– Que você acha que Jesus quis dizer com isso?

– Não sei. Ele não disse. Talvez Ele estivesse tentando dizer que as leis de Deus são feitas para ajudar as pessoas, não para prejudicá-las.

Tabita concordou, balançando a cabeça. – Isso faz sentido... Talvez a lei seja boa apenas se a usamos para o bem.

– Sim, provavelmente. Jesus disse algo acerca de o sábado ser feito para o homem, e não o homem para o sábado.

Tabita pensou sobre isso por um momento. – Acho que Ele tem razão – disse ela, devagar –, e acho que meu pai está errado – o rosto dela ficou sombrio. – A Lei de Moisés diz algo sobre a jornada de um sábado?

– Não sei. Por quê? – Bani pegou uma caneca de água e a jogou sobre os peixes que restavam, para mantê-los frescos.

– Bem, foi por essa razão que não pude ir à praia com vocês ontem. Meu pai disse que caminharíamos mais do que a jornada de um sábado – Tabita piscou diante da brilhante luz solar da manhã. – Por isso fiquei pensando: qual é a distância da jornada de um sábado?

– Quem sabe?

Bani vendeu o resto dos peixes para uma senhora idosa e guardou a moeda de cobre que ela lhe estendeu. – Vou perguntar ao meu pai. Ele estudou a Torah na escola, quando era menino.

## CAPÍTULO 12

– Escola, é? – Tabita relaxou um pouco e sorriu. – Por falar em escola, não acha que já é tempo de você também começar a frequentar as aulas na sinagoga?

– Você está parecendo minha mãe – Bani riu e revirou os olhos. – A esta altura, você devia saber que não tenho tempo de ir à escola. Estou ocupado demais, ajudando meu pai a pescar.

– Você nunca será um grande rabi se não for à escola – brincou ela.

– Quem disse que quero ser um rabi? – Bani fez pouco caso, piscando o olho.

– Ora, vamos lá! – Tabita respondeu. – Você tem que ser rabi algum dia. Você já sabe tantas coisas! Jesus é um rabi – Tabita acrescentou, com um olhar de reprovação, mas depois achou melhor mudar de assunto. – Conte o que mais aconteceu ontem. Sobre o que Jesus falou? Ele contou alguma história?

– Claro que contou! – respondeu Bani. – Ele falou sobre uma série de assuntos, como o sal, e sobre deixar nossa luz brilhar para Deus. Ele disse que devíamos ficar contentes quando nossos inimigos nos perseguem.

– Ficar contentes? – Tabita demonstrou estranheza. – Isso não faz sentido.

– Não me pergunte – Bani encolheu os ombros. – Só estou contando o que Ele disse.

Tabita também se encolheu. – Bem, Ele deve ter uma boa razão para dizer isso, embora eu ache que Ele seja o único por aqui que diria algo assim e seria coerente.

– É, as pessoas ficariam chocadas se ouvissem os escribas e fariseus dizerem que elas devem amar os inimigos.

– É por isso que eles não o dizem! – Tabita revirou os olhos, com exagero.

– Está certo; e eles, com certeza, não fariam isso – Bani pegou a cesta dos peixes. – O

conselho deles é mais do estilo “olho por olho, dente por dente”. Sei que isso parece um bom conselho com os soldados romanos por perto o tempo todo; mas, vindo dos líderes da nossa sinagoga, não soa muito bem.

– Verdade. Bom, do mesmo modo, não ajuda muito ficar zangado e com ódio o tempo todo – Tabita pegou o cântaro de água. – Eles podiam tentar ser um pouco mais simpáticos. Dificilmente você os vê sorrindo.

– É, e isso deixa todos com medo deles – disse Bani. – Exceto seu pai, lógico! – acrescentou ele. – Todos gostam dele.

– Acho que você tem razão – disse Tabita, mas Bani podia ver que ela ainda estava aborrecida pelo fato de seu pai não ter permitido que ela fosse à praia no dia anterior.

\* \* \* \* \*

Pouco depois do almoço, o rabi Obede e alguns outros anciãos da sinagoga foram à casa de Jairo a fim de falar com ele sobre um trabalho especial. Tabita os recebeu junto ao portão, levou-os para o espaçoso átrio e lhes ofereceu assentos sob o frondoso sicômoro. Uma dupla de pardais chilreava na parreira perto dos aposentos dos criados. Tabita chamou seu pai e depois correu para levar a todos água fresca e uma bandeja com bolinhos feitos com passas e tâmaras.

– Shalom! – disse Jairo. Então ele inclinou a cabeça em respeito para com os anciãos da sinagoga. – Que posso fazer por vocês hoje, meus irmãos?

– Lúcius, o centurião da cidade, tem um servo que está doente – Obede foi direto ao ponto. – Dizem que ele está tão doente, com febre, que ficou paralisado e não consegue sequer sair da cama.

– Que lástima! – disse Jairo. – Lúcius tem sido muito bom para nós. Há algo que eu possa fazer para ajudar?

– Sim... Bem, é por isso que estamos aqui, mas – Obede olhou para os outros anciãos da sinagoga antes de prosseguir – Lúcius perguntou se encontraríamos Jesus de Nazaré e lhe pediríamos a sua ajuda.

Jairo olhou o grupo por alguns instantes. – Vocês não estão falando sério – disse ele, devagar.

– Sei o que você está pensando – Obede pronunciou as palavras que todos os outros

anciãos estavam pensando. – Eu disse a mesma coisa, Jairo; mas Lúcius tem sido muito bom para nós. Ele nos ajudou a construir a sinagoga e persuadiu Herodes Antipas a retirar a maioria dos seus soldados de Cafarnaum. Além disso, ele tem elogiado nossa cidade aos seus superiores em Cesareia, de modo que não sei se temos outra escolha.

– Sim, concordo – Jairo correu a mão sobre a barba que começava a ficar grisalha. – Acontece que, bem, não temos sido muito cordiais para com Jesus nas últimas semanas.

Houve outro longo momento de silêncio, enquanto Obede e os demais anciãos trocavam olhares. – O servo está piorando, e acho que Lúcius não tem mais alternativa. Precisamos ajudá-lo, Jairo. Precisamos, pelo menos, fazer o pedido a Jesus. Devemos muito a Lúcius.

– Bem, se vocês acham que não há outro jeito, estou disposto – Jairo ainda parecia incrédulo; depois, continuou: – Mas acho que seria pedir demais para Ele, depois da maneira como o recebemos na sinagoga.

Os líderes ainda ficaram sentados por alguns instantes, mas a conversa acabou por falta de coisas mais significativas a ser ditas sobre o assunto. Por fim, Jairo anunciou: – Bem, acho que é melhor andarmos, e acabar logo com isso. Alguém sabe onde podemos encontrar Jesus?

– Perguntei a um dos meus servos antes de sair de casa, e ele disse que viu Jesus no mercado, pouco antes do meio-dia. Se corrermos, talvez o encontremos lá.

Conforme todos se levantavam para sair, Tabita segurou o braço do pai e cochichou ao ouvido: – Posso ir também?

– Contanto que fique fora do caminho – respondeu ele.

Dentro de poucos minutos, chegaram ao mercado, onde encontraram Jesus sentado à sombra de um colorido toldo, ensinando a multidão.

Obede ficou como porta-voz do grupo, e, embora ele tivesse dificuldade para olhar Jesus nos olhos, Jesus foi simpático e concordou em ir com eles.

O grupo partiu para a casa de Lúcius, e que cena era aquela! Seis anciãos da sinagoga, Jairo e Tabita, Jesus e seus discípulos e, claro, a multidão que sempre acompanhava o Rabi por onde quer que Ele andasse.

Na metade do caminho para a casa do centurião, os anciãos e sua comitiva foram recebidos por três homens, por certo amigos de Lúcius. Podia-se saber que eram romanos por causa das túnicas curtas e o rosto barbeado. Passaram direto pelo meio da multidão até

chegar aos anciãos e ficaram de joelhos, inclinando-se de forma respeitosa diante de Jesus. – Pedimos-lhe que nos desculpe, rabi Jesus – disse o mais velho dos três. Tinha o cabelo grisalho nas têmporas e estava ficando calvo. Tabita achou que a voz dele era bondosa.

– Lúcius acha que, talvez, o senhor não precise ir à casa dele – acrescentou o porta-voz. – Seria muito incômodo; e, além disso, ele não se sente digno de recebê-lo sob o seu teto.

Obede olhou para os mensageiros do centurião. – Já viemos até aqui! – disse ele com um tom de impaciência na voz, ao mesmo tempo em que olhava para os anciãos da sinagoga.

– Por favor – o homem olhou para Obede –, Lúcius disse que se Jesus pronunciar uma palavra de cura, será suficiente.

Tabita ficou impressionada diante da fé simples e infantil daqueles homens, e da confiança do centurião que os enviara. Será que realmente criam que Jesus podia curar o servo de Lúcius sem entrar na casa dele? Será que as pessoas faziam com frequência pedidos desse tipo ao Rabi? Podia ter havido alguns, e ela não havia testemunhado nenhum caso. Ela vira várias pessoas curadas por Jesus, mas nunca soubera de uma pessoa pedindo que Ele curasse alguém a distância!

Se Jesus aceitasse essa oferta de fé, o caso seria notável. Seria possível que acontecesse? Ela concluiu que tudo seria possível, em se tratando de Jesus. Ele era, de longe, a pessoa mais impressionante que ela conhecera! Ela aguardou, com expectativa, para ver como terminaria aquela situação estranha.

– Não é incômodo – Jesus garantiu aos amigos do centurião com um sorriso. – Fico feliz em ir – e continuou seu caminho pela rua.

Os mensageiros haviam dito que Jesus não precisava ir à casa do centurião. *Jesus não teria entendido a solicitação dos homens?*, perguntava-se Tabita.

Quem saberia dizer? Até os discípulos pareciam surpresos e confusos; ela achava que eles estariam acostumados com esse tipo de situação. Tabita sorriu. Com alguém como Jesus operando milagres extraordinários todos os dias da semana, eles provavelmente nunca sabiam o que esperar!

Ela se apressou, tentando ficar o mais perto possível de seu pai. Talvez pudesse observar Jesus operando outro milagre. O pensamento fez com que a garota estremecesse de emoção.

## CAPÍTULO 13

A multidão aproximava-se da guarnição romana perto do mercado e da residência do centurião, vizinha a ela, quando Tabita viu Lúcius vindo pela rua na direção deles. Ele impressionava muito, com seu uniforme oficial: a túnica branca, curta; os calçados de couro preto; e a armadura de metal polido. Ela sabia que os judeus não deviam admirar os romanos; mas, para uma garota como Tabita, o centurião era, na verdade, um homem bonito.

– Muito obrigado por virem a minha casa hoje – Lúcius inclinou-se enquanto se aproximava de Jesus, mas Tabita pôde ver que o rosto dele estava marcado pela tristeza por causa de seu servo. – Não é necessário, Senhor, que venha até aqui – acrescentou ele, humildemente. – Para o seu povo, sou apenas um gentio. Sei que nossos mundos são muito diferentes. Posso ser um homem importante no meu mundo, mas reconheço a sua grandeza, que vai além de qualquer coisa que eu seja ou possa vir a ser! Por favor, diga apenas uma palavra, Senhor, e meu servo será curado. Não tenho dúvida de que alguém como o Senhor possa fazer isso!

Que fé! Tabita estava admirada. O homem era tão distinto! Tão respeitoso! Como centurião romano, tinha autoridade sobre todos em Cafarnaum – sobre seus soldados, sobre os chefes da sinagoga, sobre homens como Jairo e sua casa. Mesmo assim, era humilde, admitindo que Jesus era maior do que todos eles. E Tabita sabia que isso era verdade. *Todos devem saber que isso é verdade, a esta altura*, pensou ela.

Tabita olhou para Jesus. Ele se virava para os discípulos sorrindo, com uma expressão de pura alegria e satisfação. – Isto é maravilhoso! – exclamou Ele. – Lúcius tem uma fé que ainda não vi em todo o Israel.

Voltando-se para o centurião, Jesus disse: – Não se preocupe. Seu servo se restabelecerá. Siga seu caminho e alegre-se por aquilo que o Pai do Céu lhe deu.

Tabita admirou-se diante da confiança das palavras de Jesus. Ela observou o centurião



voltando pelo meio da multidão e não teve dúvida de que, ao chegar a sua casa, ele encontraria o servo curado, como Jesus dissera. O Rabi havia operado um milagre outra vez. Era capaz até de curar pessoas que Ele não via ou tocava. Isso era glorioso!

Jesus olhou para Obede e os outros anciãos da sinagoga e falou em tom sério. – Virá o dia em que alguns gentios serão recebidos no Céu, enquanto muitos do povo escolhido de Deus ficarão de fora.

*Puxa! Que palavras fortes!*, pensou Tabita. Jesus queria mesmo dizer que gentios possivelmente se salvarão, ao passo que judeus poderão se perder? Essa ideia a chocou e, ao notar um ar de aborrecimento na face de Obede e uma expressão semelhante na de seu pai, entendeu que Jesus havia tocado num ponto delicado.

– Venha, Tabita!, – disse Jairo, secamente, enquanto a segurava pela mão e se virava para voltar. – Tenho coisas importantes para fazer!

Tabita sentia-se mal quando ela e seu pai subiam a rua estreita de chão batido, afastando-se da multidão. *Por que temos que deixar Jesus deste jeito? Não é legal. É descortesia!* Depois da maravilha que Jesus realizara pelo centurião, que havia beneficiado Jairo tantas vezes, o mínimo que podiam fazer seria ficar e agradecer-lhe o milagre.

Mas Tabita sabia que seu pai não agiria assim. Quando ficava aborrecido com algo, ele apenas se levantava e saía. Evidentemente, estava indignado com aquilo que Jesus dissera acerca de gentios e judeus. Ela também se surpreendera diante do comentário de Jesus, mas seria essa uma boa razão para ficar zangado com Ele? Às vezes, ela não sabia o que pensar.

Ao prosseguirem rua acima, passaram por dois cegos sentados na lateral, mendigando. Ela conhecia a dupla: Icabode e Eliabe. Fazia anos que eles esmolavam nesse mesmo lugar. Icabode não tinha família. Eliabe tinha, mas ela nunca lhe prestava nenhum tipo de auxílio. Dia após dia, ele mendigava naquela esquina da rua, sem receber ao menos um pedaço de pão de seus irmãos ou primos. Tabita tinha pena dos mendigos e, com frequência, deixava uma moeda de cobre na caneca de barro que ficava entre eles.

De repente, Icabode voltou o ouvido para o lado de onde vinha o som da multidão e começou a gritar: – Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de nós!

Tabita diminuiu o passo para ver o que aconteceria. Como sabia Icabode que Jesus se aproximava?

– Ah, pai! – Tabita virou-se para ele com olhos suplicantes. – Eu quero ver o que Jesus vai fazer. Talvez Ele cure esses dois cegos. Posso ficar, por favor?

– Qual é a vantagem? – disse Jairo, com impaciência. – Se você viu uma cura, já viu todas.

– Ah, pai, não é verdade! – Tabita protestou. – Todos os milagres que vi Jesus realizar foram diferentes: o endemoniado na sinagoga, o homem que foi baixado pelo teto, a mão atrofiada de Jacó... Todos foram diferentes, pai! Foram mesmo, pelo menos a meu ver! – os olhos de Tabita brilhavam com uma luz incomum.

– Então, se você precisa ver, tudo bem – Jairo quis ser tolerante com os desejos de sua filha, mas era óbvio que ainda estava zangado com o que Jesus dissera momentos antes, sobre os gentios. – Preciso voltar para casa – acrescentou ele, por fim. – Não vá ficar aqui a tarde toda. Você tem tarefas a cumprir para sua mãe, como sabe.

– Sim, pai – Tabita esticou-se, deu no pai um rápido beijo e voltou a atenção aos dois cegos outra vez.

– Tem misericórdia de nós, Jesus! – os dois passaram a gritar, fazendo com que Tabita voltasse a atenção ao barulho crescente da multidão. – Filho de Davi, tem misericórdia de nós!

Jesus e a multidão vinham subindo a rua e Tabita ficou eufórica. Ela observou enquanto a multidão diminuía o passo e depois parava bem na frente dos dois cegos. – Tem misericórdia! Tem misericórdia! – Icabode e Eliabe se puseram em pé, de modo desajeitado, e gritaram com mais força ainda, percebendo que Jesus estava perto.

Jesus saiu do meio da multidão e pôs uma mão sobre a cabeça de cada cego. – Vocês creem que posso fazer com que vejam outra vez?

– Sim, Senhor! – disseram eles, quase sem fôlego.

Jesus deslizou as mãos para baixo, sobre os olhos deles. – Que assim seja feito, segundo sua fé!

Num instante, Icabode começou a gritar: – Estou vendo!

Eliabe virou-se e agarrou Icabode. – Eu também!

Os dois homens começaram a pular em círculos pela rua, com vibração na voz. – Estamos vendo! Podemos ver! Jesus nos deu a visão! Hosana ao Filho de Davi! Estamos vendo! – Depois, pararam e se puseram de joelhos aos pés de Jesus. – Muito obrigado! Muito obrigado, Jesus! – as lágrimas rolavam pelo rosto deles. – Éramos cegos, mas agora vemos!

A multidão ficou perplexa diante da transformação dos dois homens. Exclamações de admiração e reverência percorreram as ruas, até que todos rompessem em cânticos, louvando a Deus. – Hosana, Hosana! Hosana ao Senhor!

Embora Tabita tivesse visto Jesus operar milagres antes, ela não pôde deixar de maravilhar-se, também, diante do grande poder doador de vida em suas mãos. Jesus era, verdadeiramente, alguém com a incrível capacidade de curar, enviado do Céu.

– Estamos vendo! – Icabode e Eliabe erguiam as mãos ao céu, e a multidão se dividiu enquanto eles desciam pela rua. Eles pulavam e saltavam, com muita alegria. – Estamos vendo! Estamos vendo!

Tabita observou os dois homens que continuavam descendo pela rua estreita, parando para falar com as pessoas ao longo do caminho. Mesmo àquela distância, ela podia ouvi-los falando em voz alta, gesticulando à medida que apontavam para a direção de onde haviam chegado.

Em pouco tempo, mais pessoas começaram a subir a rua na direção de Jesus. A esses se uniam outros, que vinham das travessas e alamedas; pessoas que nada sabiam do milagre, mas corriam com a multidão para participar do entusiasmo. Vinham de toda parte, com passos decididos pela rua, e Tabita foi levada com eles. Os discípulos os viram se aproximando, mas nada puderam fazer. A multidão que chegava cercou Jesus, os discípulos e todos que com eles estavam, rodeando-os por completo. Os discípulos temeram que Jesus fosse esmagado, e formaram um círculo ao seu redor.

– Socorre-nos, Jesus! – clamou uma mulher, empurrando um homem na direção dele, pelo meio da multidão. Os olhos do homem estavam vidrados, e ele parecia um tanto insano, assim como Jorai, que havia sido curado na sinagoga, semanas antes. Ao ver o homem, a multidão recuou. Jesus se incomodou com a reação das pessoas, mas depois colocou a mão sobre aquele sofredor.

– Que queres que eu faça? – perguntou Jesus quando a multidão, por fim, se aquietou.

– Meu filho precisa de ajuda – disse a idosa senhora. – Ele sente dor a maior parte do tempo, e não consegue falar. – Era verdade. Enquanto a mulher falava, o pobre homem produzia sons de grunhidos, como se fosse algum animal. – Já o levei à sinagoga – disse ela, com tristeza –, mas os anciãos não puderam fazer nada por ele.

# CAPÍTULO 14

A multidão observava curiosa, enquanto Jesus colocava o braço ao redor do homem. Ele ergueu a outra mão ao céu e disse claramente: – Sai dele!

Houve um tremor nos ombros do pobre homem, e então ele se agitou como que tirando um pesado casaco de inverno. Seus olhos ficaram claros, e ele falou, pela primeira vez depois de meses. – Muito obrigado! – Ajoelhou-se na rua e aproximou a face do chão. – Muito obrigado, obrigado por me libertar do poder de Satanás – disse com voz trêmula. – Não tenho sido um homem bom, mas dou graças ao Deus de Abraão, que teve misericórdia de mim.

Tabita olhava o homem, atentamente. A mudança que ocorrera era incrível! A princípio, ela achava que ele estava apenas muito doente, mas depois, quando viu que não falava, soube que havia outros problemas. E Jesus falara com o homem como se este tivesse um demônio. Tabita começou a pensar que, talvez, todas as doenças, viessem de Satanás. Independentemente de qual fosse, ele a causava. As pessoas tomavam decisões más, ficavam doentes e, então, o maligno piorava as coisas.

De repente, Tabita olhou para cima e viu que a multidão estava parada bem na frente da sinagoga. A menina havia sido atraída pelo incrível milagre que Jesus acabara de realizar, mas aí notou que vários rabis também observavam, parados nos degraus da sinagoga. Os líderes religiosos tinham a cara amarrada, como sempre, e Tabita se indagava o que Jesus teria feito desta vez.

– Por que vocês imaginam que estou associado com Satanás? – Jesus perguntou com ousadia aos rabis. – São vocês que escolhem entregar a mente aos poderes das trevas. Preferem ser preconceituosos e mesquinhos como seu pai, o diabo, em vez de ser compassivos como Deus lhes pede que sejam. Examinem a si mesmos. Vocês estão zangados comigo por ter libertado um homem da enfermidade, um compatriota judeu preso nas garras do poder satânico. Há apenas uma hora, vocês tiveram a disposição de me pedir que ajudasse um centurião romano, que, de acordo com muitos, poderia ser considerado um

inimigo de Israel.

Tabita estava chocada. É esse tipo de coisas que os anciãos estão pensando? Jesus leu a mente deles? As palavras condenatórias de Jesus trouxeram silêncio à rua, enquanto todos esperavam para ver o que aconteceria. Tabita achou que os anciãos reagiriam com palavras enérgicas, mas eles ficaram quietos. Em vez disso, simplesmente entraram na sinagoga. Tabita procurou seu pai entre eles, mas ele não estava ali – e ela se alegrou por isso.

\* \* \* \* \*

A colheita de tâmaras e figos chegara e já havia passado, e então veio o tempo das azeitonas. Embora não fosse agricultor, o pai de Tabita possuía uma plantação de oliveiras nos arredores de Cafarnaum. Durante a época da colheita, os trabalhadores espalhavam longos tecidos no chão do pomar a fim de recolher as azeitonas que caíam. Meninos pequenos se divertiam ao subir nas árvores para sacudir os frutos soltos. Tabita sempre desejou subir nas oliveiras e ajudá-los, mas Zeruia nunca permitiu. “Subir em árvores é coisa de meninos”, dizia ela, e Tabita só podia observá-los, com inveja.

Nos dias seguintes, reuniam-se as azeitonas e levavam-nas à prensa da vila, perto do lagar. As melhores azeitonas eram preparadas para o consumo, mas colocava-se a maioria na prensa circular de pedra. Atrelavam-se dois jumentos a um cabo que passava pelas pedras do moinho, fazendo-as rodar, esmagando as azeitonas de modo a liberar o óleo aromático. Tabita gostava muito de observar o processo, embora quase nunca precisasse ajudar. Essa era uma tarefa própria dos trabalhadores diaristas.

\* \* \* \* \*

Haviam chegado as cores douradas do outono. Com o mês de hesvã, vinha a promessa das chuvas temporãs. Essas chuvas caíam principalmente à noite, trazendo frescor às plantações. Para Tabita, tratava-se de uma das mais belas épocas do ano. Tempo de regozijar-se por tudo o que Deus lhes dera, na colheita dos cereais, nos vinhedos e pomares.

Tabita envolveu-se na rotina da vida mais uma vez. De manhã, saía cedo para buscar água e então, após o desjejum, sempre passava tempo no átrio, trabalhando com a mãe. Naquela manhã, Tabita concluía seu bordado, enquanto a mãe trabalhava no tear.

Nesses dias, ao se dirigir ao poço, ela raramente via Bani no mercado. Ele completara 12 anos e, enfim, começara a ir à escola, muito a contragosto. “Já era tempo”, dizia a mãe dele. A pesca andava fraca no mar da Galileia, e o pai de Bani, por fim, concordou que chegara a

hora de o garoto assistir às aulas na sinagoga local. Cafarnaum tinha uma das excelentes escolas para meninos, com alguns dos melhores instrutores na Galileia. O rabi Eleazar era um dos professores, como também seu escriba, Asafe.

Bani detestava ir à escola, e resmungava sempre que houvesse alguém por perto para ouvir. Certa manhã, quando Tabita o viu outra vez vendendo peixe no mercado, ele a importunou com suas reclamações. – O rabi Eleazar é chato – queixou-se Bani. – Ele nos obriga a memorizar versos da Torah, até a gente quase endoidecer!

– Ora, uma escolinha nunca machucou ninguém! – ria Tabita. – Você só está bravo porque não pode mais andar por aí o tempo todo!

– Exatamente! – afirmou Bani, irrequieto –, e não tenho vergonha de dizer. Quem inventou a escola deve odiar os meninos.

Naquela tarde, quase ao pôr do sol, quando Tabita estava novamente buscando água no poço da vila, ela ouviu as moças falando sobre Jesus e outro milagre inacreditável.

– Vocês souberam que Jesus ressuscitou um rapaz? – perguntou Miriam toda importante, enquanto enchia o cântaro com o balde de couro que todas usavam para tirar a água. Ela visitava o poço todos os dias e era a mais velha das cinco filhas da família de Héber. – A história já correu por toda parte! – exclamou. – Dizem que aconteceu na pequena vila de Naim, nas colinas do sul da Galileia. Jesus e seus discípulos tinham acabado de chegar quando viram uma procissão fúnebre saindo pelo portão da vila, a caminho do cemitério.

– Acho que não foi em Naim – contradisse outra jovem. – Ouvi dizer que foi em Séforis.

– Não, foi em Naim – retrucou Miriam, em tom autoritário. – De qualquer maneira, Jesus parou a procissão fúnebre e ordenou aos moços que carregavam o caixão que o pusessem no chão. A mãe, viúva, estava em prantos. O rapaz tinha apenas 16 anos. Era seu único filho, e ela não teria ninguém para cuidar dela quando ficasse velha.

– Que lástima! Pobre mulher! – o grupo de meninas murmurou, esquecendo-se do enfoque real da história.

– Sabem, fiquei com muita pena dela quando soube da história – acrescentou uma terceira garota que acabara de chegar ao poço. – A viúva estava tão histérica que mal conseguia caminhar ao lado do corpo do filho no caixão. Ela era pobre e, naturalmente, não tinha como sepultá-lo de maneira digna. Ela não pôde preparar o corpo do filho com especiarias, como os ricos fazem, e não possuía uma sepultura nobre. Acho que iam enterrá-lo numa simples caverna, em algum lugar.

– Sim, de qualquer maneira – Miriam interrompeu –, a parte mais incrível da história foi que Jesus tocou o cadáver do garoto e mandou que ele se levantasse. Vocês conseguem imaginar isso!?

De repente, uma garota surpresa com o relato deu um grito e acabou esbarrando em Tabita, derrubando o cântaro das mãos dela. Felizmente, não havia água dentro para ser desperdiçada. Diante da reação surpreendente, as meninas junto ao poço simplesmente riram.

Miriam franziu a testa diante da distração. – Como eu ia dizendo, as pessoas recuaram diante dessa cena. Eu faria a mesma coisa! De qualquer maneira, diante da ordem de Jesus, o rapaz se sentou!

Tabita ficou muito interessada na história. Com os olhos da mente, imaginou tudo como se ela estivesse no local, vendo em pessoa a cena.

– Dizem que a pobre viúva gritou e desmaiou no mesmo instante. Se os moços não a houvessem segurado, ela cairia ali mesmo, na estrada – Miriam colocou o dorso da mão sobre a testa, como se ela mesma fosse desmaiar também.

# CAPÍTULO 15

Toda as meninas gritaram diante dos detalhes da história de Miriam, mas depois seus gritos se misturaram com risos, e as pessoas que passavam na rua começaram a olhá-las de modo estranho.

– E depois, o que aconteceu? – perguntaram várias delas, por fim, quando as risadas cessaram. – Não faça suspense. Você nos mata com essa história!

– Bem, o rapaz começou a falar, perguntando o que havia acontecido – Miriam resplandecia, com a atenção que estava obtendo. – Por que todo o mundo estava reunido em volta dele, na estrada? Jesus era o único que tinha coragem suficiente para se aproximar dele. A mãe não pôde responder. Ainda estava inconsciente, de modo que Jesus, por fim, acabou contando ao rapaz que ele havia morrido.

– Oh! – gemeram as meninas. – Vocês gostariam que alguém lhes dissesse que estiveram mortas?

Tabita mal podia imaginar uma situação dessas acontecendo; mas, se acontecesse, ela achou que a melhor coisa, depois dos seus pais, seria ouvir a notícia pelo próprio Jesus.

– Foi muito estranho! – continuou Miriam, com ar de suspense. – Quando a mãe do rapaz afinal recobrou a consciência, Jesus estava ajudando-o a se levantar. A maioria dos discípulos ainda observava à distância; mas Tiago, João e Simão Pedro, por fim, se aproximaram.

Tabita e as outras meninas haviam enchido seus cântaros de água a essa altura, mas ainda ficaram por ali conversando, como se esperassem que a história tivesse mais detalhes.

– Será que tudo aconteceu desse jeito mesmo? – perguntou, timidamente, uma garota de longas tranças.

– Aconteceu sim! Fiquei sabendo dessa história por meio de uma fonte muito confiável, hoje de manhã. Minha irmã me contou que ela a ouviu de Milca, a velhinha que faz cestas



no mercado. O filho dela leva as cestas para todas as vendinhas das aldeias, e esteve em Naim no dia em que aconteceu.

Tabita piscava, surpresa, enquanto ouvia as meninas contarem e recontarem os pormenores da história. Parecia que Jesus podia mesmo ter ressuscitado o rapaz, mas ela desconfiava das comerciantes do mercado. Essas mulheres eram conhecidas por inventar histórias exóticas, que as moças no poço da cidade se encarregavam de espalhar como fogo descontrolado. Em geral, horas depois de uma “notícia” chegar a Cafarnaum, todos os moradores já haviam escutado a história, fosse ou não verdadeira. A mãe de Tabita sempre dizia que os fofoqueiros da cidade haviam formado seu próprio moinho de mexericos. Suas rodas começavam a movimentar-se todas as manhãs, junto ao poço, ganhavam impulso no mercado ao longo do dia, e terminavam o circuito outra vez junto ao poço, ao entardecer.

Tabita não se permitia acreditar nessas lendas com base na palavra de pessoas tagarelas junto ao poço. Mas seria esse um milagre de Jesus ou apenas outra dessas histórias? Quem lhe daria crédito só por tomar conhecimento dela por meio de garotas que geralmente nada tinham de melhor a fazer a não ser dar risadinhas, falar sobre rapazes e simplesmente agir de modo fútil?

Contudo, quando Tabita viu Bani passando a caminho do atracadouro, com uma cesta de lanche para seu pai, ele confirmou a história. – Meu tio Amós estava lá – disse Bani. – Ultimamente, ele tem acompanhado Jesus cada vez mais e viu tudo. Depois disso, acho que ele, com certeza, se tornará um dos discípulos do Rabi.

Naquela tarde, quando Tabita voltou para casa, Ana lhe disse que Zerua havia estado fora o dia todo. – Hulda não anda bem – disse Ana, enquanto se ocupava limpando a cozinha, do outro lado do átrio. – Sua mãe está ajudando-a a lavar roupa. Ela quer que Hulda descanse um pouco e pare de fazer tanta coisa em casa – Ana entregou a Tabita uma tigela de ensopado e um pouco de pão. – Sente-se, menina, e tome sua refeição. Quando terminar, descanse um pouquinho e, depois, sua mãe gostaria que você fosse lá ajudar também.

Tabita sentou-se sobre o tapete circular no átrio para jantar em silêncio. Após um longo dia de atividades, ela ficou contente por poder relaxar. Ainda teria que ir à casa de Hulda, de modo que não havia terminado seu serviço para aquele dia, mas não se importou. A casa de Hulda não ficava longe e ela necessitava de auxílio. Tabita se preocupou ao pensar em sua mãe lá, esfregando roupas.

*Mamãe é uma mulher rica, pensou Tabita. Por que ela não manda uma das servas para ajudar Hulda? Mas a garota já conhecia a resposta para essa pergunta. Zerua era uma mulher*

piedosa e cria que praticar boas obras não era algo que você mandasse alguém fazer em seu lugar. Para obter a bênção, você precisaria praticá-la pessoalmente.

Enquanto Tabita saboreava o ensopado quentinho de lentilhas, uma dupla de grilos cricrilava na parreira que subia pela parede do átrio. Ela mastigou um pedaço do pão de cevada e observou duas maritacas tagarelando nos ramos superiores do sicômoro do pátio. Aquela era sua casa, e ela se sentia agradecida a Deus por sua mãe, seu pai e todas as corriqueiras bênçãos da vida. O ensopado de lentilhas e o pão de cevada eram gostosos, e a paz que sentia ali, algo maravilhoso. Tabita pensou: “Deus é tão bom ao me mandar todos esses lembretes de seu amor e cuidado!”

Quando Tabita chegou à casa de Hulda, sua mãe fazia as últimas tarefas na casa. – Você veio salvar a situação, Tabita! – Zerua deu um suspiro de alívio ao ver sua filha, e lhe deu um abraço. – Muito obrigada por ter vindo. Hulda já foi dormir. Você poderia fazer algo muito importante por mim, hoje à noite?

– Claro! – Tabita tentou parecer animada.

– Você se importaria de passar a noite aqui e ficar de olho em Hulda? Ela perdeu bastante sangue outra vez, e estou muito preocupada. Há uma esteira pronta, no chão do quarto dela, na qual você ou eu podemos dormir, mas estive aqui a tarde toda, e fiquei exausta. Você se importaria?

– Não, fico feliz em ajudar – disse Tabita; embora, na verdade, quisesse voltar para casa e dormir na própria cama.

– Ah, muito obrigada, filha! – Zerua deu um beijo na testa de Tabita. – Você é tão boa e preciosa para sua mãe. Se puder ficar até ver como estão as coisas com ela pela manhã, seria maravilhoso!

Assim, Tabita ficou para passar a noite. Hulda descansou bem. Não se levantou durante a noite e não teve ameaças de desmaio. A própria Tabita dormiu um sono profundo e acordou de manhã como se houvesse dormido uma vida inteira.

– Como você está se sentindo? – perguntou a Hulda, quando a jovem viúva, por fim, se mexeu.

– Tabita, o que você está fazendo aqui? Eu não sabia que você tinha vindo. Há quanto tempo está aqui?

– Desde ontem à noite – Tabita sorriu, enquanto trazia para Hulda um copo de água.

– Ontem à noite? A última coisa de que me lembro foi de sua mãe me acomodando na cama. Devo ter caído no sono de imediato.

– Sim, você dormiu bem – Tabita pegou uma escova da mesinha do quarto de Hulda e começou a escovar-lhe os longos cachos escuros. – Vai precisar de mim para fazer alguma coisa hoje?

– Não, não! Eu não poderia pedir de você algo mais do que já recebi – respondeu Hulda, com seus agradecidos olhos cinzentos. – Você já fez bastante.

– Certo, porém, minha mãe deixou instruções para que eu fique e ajude, e uma vez que ela não está aqui e não me chamou de volta, estou disposta a fazer o que puder. Que tal a água? Posso buscar seu abastecimento para o dia?

Os olhos de Hulda se encheram de lágrimas, ao contemplar a bela menina. – Muito obrigada, Tabita – suspirou ela, enxugando as lágrimas. – Como posso lhe agradecer?

– Bem, pode começar ficando boa outra vez – disse Tabita, alegremente, ao se encaminhar para o pequeno pátio a fim de buscar o cântaro de água. – Volto logo! – disse ela, saindo pelo portão da frente.

O sol já nascera e estava acima do horizonte quando Tabita chegou ao poço da cidade; mas, para sua surpresa, não havia ninguém tirando água. Assim, em pouco tempo, ela estava de volta. Quando chegou à casa de Hulda, esta se encontrava de pé e trabalhando na cozinha. A mulher havia colocado sementes de cevada na pedra de moer e acabava de sentar-se no degrau da porta para moê-los.

– Que você está fazendo em pé? – Tabita perguntou, desconfiada.

– Fazendo pão – Hulda tentou parecer inocente.

– Ah, não vai não! – Tabita se alvoroçou. – Pode esquecer. Se mamãe soubesse que deixei você fazer algo assim, ela me repreenderia – e talvez a você também!

## CAPÍTULO 16

Hulda continuou trabalhando. – Não é grande coisa, Tabita. Na verdade, estou me sentindo bem hoje de manhã.

Tabita foi até onde Hulda estava sentada e balançou a cabeça, enfaticamente. – Você quer que eu me meta numa encrenca?

– Preciso fazer alguma coisa por aqui para me sentir útil – argumentou Hulda.

– Bem, mas não isso! – Tabita insistiu com uma autoridade além dos seus 12 anos. – Se deseja fazer algo, por que não vai atrás de alguma costura ou outro trabalho de agulha?

Com isso, Tabita assumiu a tarefa de assar o pão. Moeu a cevada, misturou o fermento na farinha e depois deixou a massa crescer. A seguir, sentou-se para escolher feijão e grão-de-bico a fim de preparar um ensopado para a refeição da noite. Os grãos-de-bico estavam muito limpos, mas o feijão continha um bocado de pedrinhas e palha misturadas, que haviam sido deixadas pelos debulhadores.

Por volta da metade da manhã, alguém bateu à porta, e por acaso era Bani.

– Por que você não está na escola? – perguntou Tabita, como se fosse a irmã mais velha dele.

– Ah, o rabi Eleazar precisou ir a Betsaida, de luto pela perda de sua mãe, e suspendeu as atividades até semana que vem ou até encontrarem alguém para dar as aulas em lugar dele. Grande recesso para mim, hein? – o riso de Bani brilhava como o sol da manhã. – Quero dizer, não é grande pelo fato de a mãe dele ter morrido; mas, bem, você sabe o que quero dizer – apressou-se ele a acrescentar.

– Tudo bem, jovem, você está perdoado desta vez – Tabita tentou parecer gente adulta, mas não pôde deixar de rir também.

Bani foi recebido no pátio e ajudou a limpar a horta. Os pepinos e as ervilhas já haviam

acabado a essa altura, mas as hastes secas precisavam ser arrancadas e queimadas. Depois de empilhá-las no canto do quintal, ele buscou algumas brasas no pequeno fogão de barro da cozinha e pôs fogo na ramagem.

Hulda se levantou várias vezes para verificar a massa do pão, que a essa altura já estava bem crescida. No meio do caminho, passando pelo pátio, ela ficou atordoada e precisou recuperar o equilíbrio. Tabita notou e deu um pulo para levá-la de volta à almofada sobre a qual estava sentada enquanto costurava.

Quando o pequeno fogo no quintal se apagou, Bani veio sentar-se ao lado de Hulda. – Sabe, estive pensando – disse ele, com uma expressão séria no rosto. – Se os médicos não podem fazer nada por você, por que você não procura Jesus? Ele faz todo tipo de milagre. Ele fez o coxo andar e o cego ver. E cura até os leprosos! Talvez Ele possa curar você.

– Acho que eu poderia fazer isso; mas, bom, vou ficar bem. Só preciso descansar um pouco até recuperar as forças.

Tabita parou de escolher o feijão no colo. – Sabe, Hulda, acho que Bani tem razão, e não sei por que não pensamos nisso antes. Temos um operador de milagres morando bem aqui, em Cafarnaum, e nem sequer lhe demos uma chance de ajudá-la.

– Na verdade, estou bem, crianças – começou ela, mas depois parou, quando viu a expressão no rosto deles. – Bem... se vocês de fato acham importante, vou pensar no assunto.

– Pensar no assunto? – Bani franziu a testa e balançou a cabeça, incrédulo. – Isso é tudo o que você vai fazer?

Hulda deu um profundo suspiro e fixou os olhos nas nuvens que passavam pelo profundo azul do céu matutino. – Está certo. Vocês dois são persistentes mesmo. – E suspirou de novo. – Vou fazer isso, mas não vai ser fácil. Você sabe como sou tímida, Tabita.

– Não importa – Tabita terminou de escolher os feijões e os pôs de molho numa panela de barro. – Quando se trata da saúde, tem que deixar tudo de lado, especialmente com Jesus. Ele é tão bom! Ficaré feliz em ajudá-la.

– Sem dúvida! – Bani acrescentou. – E num piscar de olhos.

Ouviu-se outra batida no portão. – Sua mãe pergunta se está tudo bem aqui – Ana enfiou a cabeça pela estreita abertura.

– Tudo bem! – sorriu Hulda. – Você pode ir agora, Tabita. Já me ajudou muito. E

obrigada por ajudar também, rapaz – ela sorriu para Bani. – Você é um cavalheiro.

Com Bani fora da escola, ele tinha tempo para pescar com seu pai de novo, e Tabita não o viu por vários dias. Ela ia ao poço todas as manhãs, mas ele não aparecia sequer no mercado de peixes. *Deve estar fora da cidade*, imaginou. Ao pensar nisso, Tabita se deu conta de que Jesus também não havia estado em Cafarnaum nos últimos dias. Ela se indagava se isso estava relacionado à ausência de Bani.

Uma semana depois, ela obteve a resposta no mercado, quando Bani, por fim, retornou de uma viagem ao longo da costa da Galileia. Tabita teve que admitir que ficou contente por vê-lo. Desde que o amigo havia começado as aulas na sinagoga, ela dificilmente o via. Era difícil manter-se informada de todas as notícias de fora da cidade sem Bani por perto. As meninas junto ao poço tocavam seu moinho de mexericos com histórias frívolas acerca de ligações amorosas em Cafarnaum: quem flertava com quem, quem devia noivar a seguir, e quem já havia sido dada em casamento por um dote de certo valor. As mulheres mais velhas no mercado tinham sua própria corrente de fofocas. Passavam muito de seu tempo contando histórias maldosas acerca dos atos vergonhosos praticados por pessoas piedosas da cidade, que alegavam ser justas.

Tabita não queria saber nada disso. Não tinha tempo nem interesse nessas fofocas. Desde a história do rapaz de Naim que fora ressuscitado, as meninas e mulheres não falavam nada que valesse a pena ouvir. É tudo muito tedioso, ela pensava. Frequentemente, Tabita desejava se livrar da vida monótona de Cafarnaum!

Acima de tudo, ela sentia falta das histórias de Bani. Sentia falta dos relatos que o garoto contava acerca das aventuras no mar com o pai dele – e das façanhas de Jesus. Tabita não sabia explicar, mas quando Bani lhe contava os últimos milagres que o Rabi realizara, ela se sentia como se estivesse presente, vendo e ouvindo tudo.

– Jesus é o melhor pregador da Galileia! – Bani vibrava, enquanto baixava o cesto de peixes no mercado. – Na verdade, acho que ele é o melhor pregador em todo Israel. Dizem que Ele atrai verdadeiras multidões em Jerusalém! – Bani falava como se fosse alguma autoridade nessas coisas, mas Tabita não se importava. Naquele momento, ela só queria ouvir as últimas notícias de tudo o que ocorrera, desde que ela o vira pela última vez.

– Onde você esteve esse tempo todo? – perguntou Tabita. – Aqui fica chato quando você não está.

– Eu estava do outro lado do mar com meu pai. Viajamos com Jesus até Magdala e Tiberíades.

– Jesus realizou algum milagre? – Tabita perguntou, passando o peso do cântaro de água de um quadril para o outro.

– É claro! – começou Bani. – Ele curou cegos, surdos e pessoas que não podiam caminhar. Curou endemoniados também, e leprosos, e pessoas com braços mirrados, e pessoas com problemas no coração e estômago, e pessoas paralíticas ... – os olhos de Bani transmitiam animação. – Elas eram levadas em redes, macas e nas costas dos amigos. Chegavam cedo de manhã, e nas horas mais quentes do dia, e durante a hora das refeições, e tarde da noite. Às vezes, chegavam até quando Jesus estava dormindo – Bani havia se empolgado, e Tabita sorriu ao ver que ele não parava de falar desse jeito sobre Jesus.

– Meu tio, agora, é discípulo de Jesus – Bani acrescentou –, e ele disse às pessoas que elas precisavam deixar Jesus repousar. Era isso mesmo que eu estava pensando, mas o Rabi disse: “Não. Está bem. Deixe que venham.” Quando as pessoas precisam de ajuda, Ele acha que não é certo mandá-las embora.

– Eu só observava; mas, uma vez ou outra, tinha que concordar com meu tio – Bani recebeu a moeda que um freguês lhe entregava pela compra de alguns peixes. – Às vezes, acho que Jesus é bom demais. Quero dizer, todos querem alguma coisa dEle, mas poucos desejam, realmente, fazer algo por Ele. E os fariseus não ajudam muito quando são invejosos. De vez em quando, fico tão doido que tenho vontade de dizer a eles: “Vão embora! Se não podem ser legais com Jesus, simplesmente saiam daqui! Vão a algum outro lugar e reclamem para outra pessoa. Jesus não merece isso!” – os olhos de Bani faiscavam, e Tabita teria rido se ele não parecesse tão bravo.

– Puxa! Você está mesmo se tornando um sério seguidor de Jesus. Deve ter passado um bom tempo com Ele – Tabita soltou o cântaro de água, sabendo muito bem que ficaria ali para ouvir mais histórias. – Você ficou com Ele durante todo o tempo em que esteve fora de Cafarnaum?

– É. O tempo todo. Fiquei pensando que sairíamos e voltaríamos para nossos barcos de pesca, mas não voltamos. Perdemos ao todo cinco dias de pesca. Eu jamais pensei que meu pai ficaria com Jesus por tanto tempo. Geralmente ele só quer trabalhar, trabalhar, trabalhar o tempo todo; mas, nesta última semana, ele estava diferente. Foi muito legal! Talvez meu pai estivesse tão interessado em tudo o que via Jesus fazer, que não queria ir embora de jeito nenhum. Era como se ele tivesse fome de ouvir as palavras de Jesus e ainda não houvesse sido saciado. Às vezes, quando íamos dormir à noite, eu ouvia meu pai e meu tio conversando até bem tarde sobre tudo o que estava acontecendo.

# CAPÍTULO 17

– Uau! – agora Tabita estava com inveja de Bani. – Deve ter sido ótimo passar uma semana inteira com Jesus. Aqui, em Cafarnaum, tenho que fazer as mesmas coisas, tudo de novo, até achar que vou ficar doidinha. Carregar água do poço, moer trigo e cevada para fazer farinha, assar pão, escolher feijão, lentilha e grão-de-bico para o ensopado, ajudar as criadas a esfregar as roupas no dia de lavar, varrer o pátio ou bordar quando mamãe vê que não tenho nada mais para fazer ... – ela suspirou e revirou os olhos, mas Bani não estava prestando atenção.

– Você precisava ouvir as histórias que Jesus contou – ele interrompeu. Tabita gostava muito de Bani, e, sem dúvida, apreciava as histórias. Mas, às vezes, ele falava demais, sem deixar ninguém mais falar e sem ouvir o que outra pessoa tentasse dizer.

– Jesus falou sobre coisas da vida de cada dia – Bani continuou. – Situações que pessoas comuns como nós entendem e sobre as quais têm interesse. Falou sobre trigo e ervas daninhas e todos os tipos de solo, e sobre como a agricultura pode ser comparada ao reino de Deus. Falou sobre sementes de mostarda, as menores de todas, e as comparou com a fé, porque elas crescem, crescem, até ficar do tamanho de uma árvore.

– Ah, e gostei das histórias que Jesus contou sobre pescaria! – disse Bani, entusiasmado. – Ele falou sobre redes para pescar todo tipo de peixe. Alguns são bons para se comer, e alguns não são comestíveis – Bani acelerou seu relatório, como se temesse que Tabita tentasse interrompê-lo dizendo algo. E ela teria tentado, mas sabia que era inútil. Nesse momento, ela só queria saber mais sobre Jesus.

– As melhores histórias, entre todas, foram as que Jesus contou sobre achar tesouros – os olhos de Bani se iluminaram. – Ele intitulou uma delas como “A Pérola de Grande Preço”. Foi uma história muito legal, como também a do homem que encontrou um baú de tesouros enquanto arava o campo do seu patrão. Ele ficou muito eufórico, mas sabia que não podia levá-lo porque não lhe pertencia, e assim o cobriu de novo. Depois foi e vendeu tudo o que tinha para comprar aquele pedaço de terra, a fim de poder ficar com o tesouro –



Bani olhava longe. – Bem que eu queria ser a pessoa que encontrou a caixa do tesouro!

– Ah, Bani, é só uma história – Tabita riu.

– Não, não é! – disse Bani com uma expressão séria no rosto. – As histórias que Jesus conta são verdadeiras. São todas sobre o reino de Deus, e sobre como Ele vem à nossa procura.

Tabita nem acreditava no fato de Bani parecer um pregador naquela manhã. Ele era um menino diferente agora, mais maduro ou coisa parecida, embora ela desejasse que ele a deixasse falar de vez em quando. Mas, acima de tudo, ela só gostaria de ter estado lá para ouvir Jesus também. Bani era privilegiado.

No dia seguinte, enquanto Tabita ajudava sua mãe a preparar-se para o casamento de um primo, Bani passou por ali, quase sem fôlego. – Jesus vai sair pelo mar da Galileia hoje à noite, e nossos barcos de pesca vão com Ele! – gabou-se. Tabita ficou enciumada; mas que poderia fazer? Ela vivia num mundo feminino, de cozinhar, cuidar da casa e ir ao poço da cidade. Ela pensou nisso o dia todo, desejando fazer parte daquela experiência que Bani aguardava.

No fim da tarde, quando saiu a fim de buscar no poço o suprimento de água para a noite, Tabita parou junto ao atracadouro de pesca. Bani acenou para ela, enquanto ajudava seu pai a carregar para dentro do barco as linhas de pesca, redes e cordas. Joel também estava lá com o pai dele. As esposas dos pescadores acondicionavam cestos de alimento e odres de água sob os bancos dos pequenos barcos de pesca. Muitos servos e auxiliares se haviam reunido com o objetivo de ver a partida dos pescadores. Mas, onde estava Jesus? Ele seguiria em direção ao mar, como Bani havia dito, ou algo o detivera, como acontecia com frequência?

Não demorou muito, Bani voltou à praia a fim de comprar um pouco mais de pão para a viagem. Tabita pôs o cântaro de água no chão e foi ao mercado com ele. Uma senhora idosa ofereceu aos dois um pedaço de peixe seco. – Muito obrigada! – Tabita agradeceu, comendo a porção com apetite. – Estou com fome. Mamãe e eu trabalhamos tanto hoje, nos preparativos para o casamento, que nem tive tempo de me alimentar.

– Eu agradeço – disse Bani diante do peixe que a velhinha oferecia, virando-se para voltar aos barcos. – Estou cansado do cheiro de peixe!

Tabita ouviu uma comoção na estrada que vinha de Betsaida e imaginou que aquilo estava relacionado com Jesus. Dito e feito! Ali vinham os seus discípulos. Agora eram 12,

viajando com o Rabi por onde quer que Ele fosse.

Nesse momento, agrupavam-se ao redor de Jesus, abrindo o caminho para Ele passar. Atrás vinha a multidão de observadores – os curiosos, os desesperados, e os simplesmente necessitados, sempre clamando por um momento com Jesus.

Ao fazerem uma curva na estrada, Tabita viu o Rabi, que parecia estar sem pressa e não se deixava afetar pela multidão que o apertava. Ele vestia a mesma túnica branca e o manto azul com capuz, que sempre usava. Alguns diziam que eram as únicas roupas que Ele possuía, e ela se indagava se seria verdade. *Como pode ser que um Rabi importante na Galileia tenha apenas um traje? Os homens, às vezes, são assim,* pensou Tabita. *Jesus é conhecido especialmente por seu gosto simples.*

Então, Tabita notou um homem bem vestido correndo na direção da multidão, vindo de uma travessa. Era Magdiel, um mercador importante e líder na cidade de Cafarnaum. Ele tentava abrir caminho pelo meio das pessoas, mas, como sempre, estas cercavam Jesus por todos os lados. *O que ele está fazendo aqui?* Tabita queria saber. *Teria comprado alguns barcos de pesca?* Ele bem podia fazer isso. Tabita sempre se sentia bem quando via Magdiel nas ruas de Cafarnaum. Ele era um autêntico cavalheiro, genuinamente cortês, e sempre bem vestido, com roupas de seda púrpura.

Tabita procurou um lugar mais alto, de onde pudesse ter uma vista melhor. Ao ver ali perto um enorme vaso de argila virado com a boca para baixo, subiu nele. A essa altura, Magdiel já havia chegado ao centro da multidão. Mas o que ele desejava? Depois de Jesus, era o homem mais importante no cais. Ela acreditava que havia algum motivo para que dois homens tão influentes estivessem no mesmo lugar e ao mesmo tempo. A garota tinha razão.

De súbito, Magdiel fez algo surpreendente. Caiu de joelhos diante de Jesus, no pó da rua. Para um camponês ou homem do povo, seria algo de se esperar. Não seria nem mesmo incomum que a filha de um homem rico demonstrasse esse respeito; mas, para um rico mercador e líder na cidade, aquilo causou impacto.

Todos, na multidão, ficaram quietos quando viram essa demonstração de respeito e reverência.

– Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? – Magdiel perguntou de forma humilde.

Um murmúrio de surpresa se espalhou pela multidão e a própria Tabita achou que se

tratava de uma pergunta estranha, vinda de alguém tão favorecido por Deus. Magdiel era riquíssimo. Alguns diziam ser ele ainda mais rico que o pai de Tabita. Entrando na faixa dos 30 anos, Magdiel era um comerciante bem-sucedido na área de trajes e acessórios importados das cidades costeiras de Tiro e Sidom. Sua rede de lojas ao norte e sul da Galileia o haviam tornado o mais próspero mercador nessas regiões. Ele possuía várias propriedades de terra ao redor de Cafarnaum, nas quais havia plantações de cevada e trigo, vinhedos e pomares de oliveiras e romãs. Também tinha um rebanho de cabras – mais de 200 cabeças – e cada uma o tornava infinitamente rico aos olhos dos aldeões. Além disso, era um estimado governante no conselho municipal e na sinagoga, uma honra que quase nunca se concedia a um homem de sua idade.

*Afinal, por que Magdiel fez uma pergunta como essa? Tabita estava curiosa. Todos sabiam que a riqueza era uma bênção de Deus. Um homem com o padrão social de Magdiel já não tem lugar garantido no reino de Deus?*

Jesus olhou com atenção para Magdiel, como se procurasse algo nos profundos olhos cinzentos do jovem. – Por que você me chama bom? – perguntou Ele. – Só existe um que pode ser legitimamente chamado bom, e esse é o Pai no Céu.

Magdiel concordou com a cabeça e deu a impressão de querer dizer algo, mas aí parou.

– Você conhece os mandamentos – continuou Jesus. – Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não mentirás, não defraudarás ninguém, honra teu pai e tua mãe.

– Sim, Mestre – Magdiel falou, por fim, ainda com a cabeça inclinada. – Tudo isso tenho feito desde menino – seu rosto conservava aquela expressão, como se ele sentisse que ainda havia algo que lhe faltava, como se houvesse algo mais que ele devia fazer a fim de garantir para si um lugar no Céu.

## CAPÍTULO 18

Jesus pôs a mão no ombro de Magdiel. – Filho, só uma coisa lhe falta – Ele sorriu de maneira bondosa e olhou para o jovem por tanto tempo, que Tabita teve certeza de que eles já deviam se conhecer. – Vá agora mesmo e venda tudo o que você possui – disse Jesus. – Suas casas, terras, seu comércio, os rebanhos e manadas. Dê tudo o que tem aos pobres. Tome sua cruz, venha seguir-me para pregar o evangelho, e você terá um tesouro no Céu.

*Puxa! Que declaração! Que desafio!* Tabita surpreendeu-se mais com a resposta de Jesus do que com a pergunta de Magdiel. Na verdade, sua surpresa foi tão grande que ela perdeu o equilíbrio e quase caiu de cima do vaso de argila sobre o qual estava. Será que Magdiel é uma pessoa tão má que precise renunciar a tudo? E como o ato de dar tudo aos pobres vai salvá-lo? Para um homem rico, desistir de todo o seu dinheiro e das posses para seguir Jesus parecia, de fato, algo extremo a fazer. Tabita achou que não se importaria de fazer uma coisa dessas; mas, afinal, ela não possuía nada. Era apenas uma garota.

A multidão escutava, esperando para ver o que Magdiel faria. Seu rosto parecia tenso. Ele, provavelmente, ficara tão chocado quanto os ouvintes, com a resposta de Jesus. Ninguém imaginava que Magdiel fosse fazer, na prática, o que o Rabi pedia. Ser muito rico era um sonho que as pessoas comuns costumavam ter, e ali se encontrava Jesus, sugerindo que o homem rico desse tudo para os outros. Aquilo parecia tão absurdo!

Tabita pensou nessa questão. *Se renunciar à sua riqueza era aquilo que Magdiel precisava fazer para ser salvo, como pode qualquer um de nós ter esperança?* Tabita tinha dado esmolas muitas vezes aos mendigos no mercado e do lado de fora da sinagoga, mas ela nunca poderia dar tanto quanto Magdiel podia. Muitas pessoas, na multidão, eram paupérrimas, sem um tostão. Poderiam dar pouco ou nada. *Isso significa que é impossível que os pobres se salvem?*

É intrigante. Jesus está falando sobre distribuir tudo o que se possui? Talvez *Ele esteja dizendo, isso sim, que as pessoas precisam colocar o Senhor em primeiro lugar em tudo. Se não tomarem cuidado, seu dinheiro poderá impedi-las de colocar Deus em primeiro lugar. Foi por isso que Jesus disse que Magdiel devia dar tudo? Talvez a riqueza de Magdiel esteja se tornando mais*

*importante para ele do que o Senhor.*

A mente juvenil de Tabita esforçava-se para assimilar todas essas grandes perguntas e suas respostas igualmente importantes, mas não havia tempo para continuar pensando, porque Magdiel se afastava de Jesus naquele momento. As pessoas o observaram em silêncio, enquanto ele passava pela multidão. Sua cabeça estava inclinada e os passos eram lentos. Tabita achou que os ombros dele pareciam uma corcunda, como se ele acabasse de passar pela maior decepção de sua vida.

No entanto, ela não se surpreendeu. De fato, não. As pessoas ricas, em geral, eram muito orgulhosas do que tinham, e ela concluiu que isso fazia com que se sentissem superiores aos outros que não tinham tais coisas. Tabita pensou no próprio pai. Ele era rico. Estaria orgulhoso do que tinha? Será que se sentia superior aos outros? Ela esperava que não, mas precisaria pensar sobre essas questões por algum tempo.

Jesus também observou Magdiel se afastar. – Como é difícil, para aqueles que confiam nas riquezas, entrar no reino de Deus! – disse Ele, um pouco melancólico. – Eu diria que é quase mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus – havia um ar de tristeza nos olhos do Rabi, como se Ele sentisse que uma importante batalha pela salvação daquele homem fora travada e perdida.

Houve um murmúrio entre as pessoas diante das estranhas palavras de Jesus. *Mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus?* Tabita piscou diante da ideia desse comentário. *O que significa essa declaração?* Lógico, era impossível que um camelo passasse pelo fundo de uma agulha. Nada mais óbvio que isso. Então, Jesus estava dizendo que era impossível um rico entrar no Céu? Talvez, quem sabe, não fosse isso. Talvez fosse que o dinheiro podia tornar as pessoas gananciosas e egoístas, e eram suas atitudes que as tornavam inaptas para o Céu.

Então Jesus disse algo sobre uma cruz. Tabita não tinha ideia do que ele queria dizer com isso. Todos os dias, o Rabi dizia algo surpreendente para as multidões, e fazia com que até seus discípulos se admirassem diante dos mistérios da salvação. Mesmo assim, Ele tornava o evangelho bastante simples – muito mais simples do que os escribas e fariseus na sinagoga ou nas cerimônias do templo em Jerusalém. Ele contava histórias maravilhosas! Fazia com que o reino de Deus parecesse tão perto, e o caminho para o Céu mais fácil do que ela sempre imaginara que seria. Uma coisa era certa – Jesus sempre fazia com que Tabita parasse e pensasse. Ela teria que perguntar a Bani sobre todas essas coisas quando ele voltasse da sua viagem marítima.

Chegara o momento de Jesus partir. Nesse instante, Ele entrava no barco de Simão

Pedro, que balançava calmamente nas águas do mar. Ao seu lado estava o barco no qual se encontrava Bani, mais orgulhoso que nunca. Tabita tinha a curiosidade de saber que aventuras ele viveria antes de retornar da viagem.

Ao pôr do sol, os barcos zarparam do cais, e Tabita foi para casa com o cântaro de água sobre a cabeça. Ao subir pelas ruas calçadas do setor mais rico da cidade, onde ela morava, não pôde deixar de pensar outra vez em quão monótona havia se tornado sua vida. Buscar água no poço todos os dias não era bem uma emoção, com todas aquelas histórias que as meninas gostavam de contar. E cumprir tarefas pela casa podia ser um tédio. Embora tarefas como escolher lentilhas, moer grãos e fazer pão não fossem tão cansativas, elas podiam se tornar enfadonhas.

Bani, por outro lado, fazia tudo o que era divertido na vida. Ele precisava ir à escola, e Tabita o invejava. Ele não ligava muito para isso, mas Tabita tinha certeza de que gostaria de ir à aula todos os dias, com os outros alunos. Um professor particular ia à casa dela lhe ensinar hebraico, matemática e as Escrituras. Mas, definitivamente, não era a mesma coisa.

Além disso, Bani tinha outros privilégios. Ele se vestia do jeito que queria, às vezes, usando uma simples túnica velha e ainda andando descalço. Tabita precisava vestir-se como adulta, porque estava se tornando uma moça. Tinha que usar sandálias, um xale, e cobrir a cabeça quando saía em público. Embora os judeus da Galileia não fossem estritos quanto a isso, como algumas das nações ao redor, eles gostavam que suas mulheres e meninas tivessem um véu pronto para ser colocado diante do rosto, se encontrassem um estranho na rua.

Mas Bani? Ele era livre como um passarinho. Saía, encontrava pessoas e, às vezes, passava tempo com Jesus pelo caminho. Exatamente como nessa ocasião. Nesse momento, ele seguiu para uma aventura num barco pesqueiro, no mar da Galileia, e Jesus e todos os seus discípulos também estavam lá. A vida poderia ser melhor para um garoto?

Tabita se acomodou para a noite e tentou se esquecer do seu descontentamento. Ficou repetindo que não deveria se preocupar com aquilo que não tinha condições de mudar. Sua mãe havia lhe dito isso mil vezes, e ela sabia que era um bom conselho, embora não gostasse muito dele naquele momento. Jesus também havia dito algo parecido, como ela bem se lembrava.

“Por que se preocupar?”, dissera Ele. “Vocês não podem ficar mais altos, por mais que pensem nisso. Não podem parar de envelhecer nem de se tornar grisalhos. Não se preocupem se haverá chuva suficiente para a colheita. Só Deus pode controlar essas coisas. Deixem que Ele cuide de todas as suas preocupações.” Foi algo assim.

A escuridão caiu sobre Cafarnaum. Tabita ajudou Ana a acender as pequenas lamparinas de argila e a abastecê-las com azeite de oliva. Durante o trabalho ela não pôde deixar de se perguntar como estariam Bani e os outros no mar. Onde estariam os barcos pesqueiros? Seria uma noite boa para a pesca? Antes de conhecer Bani, ela nunca soubera muito sobre pescaria, ou sobre como seria navegar à noite. Naquele momento, porém, ela pensava sobre a escuridão e as águas profundas, e o que acontecia com os pescadores quando havia tormentas no mar. Se isso acontecesse naquela noite, conseguiriam eles chegar a alguma aldeia ao longo da praia? Ela achava que sim, porque as tempestades no mar chegavam inesperadamente, de tempos em tempos.

Na verdade, as tormentas chegavam a ser bem violentas no meio do mar da Galileia. Até os marinheiros mais experientes temiam essas tempestades, que se abatiam numa questão de minutos, vindas dos montes ao redor. Muitas embarcações haviam naufragado naquela região.

Tabita tentou esquecer-se dessas coisas, enquanto a família se reunia para a refeição da noite. Ela, porém, não tinha muita vontade de comer. Seu estômago estava indisposto. Ana lhe deu um chá de erva amarga, feito com hissopo, e depois a acomodou na cama.

# CAPÍTULO 19

Enquanto isso, Bani e os outros pescadores seguiam o barco de Simão Pedro mar adentro. Pela direção das velas, ele entendeu que estavam em algum ponto oposto à vila pesqueira de Betsaida. Mesmo àquela hora, o garoto enxergava as fracas luzes que piscavam na sonolenta cidadezinha. Dez ou 12 barcos de Cafarnaum estavam agrupados; e, à luz pálida do luar, Bani podia ver dezenas de outros, de cidades ao longo das praias do norte e oeste. Ele havia perguntado se Joel podia ir com eles, já que o pai de seu amigo tinha dois outros primos ajudando no barco pesqueiro da família.

O barco de Simão Pedro era grande, em se tratando de barcos pesqueiros. Sobre a água, Bani podia ouvir Jesus e os discípulos cantando um hino. Naquela noite, todos os pescadores pareciam aglomerar-se perto do Mestre com seus barcos, como se Ele exercesse algum tipo de influência sobre eles. Bani não se surpreendia. Se Jesus podia fazer milagres inacreditáveis de cura em favor dos enfermos em Cafarnaum, talvez os pescadores achassem que Ele lhes daria boa sorte durante a noite de pescaria. Antes, ao entardecer, Bani tinha ouvido, no cais, alguns dos mais experientes pescadores mencionarem essa esperança.

A maioria dos pescadores era de judeus, mas eles também não tinham muito conhecimento. A superstição desempenhava grande parte nas decisões que tomavam cada dia, e muitos deles só viam Jesus como um talismã de boa sorte contra as forças do mal que eles temiam no mar. Sendo homens religiosos, o medo de fantasmas era muito real para eles. Consideravam-se as profundas águas da Galileia o lar de espíritos maus que causavam as tempestades no mar. Não admirava que muitos deles resolvessem não pescar de maneira alguma naquelas escuras águas. Mas, no fim, era necessário ter algum meio de sustento.

Bani, com o auxílio de Joel, ajudou seu pai a lançar as redes e, depois, se preparou para uma longa noite de pescaria. O garoto gostava dessas noites ali, no mar calmo; e, ao olhar para o barco de Pedro, podia ver que Jesus também gostava. Nesse momento, o Rabi estava sentado ao leme do barco, observando a lua prateada erguer-se no horizonte oriental. Bani sabia que Jesus precisava de um tempo como aquele – sem pressa e sem o aperto das multidões que o buscavam. Jesus era muito abnegado, e tinha o jeito de quem não saberia



jamais dizer “não” às massas de pessoas que lotavam os caminhos por onde Ele passava. Seu grande coração sempre lhes expressava simpatia, sempre as curava, as ensinava e dava atenção aos seus problemas. Mas Ele precisava, sim, de descanso.

Miríades de estrelas seguiam o seu caminho através do céu, enquanto a escuridão se aprofundava. Bani achou que nunca tinha visto uma cena tão pacífica. Acima dele, podia ouvir o assobio dos curiangos, voando daqui para lá em busca de insetos que também voavam por ali. De vez em quando, ele ouvia o barulho de algum peixe que saltava para fora da água.

O vento noturno sobre o mar era leve, e a lua ainda estava baixa, pouco acima do horizonte oriental. Os pescadores geralmente não saíam para o mar em noites enluaradas. Nessas ocasiões, os peixes não vêm à superfície porque os predadores noturnos, como aves e peixes maiores, podem vê-los melhor. No entanto, nessa noite, a lua ainda nem chegava a ser crescente, de modo que o reflexo de sua luz era fraco. Nuvens esparsas faziam-lhe companhia, permitindo que ela aparecesse de vez em quando para derramar seus débeis raios sobre o mar.

Bani concluiu que a noite seria calma para os pescadores. Até aquele momento, não haviam sentido puxões nas linhas, nem mesmo de pequenos cardumes que poderiam atravessar as redes mergulhadas na água. Às vezes, os pescadores ficavam sentados a noite toda, e pegavam bem pouco. Outras vezes, nada. Essa era a natureza do trabalho.

Em algum momento depois da primeira vigília da noite, Bani notou uma leve brisa soprando. Ele não havia passado muitos anos em mar aberto, mas sabia o suficiente para perceber quando isso podia ser o sinal de um perigo que se aproximava. Quando ele viu seu pai levantar os olhos ao céu na direção norte, sentiu que algo estava errado.

– O senhor acha que vai haver uma tormenta? – ele perguntou ao pai.

– Talvez sim, talvez não – Lemuel pegou uma romã de uma cesta no fundo do barco e a partiu. Jogou algumas das rosadas sementes na boca e saboreou sua doçura picante por um momento. Depois, deu uma metade da romã para Joel e outra para Bani. *Será que papai está preocupado com alguma tempestade?* Bani quis saber. Era difícil dizer, mas várias vezes, durante os minutos seguintes, ele notou que seu pai observava o céu.

Quando, porém, o vento atingiu as velas do barco, dando-lhes um empurrão, Lemuel ficou em pé. – Acho que seria melhor levar este barco a algum porto, algum lugar onde possamos ancorá-lo devidamente – disse ele, com um senso de urgência na voz. – Garotos, ajudem-me a puxar as redes para dentro!

Os pescadores nos outros barcos também estavam trabalhando para puxar as redes. Eles gritaram uns aos outros, dando orientação sobre que direção tomar e como melhor chegar lá. A maioria dos barcos na região estava com as velas içadas, mas quando o vento batia no tecido, Bani podia ver que os altos mastros das embarcações começavam a inclinar-se com a rajada que aumentava. Ele olhou para cima, para o céu estrelado que rapidamente desaparecia por trás de uma cobertura de nuvens, e entendeu que chegar à praia não seria fácil.

Relâmpagos iluminavam o céu. Bani se indagava se as embarcações seriam alvo dos raios no mar aberto, como era o caso. Ele soubera de homens e barcos, com seus altos mastros, sendo vítimas desse fenômeno em noites tempestuosas. Os raios faiscavam em fantásticos tons de rosa e amarelo, e também quase um branco azulado. Às vezes, os feixes de luz resplandeciam num instante; em outros momentos, percorriam lentamente o céu, de leste a oeste, como se tentassem cobrir todo o horizonte.

E as trovoadas sempre os acompanhavam. Ao ver os zangados relâmpagos, Bani sabia que horrendos estrondos os seguiriam. Por vezes, um segundo depois; por outras, dois ou três, para os raios mais distantes. Os colossais estrondos das trovoadas de partir o tímpano pareciam dividir o céu em dois, fazendo o barco vibrar e agitando os nervos de Bani. Ele estava assustado, mas escolheu não permitir que a tormenta o intimidasse. Podia ter apenas 12 anos, mas não queria ser controlado pelo medo. Era um pescador como milhares de homens e rapazes antes dele, por séculos, naquele mar agitado por tempestades.

– Diga-me o que fazer! – Bani gritou, enquanto seu pai prendia a vela que se havia soltado de novo e se agitava furiosamente. Joel já estava numa extremidade da vela, tentando ajudar Lemuel a controlá-la.

– Acho que teremos uma verdadeira batalha – gritou Lemuel, sob as luzes dos relâmpagos. – É melhor você se segurar nesse leme, Bani!

Bani pulou para trás do barco, na popa, e agarrou o longo cabo de madeira preso ao timão. O largo e achatado leme era usado para guiar a embarcação na direção que os pescadores desejassem. Mas, quando Bani agarrou o leme, percebeu que o trabalho não seria fácil. O vento havia aumentado de forma dramática nos últimos minutos, fazendo com que as velas e o próprio barco se agitassem de um lado para outro, sacudindo o timão com violência.

– Não consigo segurá-lo! – gritou Bani com todas as forças. Lemuel viu que era o leme, na verdade, que controlava seu filho. O rapaz fazia o seu melhor, mas a peça se virava de um lado e de outro, jogando-o para todos os lados na popa do barco.

– Veja se consegue prendê-la no lugar! – gritou Lemuel, tentando controlar a vela. Entretanto, sua ordem se perdeu no meio do vendaval. Por fim, ele precisou ajudar Bani a amarrar o leme. A vela se havia rasgado e soltado de suas amarras de novo, e balançava inutilmente ao vento. Juntos, todos a puxaram para baixo e a amarraram no lugar. A única solução seria apelar para os remos.

O barco de Lemuel não tinha muitos remos – apenas dois jogos, e havia só três ocupantes no barco, de modo que Lemuel sentou-se para remar de um lado, enquanto os dois rapazes se sentaram do outro. Seus braços fortes com facilidade equilibraram os esforços dos dois garotos do outro lado, mas isso não parecia fazer muita diferença naquela noite. Embora os três remassem com muito esforço, nada do que faziam estava ajudando no meio daquela tempestade.

Bani piscava na escuridão, olhando as ondas selvagens que se quebravam contra o barco. A única coisa com a qual contava naquele momento era a sensação de segurar o remo. Estava ficando cansado, mas sabia que precisava continuar remando. Não podia parar. Seus braços pareciam ter sido arrancados do corpo, mas ele tinha de prosseguir.

As ondas quebravam de um lado e de outro, atingindo duramente o barco, lançando espuma ao ar. De vez em quando, uma onda mais alta que as demais atingia o barco de lado, passando sobre a amurada e ameaçando afundá-los.

Bani começou a sentir pânico quando pensou em um possível naufrágio. A água era escura e profunda; e, se o barco afundasse, ele poderia desaparecer junto. Ele não queria se afogar! Não queria morrer!

## CAPÍTULO 20

Freneticamente, Bani olhou através da água em direção ao barco de Pedro, que se encontrava a apenas um lance de pedra de distância. Por um momento, esqueceu-se de seus problemas, enquanto olhava os discípulos guerreando contra a tempestade. Aquela embarcação tinha quatro jogos de remos, e os discípulos, todos eles, se esforçavam para conduzi-la à praia, também, com pouco sucesso.

Relâmpagos iluminavam a escuridão de tempos em tempos, revelando o barco de Pedro com sua carga de homens, num intenso sobe e desce sobre a água espumante. Oito dorsos se curvavam numa tarefa quase sobre-humana. Oito pares de mãos agarravam os remos, desesperados por acertar o rumo até um porto seguro. Vários pescadores tiravam incessantemente água do barco. Outro tentava segurar a extremidade da vela que se havia desprendido.

Bani havia pensado que seu pai e os demais pescadores fossem capazes de controlar as coisas e levar os barcos à margem. Todos eram pescadores experientes, criados no mar da Galileia. Desde a infância, haviam aprendido aquele ofício e enfrentado todos os desafios que os homens podiam esperar naquelas águas imprevisíveis.

Mas essa tormenta era diferente. Ela fazia coisas estranhas, que Bani nunca tinha visto uma tempestade fazer antes. Os relâmpagos e trovões eram assustadores, além de qualquer descrição. O vento e as ondas mostravam-se mais fortes e impetuosos do que ele pensara ser possível num mar pequeno, do tamanho do mar da Galileia. A tempestade parecia ser um gigante monstruoso tentando devorar tudo em seu caminho.

Os pescadores não venciam uma batalha como essa. A natureza, sim. Numa tormenta dessa intensidade, os elementos – vento e ondas – sempre dominavam os homens. Pior de tudo, parecia que o diabo e seus demônios estavam naquela tempestade, decididos a submergir até o último barco pesqueiro no mar!

Acima do uivo do vento e do estrondo das trovoadas, Bani podia ouvir homens em

outros barcos ao redor, gritando de terror. Ouvia alguns deles rogando suas pragas, aos gritos, contra as forças do mal, e ainda outros clamando a Deus por socorro.

Então, de repente, Bani pensou em Jesus. Onde estava Ele? Quando haviam saído do cais, naquela noite, Ele estava com Pedro e André, no barco. O garoto se lembrava de ter visto o Mestre sentado na proa do barco, desfrutando a noite; mas, naquele momento, Ele não estava visível em lugar algum. Teria ido para algum outro barco? Teria caído pela amurada em meio à fúria da tempestade? Teria morrido afogado? Bani sabia que Jesus nadava. Ele o havia visto na água muitas vezes, ajudando os pescadores a desenredar as redes, quando elas se rasgavam. Mas, numa tormenta como aquela, era diferente! Em águas turbulentas e furiosas como aquelas, seria difícil que mesmo um bom nadador aguentasse mais do que alguns minutos.

Os relâmpagos brilhavam quase constantemente, tingindo o mar com tons de luz e escuridão. Bani podia ver o desespero real no rosto dos discípulos. Parecia que remar era inútil. Como todos os demais, eles não conseguiam fazer progresso na direção da praia.

Aí, uma enorme onda atingiu o barco de Pedro, encharcando a todos. Um dos discípulos perdeu o equilíbrio e foi jogado para fora da embarcação, no meio das ondas. Felizmente, conseguiu nadar de volta à lateral do barco, mas ninguém cuidou de puxá-lo para dentro. Todos estavam ocupados tirando água do barco com cestos e baldes de madeira, ou com as mãos em concha quando não havia nada mais ao alcance. Ali, até os segundos contavam, mas nada que fizessem surtia algum efeito. Logo afundavam com o peso da água dentro da embarcação. Como se isso não fosse o bastante, começou a chover. Torrentes de chuva caíam sobre eles, trazidas pelo vento uivante.

Naquele momento, outra onda quebrou-se sobre o barco de Pedro, quase fazendo com que virasse. Então todos os discípulos gritaram: – Socorro, Senhor! Não lhe importas se morrermos? – Bani pôde ouvir a voz de Pedro, berrando acima das dos outros, na noite tempestuosa.

No instante seguinte, Bani viu uma figura se colocar em pé de um salto e agarrar o oscilante mastro do barco. É Jesus? Bani mal podia distinguir. Fosse quem fosse, a pessoa estendeu uma das mãos no ar e olhou para cima, para o céu. *O que ele está fazendo? Se é Jesus, por que esperou tanto tempo para ajudar os discípulos? O barco está a ponto de afundar!*

Em seguida, Bani ouviu alguém ordenando, acima da tempestade: – Paz! Aquiete-se! – a voz era poderosa e cheia de autoridade; instantaneamente, Bani soube que era a voz de Jesus. Não podia ser de ninguém mais. Ele dava ordens à tormenta, mas falava com autoridade, como se estivesse falando com uma pessoa. Bani não tinha tempo para pensar

muito sobre isso naquele momento, mas era tudo muito estranho, como da vez em que Jesus expulsara o demônio naquela manhã de sábado, na sinagoga.

Então, de forma milagrosa, a tempestade se acalmou. A chuva e as trovoadas cessaram, e o vento parou. As ondas lentamente perderam força, as nuvens se dissiparam e a lua em quarto crescente começou a mostrar sua face outra vez. Era inacreditável! Vários barcos haviam sido reunidos pelos ventos do temporal, e logo os pescadores se sentaram, atônitos demais para fazer alguma coisa que não fosse observar em silêncio o barco de Pedro. Jesus continuava em pé, sua mão se apoiava no mastro, e os olhos estavam fitos no céu estrelado. Todos se enchiam de assombro diante da quietude que de repente sobreviera ao mar.

– Quem é esse homem? – Bani ouviu alguém perguntar num barco, ali perto. – Que tipo de poder Ele tem, a ponto de o vento e as ondas lhe obedecerem? – disse outro.

– Puxa! – foi tudo o que Bani conseguiu dizer, enquanto ajudava seu pai a terminar de jogar água para fora do barco. Então ele viu outros também começarem a tirar água de suas embarcações, e por toda parte se ouviam exclamações de espanto e surpresa diante dessa última maravilha. O perigo se fora, e era estranho pensar sobre o que Jesus havia feito – estranho, maravilhoso e inspirador, tudo ao mesmo tempo!

Depois que Bani terminou de tirar o restante da água de dentro do barco, torceu sua roupa encharcada e a pendurou no cordame para secar. Seus dentes batiam devido ao ar frio da noite, mas ele esfregava os braços e as pernas a fim de se manter aquecido. Depois, sentou-se de novo a fim de tomar fôlego e observar mais uma vez a embarcação de Pedro. Jesus falava com seus discípulos, e todos pareciam muito quietos. Bani teve curiosidade de saber o que o Rabi estaria dizendo a eles. Fosse o que fosse, era algo sobre a tempestade.

Aquela acabou sendo uma noite muito estranha. Bani até ajudou seu pai a lançar as redes para tentar a sorte na pescaria de novo. Todos chegaram a cochilar, à espera do conhecido puxão nas linhas, mas este não aconteceu.

Logo, já era madrugada. O sol ainda não surgira, porém matizes de rosa e lilás se estendiam pelo horizonte oriental. Durante a noite, todos os barcos haviam chegado, à deriva, perto da praia oriental do mar. Aquele não era mais considerado território galileu, mas uma região remota, chamada Gadara, às vezes mencionada como a terra dos gadarenos. Bani viu Jesus apontando na direção da praia, e uns poucos barcos rumaram para lá. Muitos dos pescadores, porém, permaneceram em águas profundas. Em Gadara viviam pagãos, pessoas que não conheciam a religião judaica.

Todos estavam contentes por ver terra seca novamente, e só queriam sair e espreguiçar-

se. Bani esperava que fizessem uma fogueira na praia e comessem alguma coisa, porque ele estava faminto. Quando se aproximaram da margem, ele e Joel pularam na frente dos outros para procurar gravetos. A faixa de areia na praia era longa e estreita, sem uma pessoa sequer à vista. A não ser algumas poucas aldeias de pescadores, não havia cidades ali. À luz do início da manhã, Bani achou que divisava uma cidadezinha ao norte. Pensou que poderia ser Gerasa, talvez a 5 km de distância, mas ele nada sabia a seu respeito. O garoto não pôde deixar de imaginar se o povo de Gerasa ouvira falar de Jesus. *Devem ter ouvido, ele pensou, depois de todos os milagres de cura que Jesus realizou na Galileia...*

Bani já estava mais longe, na praia, quando ouviu alguém gritando. Na verdade, parecia mais um touro berrando!

– Ei, olhe só aquilo! – gritou Joel.

Bani olhou para trás, ao longo da praia, e viu um doido, com o cabelo desgrenhado, correndo em direção a Jesus e os discípulos.

– Quem é? – Perguntou Joel com voz aguda.

– Não sei! – disse Bani.

– Veja! – gritou Joel. – Há um outro berrando e agitando ripas no alto das dunas, acima da praia. O que ele está fazendo ali?

– Não sei. Deve haver muitas cavernas por lá. Será que é alguma espécie de cemitério ou coisa parecida?

– Esses homens são lunáticos! – disse Joel, com a voz forçada. – Jesus e os discípulos precisam sair daqui.

Bani deixou cair sua braçada de gravetos. – Sim, e se eles forem, sairão sem nós! – e saiu correndo pela praia.

# CAPÍTULO 21

– Você não pode voltar para lá! – gritou Joel, atrás dele. Mas Bani já não o ouvia.

A essa altura, os discípulos e todos os outros pescadores haviam corrido para dentro da água, a fim de se proteger nos barcos. O pai de Bani havia corrido com os demais. Bani não parou para pensar que Lemuel poderia estar preocupado com ele ou com o perigo no qual estava incorrendo. Seu coração disparava ao aproximar-se de Jesus, e, por fim, ele diminuiu o passo e parou. Se os discípulos estavam com medo desse homem desvairado, talvez ele devesse ficar também. Mas o estranho era que Jesus não parecia ter nem um pouco de medo. Ficou no mesmo lugar. Não se moveu, mesmo estando sozinho na praia.

O homem louco quase havia alcançado Jesus. Vinha praguejando e amaldiçoando, vestido com nada mais do que farrapos. Seus braços se agitavam como galhos de árvores ao vento; mas, ao aproximar-se do Rabi, seus passos começaram a ficar trôpegos na areia. Por fim, arrastou-se mais alguns metros e caiu de joelhos, como se fosse subjugado pela presença do Mestre.

Olhando de perto, Bani então podia ver que o homem alucinado tinha pedacinhos de plantas e grama nos cabelos. Os olhos estavam arregalados e a boca espumava. Parecia que a maioria dos seus dentes escuros estava quebrada ou faltando. Bani viu cicatrizes e hematomas por todo o corpo do pobre homem, além de cortes recentes com sangue seco por cima, como se ele houvesse se machucado. Mas a coisa mais assustadora de todas era o modo como ele se torcia e contorcia, aparentando sentir uma forte dor. Às vezes, caía na areia e se agitava um pouco, mas então se esforçava para levantar-se novamente. As mãos daquele triste ser se fechavam e abriam com raiva, e o rosto se contorcia de medo, quando ele se encolhia no chão diante de Jesus.

Bani ficou chocado diante do que via, e também impressionado. Claramente, Jesus estava no comando, permitindo que o homem se adiantasse até certo ponto, e não além. Bani observou enquanto o Rabi erguia uma mão ao céu e estendia a outra diante do homem louco na areia. “Deixe-o!” Jesus ordenou.



O rosto do homem se contorceu mais uma vez, porém ele juntou as mãos como se estivesse orando. *Que estranho fazer isso, ainda mais para um homem que parece odiar tanto a Jesus*, pensou Bani. Mas as mãos em posição de súplica não combinavam com o tom de voz, quando ele falava. – Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? – disse ele, raivoso. – Este é o meu território! Eu lhe imploro: deixe-me em paz!

Bani retrocedeu um passo. *Quem está falando? Essa é a voz de um demônio?* Tinha que ser, porque era tenebrosa e fantasmagórica demais. Era sinistra, como nada que o garoto tivesse ouvido desde o dia em que vira Jesus curar o endemoniado na sinagoga.

Bani ficou arrepiado ao ouvir o som da voz do homem, e sua pele parecia formigar como faíscas de energia. Aquela voz retumbava, como se muitas vozes falassem ao mesmo tempo. Bani sabia que presenciava algo fora do normal. Ele não duvidava de que uma força maligna sobrenatural se concentrava dentro daquele homem. Talvez mais de uma, e estavam tentando atingir Jesus!

De repente, Bani quis correr para bem longe. Olhou para seu pai e viu temor no rosto dele também. – Saia daí! – Lemuel gritou. – Corra, Bani, corra!

Bani estava mesmo com medo. Se seu pai achava que era algo perigoso, então talvez fosse. Ele tentou recuar um passo, mas suas pernas não lhe obedeciam. Quis correr para dentro da água e entrar no barco com o pai, mas não podia se mover. Parecia estar enraizado no local. Foi a experiência mais aterrorizadora que já tivera, e naquele momento ele tremia de medo. Certamente, seria o último dia de sua vida juvenil na Terra!

Aí, lembrou-se de que Jesus também estava ali. Ele não tinha medo de demônios ou loucos. O Mestre não temia nada. Isso queria dizer alguma coisa?

– Qual é seu nome? – Jesus falou de novo, fazendo uma pergunta simples, como se estivesse travando um diálogo com algum estranho na rua. Sua voz era clara, como música melódica, comparada com as vozes demoníacas que saíam do homem ajoelhado na areia.

– Meu nome é Legião. Muitos de nós viemos habitar no corpo desses homens – resmungou a voz. – Durante anos, temos vivido com eles nesses sepulcros e cavernas.

– E agora vocês têm que sair! – ordenou Jesus de novo, olhando diretamente nos olhos do homem desvairado. – E quanto ao homem lá em cima, que está perto da caverna, vocês devem deixá-lo também. Já torturaram essas pobres vítimas por tempo suficiente. É hora de eles ficarem livres!

A voz sombria hesitou e, depois, respondeu devagar: – Por favor, se precisamos sair, não

nos mande embora sem nada. Rogo que nos deixe entrar nos porcos que se alimentam naquele monte.

Jesus olhou para cima, onde uma numerosa manada de porcos comia bolotas sob os carvalhos, ao longo do penhasco. Bani seguiu o olhar de Jesus e os viu também. – Puxa! Essa é a maior manada de porcos que já vi – Bani, por fim, recuperou a fala. – Deve haver centenas de animais lá!

– Talvez milhares! – Joel ficou mais corajoso e se aproximava de Bani. – Por que você e Jesus estão olhando para os porcos?

– Não sei – Bani ainda sentia o coração em disparada. – Espere e veja. A voz esquisita do homem doido disse algo sobre os porcos, mas não tenho ideia do que ele falava. – Os dois garotos se viraram para observar Jesus e notaram que o homem louco de repente estava calmo. Seu corpo não tremia mais. Tinha o rosto voltado para o chão e se apegava aos pés de Jesus, como se estivesse o adorando.

– Ei, olhe! – Joel apontou na direção das cavernas. O outro lunático, perto do cemitério, ajoelhou-se também, e sua cabeça se inclinava na direção de Jesus, com reverência. *É algo assombroso de se ver, mas é triste também*, pensou Bani. Comovia ver aqueles dois homens com aparência selvagem, com terríveis cortes e hematomas pelo corpo. Sua aparência era deplorável, com o cabelo desgrenhado. Bani sabia que havia piolhos e outros parasitas rastejando sobre eles, e isso o fazia estremecer. Eles pareciam muito envergonhados por sua nudez, e tentavam cobrir-se com as mãos e os imundos trapos que lhes pendiam dos ombros.

Bani, por fim, ousou aventurar-se a chegar mais perto. Parecia seguro, com os dois aparentemente calmos e controlados. Joel o seguiu com cautela.

– Como foi que Jesus fez isso? – disse Joel com voz rouca, como se o milagre o houvesse mudado um pouco também.

– Não sei – Bani balançou a cabeça, com solene surpresa. – Acho que é só outra das coisas incríveis que Jesus pode fazer!

Uma nova comoção entre as árvores do penhasco lá em cima passou a lhes chamar a atenção. Os grunhidos aterrorizados e o trovejar de patas soavam como um tipo de estouro da manada. Bani protegeu os olhos contra o sol, que se erguia por sobre as rochas nesse momento. Dito e feito, a manada de porcos andava em círculos, como se tivesse visto uma assombração. Logo começaram a lutar e a morder-se uns aos outros, com suas presas

afiadas como navalha. Bani e Joel olhavam para os animais e um para o outro, com surpresa. Que acontecera com aquela manada que, pouco tempo antes, se alimentava calmamente?

Então, como se fosse por algum sinal misterioso, a manada inteira se encaminhou para a borda do penhasco. Nada os detinha, enquanto passavam ao longo das rochas, quase despencando lá de cima. De vez em quando, um dos porcos pisava perto demais da borda do despenhadeiro e era empurrado, fazendo com que caísse grunhindo, rumo à morte.

Era uma cena assustadora! Os guardadores dos porcos, sobre o penhasco, saíram correndo, em pânico. A princípio, apenas gritaram, tentando distrair os animais e impedi-los de brigar. Depois, à medida que os porcos disparavam, eles corriam ao lado da manada, tentando acalmá-los e interceptá-los, mas os perigosos penhascos estavam perto demais. Os guardadores temeram que os porcos se virassem e caíssem despenhadeiro abaixo, para a morte.

Bani e Joel observavam, de olhos arregalados, o espetáculo diante deles. A manada irrompia na direção sul, incapaz de parar, como parecia. – O que os assustou? – gaguejou Joel.

– Não sei. Veja como correm! – Bani gritou. Havia, adiante, um acentuada mudança de direção na formação rochosa, cujos despenhadeiros acabavam no mar.

## CAPÍTULO 22

– Ai, não! – Bani apontou para o perigoso precipício. – Os porcos estão correndo direto para as rochas.

– Não, eles vão ver o penhasco em tempo – Joel gritou. – Eles costumam comer aqui e é provável que conheçam cada cantinho desta região.

Mas, quando os porcos em debandada se aproximaram do precipício, continuaram em frente, sem mesmo reduzir a velocidade. *Até parece que eles ficaram loucos*, pensou Bani. *Loucos, assim como os dois homens eram até minutos atrás.* – É isso! – gritou o garoto. – A voz de dentro do homem pediu que Jesus os deixasse invadir a manada de porcos.

Joel olhou para Bani, horrorizado. – Foi mesmo?

– Sim! Você não se lembra? Ele disse: “Rogo que nos deixe entrar nos porcos que se alimentam naquele monte”!

– Gente! – foi tudo o que Joel pôde dizer.

Os porqueiros gritavam e agitavam os braços para os porcos, mas era óbvio que não conseguiriam pará-los agora. Os porcos estavam perto demais do despenhadeiro, e muitos dos guardadores desistiram e só permaneceram imóveis, assistindo aos momentos finais, chocados.

Todos observavam: Bani, Joel, Jesus, os discípulos e os demais pescadores nos barcos. Os únicos que não olhavam o horrível espetáculo eram os dois homens, que estavam calmos e sãos.

Quando os primeiros porcos chegaram ao penhasco, saltaram pela borda. Outros animais que os seguiam foram empurrados pelas centenas que vinham atrás deles. Estes, também, foram jogados por sobre a borda rochosa e caíram lá embaixo, dentro do mar. De forma surpreendente, todos os porcos os seguiram. Bani via que o mar, agora, se agitava e espumava, no ponto em que centenas de animais tentavam permanecer na superfície. Mas

os porcos não sabem nadar, e ele sabia o que isso significava! A manada toda afundou. Morreu. Afogou-se nas profundas águas da margem oriental do mar da Galileia!

Bani olhou para cima dos rochedos da encosta marítima. Os guardadores dos porcos se recuperavam do choque e corriam ao longo da borda do penhasco. – Devem estar indo para sua vila – Bani apontou para Gerasa, então brihante ao sol da manhã, com suas casinhas caiadas perto do mar. – Os porcos, provavelmente, pertencessem aos aldeões e agricultores que moram nesta região.

Joel deu um longo assobio em tom baixo. – Aposto que os moradores vão ficar transtornados com essa história!

– Nem me fale – Bani observou o último dos porqueiros desaparecendo por trás dos íngremes rochedos.

A essa altura, alguns dos discípulos haviam saído do barco outra vez e caminhavam pela água rasa na direção de Jesus. Com cautela, Pedro e João saíram do barco trazendo algumas túnicas extras. O segundo homem selvagem, que estava perto das cavernas, havia descido à praia e também se ajoelhou na areia, aos pés de Jesus.

– Vistam-se, meus irmãos – disse Jesus, bondosamente, entregando as roupas aos gadarenos.

Bani olhou para Jesus e os dois homens. Estava assombrado diante do que acabava de acontecer. Ele havia visto o Rabi operar alguns milagres incríveis, mas esse superava todos eles, incluindo o do endemoniado na sinagoga, do homem com a mão mirrada, e até o modo como Jesus acalmara a tempestade no mar, naquela noite. Havia muitos milagres para contar, mas esse foi o mais inacreditável de todos! Jesus não só expulsou os demônios desses dois homens, como mandou os espíritos do mal entrarem nos porcos!

Nessa história, ainda havia algo que Bani não entendia bem. Esses homens nem mesmo eram judeus. Eram gentios! Eles não haviam procurado Jesus; mas, de algum modo, o Mestre sabia que precisavam de socorro. Ele viera para resgatá-los, e o fizera com muito amor e aceitação! Para Bani, era informação demais para assimilar naquele momento.

Pela expressão no rosto dos discípulos, podia-se notar que eles desaprovavam o bondoso ato de Jesus. Nenhum fariseu ou rabi da sinagoga teria oferecido auxílio a esses homens. Nenhum escriba, sacerdote ou ancião do Sinédrio em Jerusalém teria mexido um dedinho para ajudar homens como aqueles. Mas Jesus o fizera, e Bani não pôde deixar de admirá-lo por isso. Ele gostava muito desse Rabi de Nazaré, e sentiu que, a cada dia, se tornaria mais e

mais leal a Ele.

– Eu quero ser discípulo de Jesus – disse Bani em voz alta, enquanto observava o Mestre.

Joel olhou atravessado para Bani. – Discípulo? De que você está falando? Você não pode ser discípulo de Jeus. Só os adultos fazem isso.

– Então serei um fiel seguidor, e quando tiver idade suficiente, vou me tornar discípulo. – Bani virou-se para Joel: – E, além disso, quem disse que não posso me tornar um discípulo? Já tenho 12 anos. Neste ano, estou com idade suficiente para tomar parte nos cultos, com os homens na sinagoga.

A essa altura, os outros homens haviam chegado à praia, inclusive o pai de Bani. Alguns dos discípulos haviam feito uma pequena fogueira, e André preparava alguns peixes para assar. Jesus estava sentado junto ao fogo, falando calmamente com os dois gadarenos. Os cabelos deles ainda estavam terríveis, como se não os houvessem lavado ou penteado por meses. De vez em quando, um dos homens tirava um raminho ou uma folha das mechas emaranhadas do outro, talvez esperando tornar-se, de alguma forma, um pouco mais apresentáveis.

Aí, de repente, Bani notou algo. Não havia mais cortes nem machucados neles! *Jesus também havia curado suas feridas?*

– Os hematomas e cortes se foram – Bani cochichou, quando viu Joel olhando fixamente para os dois. – Jesus deve ter curado os corpos deles também.

– Este é Cleto – disse Jesus aos discípulos, colocando a mão sobre o ombro de um dos homens. – Ele tem esposa e uma filhinha. E este é Próculo – o Mestre indicou o outro homem, sentado com a cabeça baixa. – Próculo nasceu e foi criado numa casa com seis irmãos.

Os discípulos sorriram para Cleto e Próculo, mas ainda conservavam certa distância. Bani também, embora pudesse ver que Jesus não tinha sequer um pingão de medo dos dois.

O peixe assado estava muito saboroso. O ambiente na praia trazia uma sensação revigorante, e Bani não se lembrava de haver se sentido melhor. Os eventos daquela manhã o inspiravam, fazendo com que desejasse ser um garoto melhor – mais semelhante a Jesus. Isso acontecia quando alguém passava tempo com o Rabi. Era por isso que todos queriam estar com Ele! Jesus era cheio de vida, esperança e amor, e isso influenciava os outros, por onde quer que Ele passasse.

Bani elevou o olhar e notou um grupo andando na direção deles pela praia. A princípio, não conseguiu descobrir quem eram; mas, ao se aproximarem, ele viu que alguns eram homens importantes, talvez anciãos de uma cidade próxima. Provavelmente Gerasa. *O que eles poderiam querer?* Bani ficou curioso.

Os homens se detiveram a pouca distância de Jesus, quando viram os dois ex-demoniados, sentados quietos aos pés dele. – Temos ouvido de suas mágicas e daquilo que seu poder é capaz de fazer! – disse um homem baixo, de aparência sofisticada, adiantando-se com cautela e se colocando de joelhos na areia. – O Senhor tem fama nesta região, mas agora devemos admitir que não nos contaram a metade! – o pequeno grupo de anciãos com ele também se ajoelhou, e todos se inclinaram, com o rosto voltado para o chão.

*Então, a pequena vila é mesmo Gerasa*, Bani percebeu. O homem baixo, possivelmente, fosse o chefe do grupo, ou algo assim. Vestia uma túnica branca e uma capa preta distintiva. Ele trazia na mão uma bengala de madeira, cuja extremidade tinha esculpida a cabeça de alguma estranha criatura.

– Meu nome é Damon – disse o homem baixinho, quase em resposta aos pensamentos de Bani. – Sou o magistrado da vila de Gerasa, ali no fim da praia. Viemos em paz – ele continuava com o rosto em terra –, e podemos ver a mudança nesses dois homens, e a manada de porcos afogada no mar. Queremos pedir-lhe, por favor, que se afaste de nós, pois somos um povo simples e não entendemos o que o Senhor fez aqui. Sua mágica é forte demais para nós! A vila está em agitação, agora mesmo, enquanto falamos, o povo ameaça vir aqui para apedrejá-lo pela perda dos porcos. Suplico-lhe – ele ergueu um pouco a cabeça –, deixe este lugar e tudo ficará bem. Já houve muito prejuízo aqui hoje. Se não for assim, temo que todos vocês sofrerão grandes danos.

– Muito bem – disse Jesus, com tristeza. – Vou respeitar seu pedido. – Ele virou-se para Pedro e João. – Preparem-se para navegar, homens. Partiremos, como ele nos sugeriu.

Os anciãos se puseram em pé, viraram-se de modo respeitoso, e depois se apressaram para retornar pelo mesmo caminho pelo qual tinham vindo.

## CAPÍTULO 23

Os discípulos e outros pescadores se entreolharam e leram os pensamentos uns dos outros. *Uma turba de aldeões descontentes vindo para vingar a perda de seus porcos?* Não era o momento de insistir em trabalho missionário. Sem perda de tempo, voltaram aos barcos, jogaram suas coisas para dentro e recolheram as âncoras.

Bani mastigou o último pedaço de peixe assado e correu com Joel através da água do mar, à altura dos joelhos. Entretanto, Jesus continuava na praia, e os dois homens estavam de joelhos diante dele. – Por favor! – Bani os ouviu suplicando. – Leve-nos com Você! Não queremos ficar aqui! As pessoas desta região não nos compreendem. Não temos vivido com elas durante anos. Elas nos veem apenas como maus, e nos considerarão a fonte de má sorte para a aldeia. Ninguém nos aceitará. Seremos tachados como proscritos. Por favor, leve-nos junto!

Bani parou para assistir à continuação do drama. Jesus colocava as mãos nos ombros de Cleto e Prócuo. – Por ora, vocês devem permanecer aqui – disse Ele, com bondade. – Entendo como se sentem, mas preciso que sejam testemunhas do poder de Deus em sua vila. Confie em mim! Aqui vocês podem ser mais úteis do que Eu mesmo, pois as pessoas são supersticiosas e têm medo de mim.

Os dois homens abaixaram a cabeça enquanto Jesus se virava para partir. Cleto, por fim, se pôs em pé e saiu na direção que os anciãos haviam tomado. Bani ficou curioso, desejando saber o que seria dele. Mas não havia tempo para se preocupar com isso. Seu pai o aguardava no barco e precisava dele para ajudar a preparar a vela.

Bani se encaminhou para a embarcação e subiu nela. Verificou se o leme ainda funcionava e depois ajudou a costurar uns pontos no canto da vela rasgada.

Todos os pescadores estavam em seus barcos, e Jesus sentou-se na popa do barco de Pedro, observando os homens fazerem preparativos para a navegação.

Prócuo permanecia quieto dentro da água, olhando-os sair, mas então, de repente,



correu até o barco. – Por favor! – chamou ele de novo, ao chegar à embarcação de Pedro e agarrar-se à amurada. – Não serei um fardo, eu prometo! Darei um jeito de pagar meu alimento e dormirei fora. Vou me sustentar. De verdade! Só quero estar com Jesus! – ele olhava, suplicante, para Pedro e João, e de volta para o Rabi.

Jesus inclinou-se e, pela borda do barco, pôs a mão na cabeça de Próculo, mais uma vez. – O melhor não é que você venha comigo hoje, mas que fique, meu filho, e faça o trabalho que lhe pedi. Conte sua história aos seus conhecidos. Conte-lhes que grandes coisas Deus fez por você. E, quando Eu vier outra vez a esta região, haverá uma colheita maravilhosa de pessoas para o reino de Deus – Jesus sorriu ternamente, em face da dor no rosto de Próculo. – Você é precioso para meu Pai no Céu – disse Ele –, e quando Eu resgatar as joias para o meu reino, ali haverá muitas pessoas mais, porque você foi fiel em dar seu testemunho aqui.

Por fim, Próculo soltou-se da embarcação. Bani observava à medida que aquela figura solitária ficava cada vez mais distante, e o barco navegava rumo a águas mais profundas. O homem parecia tão sozinho dentro da água, que o garoto desejou que pudessem levá-lo com eles. Mas Jesus havia tomado essa decisão, e Bani tinha certeza de que Ele sabia o que estava fazendo. Afinal, se o Mestre podia expulsar os demônios daqueles homens e restaurar-lhes a mente e o corpo, decerto Ele sabia o que era melhor para eles.

A viagem de volta, atravessando o mar, transcorreu sem novidade. Naturalmente, os pescadores não tentaram pescar. Havia sol, e a pesca com redes nunca se fazia no mar da Galileia durante o dia. Bani usou o tempo para falar com seu pai acerca do que acontecera na noite anterior. Ninguém havia visto algo parecido na Galileia. Com toda certeza, Jesus devia ser um tremendo Profeta enviado por Deus! Sem dúvida, era o Messias, aquele cuja vinda os rolos sagrados vinham predizendo durante séculos. Israel havia esperado tanto tempo por esse Redentor, e então, afinal, Ele estava ali! Bani se arrepiou, só de pensar. Ele havia estado ali, no meio da tempestade, para ver o poder de Deus revelar-se em mais um dos milagres de Jesus. E os dois endemoniados na praia de Gadara? Eles só provavam ainda mais que o Rabi era o aguardado libertador de Israel!

Lemuel foi direto a Cafarnaum e deixou Bani e Joel na praia. – Vocês, rapazes, deveriam ir à escola hoje – disse ele –; mas, com tudo o que ocorreu durante as últimas 24 horas, acho melhor que sigam para casa e durmam um pouco. Vou consertar algumas redes rompidas no barco e, depois, quem sabe, irei descansar por um pouco também, antes de sair de novo para pescar, hoje à noite.

– Posso ir com o senhor à noite? – Bani perguntou, esperançoso.

– Não. Acho melhor que você volte aos estudos. Não fica bem, diante de Eleazar e dos

outros rabis, que você boceje a manhã inteira – ele piscou para Bani. – Agora, para casa, meninos!

\* \* \* \* \*

Na noite anterior, em Cafarnaum, a tempestade também havia deixado marcas. Os servos da casa de Jairo fecharam todas as janelas e prenderam todos os toldos dentro do átrio. Relâmpagos iluminaram o céu, acompanhados pelo estrondo de trovoadas ensurdecedoras. O temporal caíra de forma implacável nas estreitas ruas da cidade. O vento furioso derrubara tudo o que não estava fixo. A enxurrada de águas barrentas encheu as sarjetas ao longo das margens das ruas e correu para o mar.

No entanto, Tabita pouco se importou com isso. Ela se preocupava com outras coisas. Algo que ela havia comido durante o dia estava lhe causando um grave distúrbio no estômago. Infelizmente, os remédios com ervas que Ana lhe dera não funcionaram. A garota acordou do sono e voltou a dormir; depois, acordou novamente com dores abdominais agudas e uma terrível dor de cabeça. Foi o pior caso de enfermidade que ela se recordava ter sofrido.

Então, começou a vomitar. Vomitou repetidas vezes, tendo ânsias e tossindo, até desatar em pranto. Os servos e a mãe dela tentaram ajudá-la com algumas ervas medicinais, mas parecia haver pouca coisa a se fazer. Entre gemidos e lamentos, Tabita admitiu que, talvez, o que a deixara doente fosse o pedaço de peixe seco que ela havia comido no mercado.

Ela se revirou a noite toda, tentando encontrar alívio, mas se sentia cada vez pior. A manhã, por fim, despontou brilhante e clara, mas Tabita não viu isso. Ela estava muito doente, e a dor era insuportável! Começou a delirar, com febre alta, e sua túnica ficou ensopada de suor. Ela se esqueceu da tempestade da noite anterior. Esqueceu-se de se preocupar com a segurança de Jesus, de Bani e de todos os outros pescadores no mar da Galileia. Doente como se encontrava, ela percebia, aqui e ali, os olhares preocupados de seus pais e trechos de conversas dos servos. Ela ouvira o médico confirmar o pior temor de todos, de que ela estava bastante enferma por ter ingerido comida estragada.

O médico fez o seu melhor, mas nada parecia funcionar. Os bálsamos foram inúteis, porque só podiam ser aplicados sobre a pele. Ervas e poções não funcionaram, porque toda vez que o médico tentava fazer com que Tabita bebesse ou comesse, ela devolvia tudo, vomitando. Foi chamado outro médico, e ele sugeriu realizar uma sangria na menina, a fim de purificá-la de um sangue ruim, mas Zerua temeu permitir que ele fizesse esse procedimento.

– Tentaram isso com Hulda, a jovem viúva que conheci no mercado – cochichou ela a Jairo, ansiosa –, e isso só a deixou mais fraca. Não confio em nenhum desses médicos. É óbvio que eles não têm ideia de como ajudar Tabita!

Durante as horas da manhã, a garota continuou vomitando. Seu estômago se contraía para tentar se livrar daquilo que a deixara doente, mas isso não melhorava sua condição. Seu corpo descansava por uns poucos minutos e depois voltavam as ânsias outra vez. Era a maneira de ele tentar expulsar os venenos que corriam por seu organismo; porém, naturalmente, naquele momento não sobrava nada no estômago para ser vomitado. Às vezes, Tabita temia morrer de dor e, em outras, quase desejava que isso acontecesse!

No início da tarde, Bani chegou. No mercado, alguém lhe dissera que Tabita estava doente, e ele decidiu ir até a casa dela. – Posso falar com ela? – perguntou. Contudo, Tabita estava inconsciente a maior parte do tempo, inclusive tendo alucinações. Enquanto seu estado de consciência oscilava, Tabita ouviu o amigo falando com os servos a respeito da tempestade no mar, na noite anterior. Ela o ouviu falar sobre homens loucos numa praia, e porcos pulando para dentro do mar. Era tudo muito estranho, porque parecia que ela via quadros mentais daquilo que Bani contava.

Depois, sua mente começou a agitar-se e, como nos sonhos, nada mais parecia real. Ela queria fazer perguntas ao garoto, mas as palavras não vinham; e ela voltava a ficar inconsciente.

## CAPÍTULO 24

Bani estava cansado por ter ficado desperto a maior parte da noite; mas, por alguma razão, não havia conseguido repousar. Levantou-se e desceu para o mercado, e foi aí que soube a notícia sobre Tabita.

À semelhança dos pais dela, ele ficava andando de um lado para outro. Entreouvindo conversas cochichadas entre os servos, ele começou a se perguntar se seria possível que Tabita morresse. Ele não queria admitir a possibilidade, mas sabia que pessoas tão doentes assim não se recuperavam, na maioria das vezes.

A ideia de perder Tabita, que se tornara uma amiga tão querida, o deixou desesperado. E, quando pensou nisso, ele quis chorar. Foi um sentimento de impotência, normal para um menino diante dessas condições. Bani tinha 12 anos e não queria que ninguém o visse chorando. Mas, acima de tudo, percebeu que precisava ajudar Tabita a recuperar-se. O problema era como fazer isso.

Então, de repente, teve a ideia! Como não havia pensado nisso antes? *Jesus podia ajudar Tabita! Se o Mestre estivesse nesta casa, Bani raciocinou, Ele poderia curá-la!* Era um pensamento emocionante, uma revelação que devia ter vindo diretamente de Deus! Ele também ficou envergonhado por não ter avaliado isso logo de início. Todos haviam perdido tempo precioso chamando médicos. Havia perdido tempo enquanto observavam e esperavam que Tabita mostrasse sinais de melhora.

No entanto, ela não melhorava. Na verdade, piorava cada vez mais. A menina não tinha mais convulsões na cama, em delírio. De fato, estava deitada, bem quieta. Sua respiração se tornara muito superficial, e a expressão no rosto de Zerua mostrava a Bani a gravidade do estado dela.

– Precisamos buscar Jesus! – Bani disse, de repente. – Ele é capaz de curá-la!

Jairo parou de andar de um lado para o outro, e Zerua ergueu os olhos tristes de onde estava sentada, ao lado da cama de Tabita. – Sim! – disseram ambos ao mesmo tempo,

entreolhando-se. – Jesus pode nos ajudar! – Eles pareciam assustados, como se, à semelhança de Bani, não tivessem pensado no Rabi antes. Além disso, percebiam o que essa omissão poderia lhes custar. Pois poderia ser tarde demais!

– Jesus pode nos ajudar! – repetiram eles quase reverentemente, ao passo que a luz da esperança lhes iluminava os olhos. – Mas você acha que Ele viria? – viraram-se para Bani, na esperança de ele ter a resposta.

– Jesus ajuda qualquer pessoa – disse Bani, confiante. – Tenho certeza de que Ele ajudará, se vocês lhe pedirem – mas eles continuavam olhando para Bani, como se esperassem algum outro sinal de garantia.

– Não há como saber onde Ele está – Jairo começou a andar novamente. – Ele pode estar em qualquer lugar, no interior, com as multidões ao seu redor, como sempre acontece. Todos querem vê-lo.

– Eu sei onde Ele está – Bani acrescentou, devagar, um pouco surpreso porque sua ideia de buscar a ajuda de Jesus não fora suficiente para Jairo. – Ele está na casa de Levi Mateus para um banquete. Eu o vi lá há uma hora, depois de ter voltado conosco ao meio-dia.

Bani viu uma testa franzida familiar no rosto de Jairo. Era um hábito, sem dúvida, e o homem provavelmente nem percebesse esse movimento. Mas Bani sabia o que significava. Jairo não aprovava as idas de Jesus àquela parte da cidade para festejar e confraternizar-se com pessoas como Mateus. *Que tristeza!* pensou Bani. *Mateus é um discípulo de Jesus, e já faz algum tempo. Ele nem é mais coletor de impostos! Qual é o grande problema de Jesus ir à casa de um ex-coletor de impostos?*

No entanto, Bani conhecia a resposta, mesmo sem perguntar. Para Jairo, e todos os outros fariseus na sinagoga, os coletores de impostos eram pecadores, e estes estavam eternamente perdidos. Escribas, fariseus e rabis não se associavam com essas classes inferiores para as quais não havia esperança.

Bani estava impressionado! Na verdade, ficou chocado e bravo, a ponto de não se importar em disfarçar seu descontentamento. Sabia que era apenas um garoto, mas parecia que ele tinha mais preocupação por Tabita do que o próprio pai dela. Mesmo numa situação como essa, Jairo pensava mais na Lei e nos Profetas do que na vida da própria filha!

– Deixe Levi Mateus para lá! – Bani ousou repreender Jairo, como se lesse a mente do homem. – Tabita precisa de socorro, e Jesus pode curá-la. Eu sei que pode! Ele é o Filho de Deus, e é sua única esperança! – a voz de Bani estava tensa, enquanto ele percebia o precioso

tempo que se escoava. Eles não tinham um momento a perder! Não era hora de demorar-se!

– Tudo bem! Vamos nos encontrar com Jesus – Jairo finalmente exclamou, como se houvesse recuperado o bom senso. – Vou carregar Tabita, e você vai na frente! – Foi só uma questão de minutos desde que Bani dera a ideia pela primeira vez, mas parecia que haviam transcorrido horas.

Quando Jairo tentou erguer Tabita da cama, de repente ela gritou de dor, ao despertar do delírio. Depois desmaiou de novo, ficando inconsciente.

– Deixe-a aqui, Jairo! – gritou Zeruia, à medida que observava Tabita murchar como uma flor em seus braços. – Ela está fraca demais para ser carregada. Vá procurar Jesus! Traga-o aqui. Afinal, você poderá ir mais rápido sem ela – Zeruia dirigiu seus olhos suplicantes ao marido e depois a Bani. Parece que isso pôs o esposo em ação. Ao saírem pelo portão da frente, o garoto quase precisou correr para acompanhar o homem. Jairo vestia uma túnica longa e esvoaçante, mas isso não o impediu de andar mais velozmente do que Bani se lembrava de ter visto antes.

Nuvens brancas se destacavam no céu azul do fim da tarde, mas o garoto não as notou. Passarinhos tagarelavam uns com os outros enquanto voavam entre as vinhas que subiam pelas paredes dos pátios, mas Bani não os ouviu. Seu único pensamento, ao se apressar pelas ruas banhadas de sol na parte baixa de Cafarnaum, era Tabita e sua grave enfermidade.

A casa de Mateus, na verdade, não ficava tão longe, e Cafarnaum não era o que se chamaria de cidade grande. Embora preeminente entre as vilas à margem do mar da Galileia, a localidade contava com apenas algumas centenas de casas, muitas feitas com basalto escuro e outras com tijolos de barro.

Parecia que não chegariam nunca ao bairro onde Mateus morava, embora ele não se encontrasse a mais do que algumas centenas de passos. As ruas estavam quietas, e Bani se perguntou se isso se devia ao fato de Jesus não estar na rua. Como Jairo dissera, as multidões que se aglomeravam em torno do Rabi congestionavam, com muita frequência, as estreitas ruelas de Cafarnaum, tornando a caminhada bastante vagarosa.

Ao se aproximarem do destino, puderam ouvir a música de flautas de junco levada pelo ar balsâmico que vinha do mar. Era evidente que a festa de Mateus já estava em andamento. Bani viu alguns dos discípulos de Jesus em pé na rua, do lado de fora da casa do ex-cobrador de impostos. Simão Pedro encontrava-se lá, como também Tiago, João e André. Aparentemente, sua atitude para com os publicanos não os impedia de ficar perto do

portão do átrio de Mateus. Só os impedia de entrar. *Mas onde estão os outros discípulos?* Bani quis saber. *Lá dentro?* Ele duvidava.

Quando Jairo e Bani chegaram ao portal de carvalho do átrio, com seus enormes gonzos de bronze, um servo abriu a portinhola corrediça do portão e espiou para fora. Ele se surpreendeu quando viu Jairo. Todos, em Cafarnaum, conheciam Jairo!

– Preciso ver Jesus de Nazaré! – Jairo ordenou, como se o servo fosse um dos de sua própria casa. O homem ficou um pouco desconcertado ao olhar para Jairo. *A troco de quê um rabi como Jairo viria a um banquete como este?* – ele deve ter se perguntado. *O que, na verdade, ele estaria fazendo na parte baixa da cidade?*

Mas ele não disse nada nesse sentido. – Jesus está aqui – respondeu o servo. – Espere, vou procurá-lo.

– Não! – Jairo estava agitado e sem paciência para esperar do lado de fora. – Não há tempo a perder! – bradou. Ele imaginou que, durante aquele tempo de espera, o servo seria displicente, procurando Jesus aqui e ali entre os pecadores que se banquetavam. E nesse ínterim, sua filha jazia em casa, às portas da morte. – Leve-me até Ele! – Jairo começou a bater no portão.

O servo abriu o portão apressadamente, e Jairo passou zunindo por ele. Bani entrou com cautela pelo portão, na sequência. Ele nunca havia estado numa casa como aquela. O átrio era adornado com coloridos tapetes e macias almofadas, além de divãs para os convidados. Os servos se apressavam de um lado para outro com bandejas de carne assada, pão e queijos de vários tipos. O garoto ficou com água na boca ao ver as uvas roxas e succulentas, e as gostosas romãs e cidras.

## CAPÍTULO 25

Havia gente por toda parte! Alguns se assentavam sobre as almofadas nos cantos do átrio e sob o caramanchão das parreiras lá no alto. Alguns se deitavam ou reclinavam nos divãs, comendo o alimento colocado em mesinhas baixas no centro. Outros brincavam ao som da música sendo tocada.

Essas pessoas riam e conversavam como se não tivessem preocupações na vida, mas Bani sabia que todas eram párias! Ele via isso nos sulcos profundos nos rostos e no modo como se agrupavam. Ele raramente se encontrava com elas, sobretudo porque se fechavam em seus círculos na parte baixa da cidade.

Mas Jesus estava com esse grupo, mesmo que fosse apenas naquele dia; e isso queria dizer algo, não? Para Bani, isso tornava o lugar um tanto diferente. Talvez os convidados daquela festa não percebessem, mas eram honrados pela presença do Rabi, mais do que por qualquer outro convidado que pudessem esperar receber.

Bani esquadrinhou o átrio e localizou Jesus no mesmo instante em que Jairo. Ele assentava-se a um canto, rodeado pela escória da sociedade. Todos eram aquilo que Jairo chamaria de pecadores e, mesmo assim, o Mestre parecia não se importar.

Todavia, o mais estranho de tudo era o fato de que, além de Mateus, não havia outro discípulo à vista. Nem mesmo Pedro, Tiago e João, companheiros constantes de Jesus, por onde quer que Ele andasse. Bani sabia que nesse momento achavam-se do lado de fora, temendo misturar-se com pessoas como aquelas.

E naquele instante Jairo se apresentava diante de Jesus. Os instrumentos musicais pararam, e a multidão de convidados silenciou. Espalhara-se rapidamente a notícia de que um fariseu encontrava-se entre eles; todos observavam, com a respiração suspensa, para descobrir por que, afinal, ele estava ali.

Os lábios de Jairo tremeram ao ele pensar em Tabita na sua casa, lutando para sobreviver. De repente, as emoções afloraram e ele caiu com o rosto em terra. – Mestre!



Minha filha está às portas da morte, e nada posso fazer para salvá-la – ele soluçava e seus ombros se agitavam. – Por favor! Se o Senhor vier e puser as mãos sobre ela, sei que poderá curá-la!

Para Bani, Jairo parecia deslocado, assim, de joelhos. O rabi, antes orgulhoso, então se humilhava aos pés de Jesus, enquanto seu manto dourado e azul, com borlas, jazia no pó do átrio. As longas mangas e os filactérios, dos quais Jairo tanto se orgulhava, pareciam totalmente sem importância naquele momento.

Bani viu esse fariseu pretensioso por um novo ângulo, um que ele não tinha visto antes. De certa forma, o homem parecia ser mais humano, como se percebesse que de fato era alguém comum. Ele podia ter dinheiro, mas ficou claro que isso não estava acima do amor por sua filha. Embora Bani sentisse pena de Jairo, viu-se começando a respeitá-lo de um modo diferente.

– Eu irei – disse Jesus, em voz baixa.

Jairo ergueu a cabeça, como se não tivesse ouvido bem. Em desespero, ele havia esperado que o Mestre consentisse em ir, mas sabia quão rudemente ele e os outros fariseus da sinagoga haviam menosprezado Jesus. Não haviam sido bondosos e tinham, em vez disso, insultado o Rabi, acusando-o de todo tipo de coisas terríveis. E ali estava Jairo, pedindo a Jesus algo maior do que todos os pedidos que ele já fizera a alguém na vida! Sua esperança em relação a Tabita havia pesado sobre ele, e o homem sabia que não merecia misericórdia da parte do Mestre. Mesmo assim, Jesus a oferecia de graça!

Jesus estendeu as mãos para Jairo e o ajudou a pôr-se em pé. – Venha, Jairo – disse Ele com um calmo sorriso. – Leve-me até sua filha.

A festa se interrompeu subitamente, enquanto o Rabi saía da casa com Jairo e Bani. Muitos, na festa, levantaram-se e seguiram Jesus também, ansiosos por ver o que aconteceria a seguir. Não era todo dia que eles viam um líder da sinagoga com o rosto no pó!

Quando Jesus saiu para a rua, seus discípulos que esperavam do lado de fora o seguiram. Outros se haviam unido a Pedro, André, Tiago e João. Ainda assim, alguns de seus seguidores não apareceram, evidentemente constrangidos por Jesus ter entrado num lugar como aquele. Bani não os censurava, na verdade. Se não fosse por causa de Tabita e da gravidade da doença dela, era provável que ele não tivesse entrado também. Nem mesmo queria pensar no que seus pais diriam se soubessem onde ele havia estado.

E Jairo? Bem, sua reputação de santidade a partir dali estaria arruinada, pelo menos por

algum tempo. Talvez alguns passassem por alto seu pecado de entrar num lugar assim por amor à filha, mas os anciãos da sinagoga por certo nunca concordariam. Todavia, ao observar as marcas de ansiedade no semblante aflito daquele pai, Bani achou, de algum modo, que o homem não se importava. Naquela hora, sua única preocupação era com Tabita, e com ninguém mais.

Bani tentou permanecer perto de Jesus o máximo que podia, mas era difícil, com a multidão empurrando e pressionando de todos os lados. Sua expectativa era de que pudessem correr até a casa de Mateus e então trazer Jesus à presença de Tabita em poucos minutos. Mas, naquele instante, sabia que isso seria impossível. Havia muitas pessoas em volta do Mestre, e isso tornava a caminhada muito lenta.

O estrepitoso barulho da multidão cercava Bani. Alguns gritavam, pedindo a Jesus favores especiais, ao passo que outros apenas queriam ver de perto o Homem dos Milagres. Alguns eram rudes ao tentar manter seu lugar na multidão; mas todos retardavam os passos do Rabi, e parecia que nem os discípulos conseguiam fazer algo a respeito.

Bani ficou zangado. A multidão podia ver Jesus em qualquer outro dia, mas Tabita tinha apenas um tempo limitado – e naquele exato momento sua preciosa vida se esvaía. “Saiam do caminho!”, ele quis gritar. Mas o que isso resolveria? Era apenas um menino de 12 anos. Quem daria ouvidos a ele? Além disso, impaciente como estava, Bani não quis embarçar Jairo ou Jesus.

A multidão avançava devagar. Haviam acabado de passar pelo poço da cidade e depois pelo espaço aberto do mercado local, quando todos pararam de repente. “E agora, o que foi?”, Bani resmungou para si mesmo.

– Quem me tocou? – perguntou uma voz acima do ruído.

Bani se esforçou para ouvir quem teria dito algo assim. *Foi Jesus? Certamente não!* Ele olhou para Jesus, mas não imaginava o motivo de alguém fazer uma pergunta como essa. Afinal, a multidão se acotovelava de todos os lados.

– Quem me tocou? – Bani ouviu Jesus perguntar de forma clara.

Surpreso, o menino olhou atentamente para Jesus. Por que o Mestre pararia no meio da rua e questionaria quem o havia tocado? Dezenas de pessoas se empurravam de todos os ângulos, aproximando-se dele, tentando ficar perto dele e tocá-lo. Os discípulos, parados em volta de Jesus, o olhavam fixamente também, sem saber o significado daquela pergunta.

Jesus olhou rosto por rosto daqueles que estavam mais próximos. – Não fui eu! – vários,

por fim, responderam gaguejando; e ergueram as mãos como se fosse para protestar sua inocência.

Pedro, sempre pronto a dizer o que pensava, balançou a cabeça, incrédulo. – Mestre, a multidão te pressiona de todos os lados. Eles se empurram e se acotovelam para ficar perto de ti. Por que fazes essa pergunta?

– Alguém me tocou – disse Jesus. – Sei, porque senti que o poder de Deus saiu de mim.

A multidão se aquietou um pouco, tentando ver qual seria a causa do distúrbio. Assim como acontecia com Bani, eles se perguntavam por que as pessoas haviam parado.

*Por favor, Deus, Bani começou a orar. Não permitas que essa multidão impeça Jesus de chegar a Tabita em tempo!* Ao ver Jairo olhando para o céu, entendeu que o chefe da sinagoga também devia estar pensando a mesma coisa.

## CAPÍTULO 26

Bani tinha certeza de que Jesus sabia quão importante era que chegassem à casa de Tabita logo que fosse possível, pois era uma questão de vida ou morte – literalmente. Jairo havia informado isso no banquete de Mateus. Por que, então, o Rabi permitia que coisas pequenas o impedissem de chegar lá? Questionar quem havia tocado nele parecia um tanto esquisito, sem falar no fato de que parar para fazer a pergunta os detinha mais ainda. Se Jesus não se apressasse, logo seria tarde demais para socorrer Tabita. Pela primeira vez desde que conhecera Jesus, Bani se viu perguntando se Ele sabia o que estava fazendo.

Mas, ainda assim, a pergunta maior parecia ser: Quem teria tocado em Jesus? Embora Bani não entendesse por que Jesus fazia uma pergunta assim, Ele, com certeza, achava que era importante. O Mestre queria saber, e isso passou a ser o interesse de todos. Evidentemente, não iriam a lugar nenhum até descobrir.

O problema era que muitas pessoas dariam tudo para tocar em Jesus. Ele era famoso. Era emocionante ficar em volta de alguém que acalmava tempestades e expulsava cambistas para fora do templo. Tocar em um homem assim podia ser o objetivo de qualquer um naquela multidão!

Bani tinha ouvido algumas pessoas em Cafarnaum alegarem que tocar nas vestes de Jesus os havia curado. Essa era a história deles, e, se fosse verdade, significava que a pessoa que o tocara ali, naquele dia, podia ser um homem cego, um menino coxo ou uma mulher surda. Talvez até nem fosse uma pessoa doente. O fato é que Jesus estava parado no meio da rua, perguntando quem o havia tocado. O mais surpreendente, porém, era que ele esperava, como se tivesse a expectativa de que alguém confessasse tal ato. *Por quê?* Bani se indagava. Mas isso não importava, porque aquilo que aconteceu a seguir o pegou de surpresa. Mesmo que a curiosidade se prolongasse pelo resto de sua vida, ele nunca teria descoberto.

– Fui eu – disse uma voz tímida, do meio da multidão. – Eu toquei a borda do manto de Jesus.

Nesse instante a multidão se dividia, para revelar Hulda, ajoelhada no chão da rua. Sua cabeça achava-se inclinada, e as lágrimas caíam, respingando na poeira do caminho. Bani sentiu-se atônito. *Por que Hulda está aqui? O que ela quer com Jesus no meio desta multidão? E por que ela veio hoje? Ela estava detendo Jesus. Ela não sabe que Tabita está às portas da morte, e o Rabi precisa chegar até o quarto dela antes que seja tarde demais?*

Então ele se lembrou. *Tabita e eu dissemos a Hulda que procurasse a cura em Jesus!* Ele havia se esquecido por completo disso, mas ali estava ela, aceitando o conselho. *Será que ela ficou curada?*, ele quis saber. Parecia que sim. Ele esticou o pescoço para vê-la, e teve que admitir que a mulher parecia diferente de quando a havia visto pela primeira vez no pátio da casa, com Tabita. Embora aparentasse estar constrangida por ter sido descoberta, seu rosto era o retrato da paz com Deus. Em todas as especulações dele sobre quem seria a pessoa que tocara no Mestre, Bani jamais teria imaginado que fosse Hulda.

Jesus deu um passo na direção da mulher ajoelhada no pó. De repente, ela venceu sua timidez e adiantou-se para tocar os pés dele. – Muito obrigada, Jesus! Muito obrigada! – disse ela, e as lágrimas começaram a cair de novo. – Como posso lhe agradecer? Eu havia desistido da esperança de melhorar algum dia. Por 12 anos, consultei médicos e gastei muito dinheiro, mas nada deu certo. Amigos insistiram para que eu o procurasse, e foi aí que percebi que o Senhor era minha única esperança.

– Assim esperei pelo dia em que pudesse encontrá-lo a fim de ser curada. Entretanto, não o achei nas primeiras vezes, e não podia ir longe porque me encontrava muito fraca devido à perda de sangue. Uma vez fui até a praia do lado oeste da cidade, onde o Senhor costuma pregar, mas a multidão estava tão compacta que entendi que nunca teria forças para alcançá-lo! – Hulda sentia os olhos da multidão sobre si, observando-a em silêncio, mas ela se apressou em dizer o que queria. Se não dissesse tudo agora, nunca mais o diria.

– E hoje eu o vi no meio da multidão. Decidi correr o risco de chegar perto o suficiente para tocá-lo. Apenas um toque, pensei, mesmo que seja na barra do seu manto, seria suficiente. E nesse momento – Hulda tentava sorrir, mas seu lábio inferior tremia –, pela primeira vez em anos, sinto vida nas minhas veias outra vez! – Ela levantou o rosto timidamente para Jesus. – Muito obrigada, Senhor Jesus, de todo o meu coração!

O Céu e a Terra haviam chegado muito perto nessa hora, reunindo o poder de Jesus e essa pobre mulher. Jesus de Nazaré, o incrível operador de milagres, havia feito algo por Hulda que ela não podia fazer por si mesma. Algo que nenhum dos médicos fora capaz de fazer.

Bani ficou contente pela cura de Hulda, mas chocado também. *Ele e Tabita haviam*

*sugerido que Hulda procurasse Jesus em busca de cura, e ela fizera isso; mas tinha que ser justo naquela hora? Naquele dia? Hulda estivera doente por 12 anos. Isso não podia esperar só mais algumas horas? Ainda bem que Bani não via seus pensamentos, porque ficaria horrorizado ao perceber quão pouco se importava com Hulda e todo o sofrimento pelo qual havia passado.*

Jesus sorriu para aquela viúva como se fosse para sua própria filha: – Mulher, sua fé a curou – disse Ele. – Vá em paz e desfrute sua saúde!

Bani deu um suspiro de alívio quando a multidão começou a movimentar-se de novo. Eles podiam continuar seu caminho para levar a Tabita algum auxílio. No momento em que Jesus, por fim, chegasse lá, ela seria curada, com certeza!

Foi aí que Bani viu dois servos da casa de Jairo passando pela multidão, na direção deles. Eram Tula e Jotã. – Com licença, com licença! – Jotã dizia. Bani sentiu um nó no estômago ao ver a expressão no rosto deles. Obviamente, a notícia não era boa.

Os servos chegaram até onde estava Jairo e o pequeno círculo de pessoas que rodeavam Jesus. Os olhos deles contaram a terrível verdade àquele pai. – Não incomode mais o Mestre – disse Jotã em voz baixa, curvando-se diante do seu senhor. Bani esforçou-se para ouvir o que o mensageiro dizia, e o ouviu dizer: – Tabita morreu.

Não! Bani quis gritar à medida que um peso parecia descer sobre seu peito. Ele olhou para Jotã e Tula a fim de ter certeza de que ouvira direito, e então para o rosto de Jairo. Mas não havia como entender mal a mensagem. A pior notícia possível havia chegado. Bani viu os ombros de Jairo se curvarem; aí, ele começou a soluçar como se o seu coração fosse romper-se. Essa era uma tragédia da maior magnitude para o líder da sinagoga. Ele tinha apenas uma filha, e agora ela estava morta!

Jairo puxou seu turbante e abaixou-se para pegar no chão um punhado de pó. Lentamente, esfregou-o sobre a barba, o cabelo e as finas roupas. Soluços silenciosos lhe sacudiam os ombros, enquanto ele entendia o que acontecera e começava a experimentar o luto. A única coisa que faltava ali eram os gritos e lamentos que sempre acompanhavam os funerais judaicos.

Bani tinha certeza de que, ao ouvir a notícia, Jesus ficaria tão arrasado quanto os demais, mas Ele não ficou. – Não tema – respondeu Jesus, com voz suave, pondo a mão no ombro de Jairo. – Nem tudo está perdido. Apenas creia, e ela ficará bem.

Jairo respirou fundo e ergueu a face perturbada para Jesus, com uma débil centelha de

esperança nos olhos. Bani imaginava o que Jairo pensava. *Tabita está morta, e já não há nada que possa ser feito para mudar isso.*

O garoto sentia a mesma coisa. As histórias que todos ouviam a respeito do poder de Jesus para ressuscitar pessoas eram fascinantes, e Bani se deixara envolver pela empolgação desses relatos. Embora houvesse acreditado neles, no fundo ele sabia que tudo não passava de histórias. Quando a morte chegava a alguém próximo, era diferente. A luz da esperança podia se apagar muito rápido. Naquele instante, o menino queria acreditar que poderia acontecer qualquer coisa. Queria crer que tudo ficaria bem, e que Tabita de fato não tivesse morrido – mas ficara bastante claro que ela estava morta!

Mesmo assim, em meio a toda a confusão dos últimos minutos, Bani se encontrava orando outra vez: *Por favor, Deus! Ajude Jesus a fazer alguma coisa. Faça com que não seja verdade que Tabita morreu. Por favor, Senhor, deve haver algum engano!*

Foi uma oração desesperada. Bani estava apavorado, observando o desenrolar dos fatos, e entendeu que daria tudo e qualquer coisa para ter Tabita viva e saudável, mais uma vez.

## CAPÍTULO 27

Bani olhou novamente para Jairo, ali parado e pesaroso, no meio da rua. Ele queria achar que entendia como aquele homem se sentia, mas sabia que não era possível. Bani e Tabita eram bons amigos, mas eram, afinal, apenas amigos. Jairo, por outro lado, era o pai dela. Ele havia cuidado de Tabita e a protegido a vida toda, desde que ela nascera. Um nó se instalou na garganta de Bani enquanto ele pensava em tudo isso, e ele orou mais uma vez: *Deus de nossos pais, por favor, faça com que isso não seja verdade! Por favor, permita que descubramos que, afinal, Tabita não está morta – que os servos interpretaram mal os sinais do seu falecimento.*

Eles continuaram rumo à casa de Jairo, e a multidão passava com eles pelas ruas estreitas. Quando se aproximaram do portão da propriedade da família, ouviu-se um som tremendo, que podia ser ouvido acima do barulho da multidão. Gemidos e lamentos atingiam seus ouvidos, e o som triste de instrumentos de sopro cortava o ar da tarde.

A esperança de Bani, de que Tabita ainda pudesse estar viva, começou a dissolver-se. Se os pranteadores estavam ali, ela devia mesmo estar morta!

A cabeça de Jairo inclinou-se um pouco mais, ao ele conduzir Jesus e seus discípulos para dentro do átrio. Bani entrou atrás deles. A multidão ali na rua tentou adentrar também, mas servos fortes bloquearam o acesso, deixando de fora o clamor e a indevida intromissão das pessoas num assunto familiar.

Todos seguiram Jairo pelo espaçoso átrio até chegarem a uma escada de pedras ao longo da parede. Parecia que os lamentadores já estavam por toda parte. Havia pelo menos 20, talvez 25, e o tumulto tornara-se quase insuportável. O choro e os lamentos tornavam o ambiente pesado e tiravam as últimas esperanças de Bani de que Tabita ainda estivesse viva. A casa estava toda em pranto e luto.

O coração de Bani batia amedrontado. A morte tinha chegado àquele lugar! Provocava-lhe pânico e a vontade de correr para longe, muito longe. Contudo, Jesus estava ali. Quando o garoto ficava ao lado do Rabi, sempre se sentia seguro. Ele não tinha ideia do que



aconteceria a seguir; mas, de qualquer forma, queria estar perto de Jesus.

Parentes e amigos da família aproximaram-se de Jairo para expressar suas condolências. Era evidente, nessa hora, que até o pai havia perdido a esperança. O pó no seu rosto estava marcado com lágrimas de tristeza e pesar. Como continuar a vida sem sua pequena Tabita?

Jairo subiu a escada na frente, em direção à sacada. Bani tentou segui-lo de perto, mas parecia que os pranteadores haviam tomado conta até da escada que levava aos cômodos da parte superior. Seu pranto era alto e incômodo. O pranto consistia em fazer com que a cidade toda soubesse que a filha de um homem rico havia morrido.

Jesus também tentou falar com Jairo, enquanto fazia sinal na direção do quarto de Tabita. Bani quis ouvir o que Ele dizia, mas os lamentadores faziam muito barulho.

Por fim, Jesus franziu a testa diante dos pranteadores perto dele. – Por que vocês choram tanto? – perguntou Ele ao grupo, que se aquietou um pouco. – A menina não está morta – acrescentou Jesus. – Está apenas dormindo.

Bani ficou intrigado. *Que foi que Jesus disse? A menina está dormindo? Como pode alguém estar morto e dormindo ao mesmo tempo?* Bani imaginou que devia ter ouvido mal, com todo o barulho que os lamentadores faziam.

Em seguida, os pranteadores pararam a fim de encarar Jesus. Bani viu alguns deles trocando olhares, com ar de zombaria. Os cochichos se espalharam pela multidão até que várias pessoas chegaram a dar risada.

O garoto não acreditava nos próprios ouvidos. Que tremenda grosseria! De que achavam graça e como ousavam rir numa ocasião como essa? Estavam ali como lamentadores; poderiam prantear ao se comportarem desse modo? Jairo provavelmente os despediria.

Os discípulos abriram caminho em meio à multidão de pranteadores até o dormitório de Tabita, junto à sacada, e Jesus e Jairo seguiram de perto. Bani pôde ver, pela porta aberta, que o quarto estava cheio de lamentadores, e se perguntava como todos caberiam ali dentro.

Então, com autoridade na voz, Jesus disse algo inesperado. – Por favor, saiam do quarto. Não há lugar para todos nós aqui.

– Que bom! – disse Bani em voz alta, embora soubesse que aquela fora uma expressão descortês. – Já era tempo. Esse barulho me deixa doido – ele se esforçou para entrar no quarto, mas não conseguia ver por cima das pessoas.

– Muito bem! Vocês ouviram o Mestre! – Pedro já estava dentro do quarto, e seus braços fortes se abriram bem, como se fosse abranger toda a multidão. – Vamos esvaziar o ambiente.

Aí foi a vez de os pranteadores se incomodarem. Que direito tinha Pedro de lhes ordenar que saíssem? Alguns deles eram parentes de Tabita. Tinham tanto direito de estar no quarto dela quanto Pedro. Até mais! Vários lamentadores dispararam olhares zangados na direção do discípulo, porém ele os ignorou e começou a organizar a saída deles na direção da porta. Bani tentou ficar de lado, num dos cantos, mas deu um encontrão numa senhora alta que vinha da direção oposta. Ele perdeu o equilíbrio e quase caiu, a mulher, contudo, o segurou e o empurrou para a frente dela.

– Deixe-me ir – Bani suplicou, tentando apertar-se para dentro do quarto. Entretanto, ele acabou sendo forçado para fora, com todos os lamentadores. O menino viu que, além de Pedro, apenas Tiago e João ficaram com Jesus no quarto de Tabita, acompanhados, é claro, de Jairo e Zeruaia. Todos os outros discípulos deviam ter sido empurrados para fora do dormitório também. Naquele breve momento, antes de fecharem a porta, Bani viu Tabita deitada sobre a cama. Um lençol havia sido estendido sobre a cabeça dela, e Jesus o removia. Ela estava tão imóvel e branca! No entanto, o Mestre, em pé ao lado da garota, fez com que Bani se sentisse um pouco melhor.

Bani desejou ter permanecido com Jesus e os discípulos; mas, em certo sentido, ficou contente por não estar lá. Ele não queria ver Tabita morta. Queria lembrar-se dela do modo como Tabita era quando conversava com ele no mercado.

Ao longo da parede da sacada havia vasos de argila cheios de unguentos e especiarias aromáticas, prontos para serem usados no sepultamento de Tabita. Pessoas pobres não tinham dinheiro para adquirir aquilo tudo, mas os ricos preparavam seus mortos para o funeral dessa maneira. Primeiro, o corpo era lavado e depois envolvido com faixas de tecido de linho ou em lençóis. Depois, entre os lençóis, derramavam os unguentos e especiarias para preservar o corpo, até que este pudesse ser sepultado numa caverna ou sepulcro. Bani havia visto isso uma vez, quando seu avô falecera, e não gostava das lembranças que isso lhe trazia. A família de Tabita teria que cuidar de tudo isso agora.

Uma nuvem escura envolveu a mente de Bani, estando parado ali fora na sacada. Os pranteadores haviam começado de novo, chorando e lamentando. Embora parecesse estranho dizer, Bani sabia que Tabita tinha se tornado uma de suas melhores amigas, e ele nem costumava gostar das garotas. Sentiu-se mal, e teve vontade de chorar. Tinha idade demais para chorar como um menininho, mas não o suficiente para entender que não havia

problema em chorar às vezes, quando fatos ruins aconteciam – situações como a morte de um amigo ou ente querido.

Ele observava a porta do quarto de Tabita e se indagava o que Jesus estaria fazendo lá dentro. Talvez estivesse tentando consolar os pais de Tabita. Havia pouca coisa mais que Ele pudesse fazer. Jesus disse que Tabita apenas dormia. Mas o que Ele quis dizer com isso? Os médicos estiveram aqui e a declararam morta. Ele não sabia disso?

Então, Bani se lembrou de que Jesus raramente considerava os comentários das pessoas como sendo a última palavra sobre algum assunto. Era como se Ele estivesse reescrevendo as regras da vida. Em geral, não apoiava os ensinamentos dos sacerdotes e fariseus, e por vezes até discordava do modo como usavam a Lei de Moisés. Não concordava com eles sobre como devia ser guardado o sábado. Tampouco tratava mulheres e crianças da maneira como os homens de Cafarnaum as tratavam. As mulheres e as crianças eram importantes para o Rabi, e Ele as tratava com respeito e amor.

## CAPÍTULO 28

Foi aí que Bani se lembrou do relato do rapazinho que fora ressuscitado em Naim. Será que Jesus poderia fazer o mesmo por Tabita? Bani não queria ter esperança demais, porém desejava crer que o Mestre podia fazê-lo. Certamente, se Jesus havia ressuscitado um rapaz, podia fazer o mesmo por sua amiga.

Bani olhou ao redor. Ninguém o observava, e assim, ele subiu ao quarto de novo e pôs o ouvido na porta. Se ele não podia entrar no aposento com Jesus e os outros, talvez pudesse pelo menos ouvir o que diziam. Os lamentadores, a essa altura, se haviam acalmado um pouco. Deviam estar fazendo uma espécie de intervalo.

Enquanto Bani se desligava dos sons de parentes e visitantes que conversavam lá embaixo, pôde ouvir a mãe de Tabita chorando lá dentro. Ouviu os tons baixos da voz profunda de Jesus, mas teve dificuldade para entender suas palavras. Imaginava os desolados pais de Tabita, parados ao pé da cama; e o corpo dela, silente e imóvel, com sua face branca. O rosto de Jairo devia estar rígido, e haveria grande tristeza nos olhos dele.

– Se eu o tivesse procurado antes! – Bani ouviu Jairo engasgar-se com as palavras, e espiou por uma fresta nas tábuas da porta. – Se eu o tivesse procurado antes, Rabi, o Senhor teria chegado aqui em tempo de socorrer minha filha. O amigo dela, Bani, disse que o Senhor seria a pessoa a quem recorrer, mas meu obstinado orgulho me impediu de ir a sua presença. Meu coração foi duro, Senhor! Não concordei com seus novos ensinamentos, que são muitas vezes contrários às nossas interpretações da Lei e dos Profetas. Eu deveria ter buscado o Senhor pela manhã – e a voz dele tremia de emoção. – Eu deveria ter me encontrado com o Senhor quando ainda havia oportunidade. Talvez este seja o meu castigo por não ter acreditado que Tu és, na verdade, o Filho de Deus!

Bani, então, podia ver o que acontecia lá dentro, embora fosse através de uma pequena fenda. Ele viu Jesus tornar a pôr a mão no ombro de Jairo. – Não se preocupe – disse Jesus. – Deus está aqui conosco. – Por um momento, Ele olhou para o rosto imóvel de Tabita e, depois, ergueu os olhos ao céu. O garoto já o vira fazer isso antes dezenas de vezes, e sentiu

de novo um calafrio na espinha!

Bani soube que jamais se esqueceria daquele momento. Os pranteadores começavam de novo, mas o menino entendeu as palavras que se esforçava por ouvir. – Menininha, levante-se! – A ordem fora dada do mesmo modo como naquela noite em que havia acalmado a tempestade. Era cheia de autoridade, como na manhã em que libertou os dois endemoniados de Gadara.

Em seguida, Bani achou que viu Tabita se mover. Através da fresta na porta, observou Jesus tomar a magra mão de sua amiga e ajudá-la a se sentar. Jairo ficou parado, surpreso, ao pé da cama; porém Zeruia correu para abraçar a filha. Soluçando, ela a segurou bem apertado.

Bani estremeceu, de tanta felicidade! Vira Jesus operar outros milagres estonteantes que desafiavam a imaginação – a cura de pessoas cegas, surdas e paráliticas. Mas este era completamente diferente. Jesus trouxera de volta à vida uma pessoa morta, e esta era Tabita, sua grande amiga!

A menina parecia confusa diante de todo aquele alvoroço em torno dela, como se tivesse acabado de acordar de uma soneca. *Mas afinal, isso nem devia ser uma surpresa*, pensou Bani, ainda assombrado demais para saber o que pensar. *Jesus não disse que ela estava só dormindo?* O garoto sabia que ela estivera morta. Todos sabiam disso. Os médicos estiveram ali para atestar o óbito, e os pranteadores já haviam começado a trazer os unguentos e especiarias que usariam nos preparativos para o sepultamento.

Isso já não importava. Nada disso importava mais. Tabita vivia outra vez! Jesus estava ali; e, onde Ele está, a morte não permanece!

Bani mal continha sua euforia. Queria entrar de supetão no quarto para participar da comemoração, mas sabia que não poderia fazer isso. Eles não sabiam que ele estivera espiando, e isso seria indelicado. Ou será que sabiam? De repente, Jesus se virou devagar e olhou diretamente para o menino, através da fenda na porta.

Um calafrio percorreu de novo a espinha de Bani, quando percebeu que o Rabi talvez soubesse o tempo todo que ele estivera ali, espiando. Jesus sabe tudo! E por que não saberia? Se Ele pôde ressuscitar Tabita, provavelmente soubesse o que todos, em Cafarnaum, já haviam feito, dito ou pensado – e isso incluía Bani. Jesus não havia provado isso, vez após vez, em todos os seus debates com os escribas e fariseus? O garoto se sentiu pequenininho, ao pensar que o Mestre sabia até o que existia dentro do coração de uma pessoa.

Bani se pôs em pé e se afastou um pouco da porta. Queria ser respeitoso e cortês, mas não conseguiu conter sua emoção por mais tempo. – Tabita está viva! – gritou ele, correndo para a extremidade da sacada, onde ficava o topo da escada de pedras. – Ela está viva!

Então, a porta do dormitório se abriu, e Tabita apareceu ali, em pé, tão bonita e graciosa como sempre. Ainda parecia confusa e surpresa com tanta gente no átrio. Ao seu lado estava Zeruia, sem saber como se comportar. Num instante, ela ria, feliz, abraçada a sua filha, e no outro, derramava nova torrente de lágrimas.

Por um momento, ninguém no átrio se mexeu; os pranteadores ficaram atônitos, mudos de surpresa. Bani nunca se esqueceria dos seus olhares de espanto. Depois do modo como haviam rido de Jesus, eles bem mereciam isso, se é que se pode dizer tal coisa.

Mas, por fim, passado o choque, a família e os amigos subiram ruidosamente a escada, a fim de reunir-se com Tabita e dar-lhe as boas-vindas. Parecia que todos falavam ao mesmo tempo! As pessoas a acompanharam, com seus pais, descendo a escada até o átrio.

Logo o lugar ficou em silêncio de novo, quando Jesus apareceu no topo da escada com Pedro, Tiago e João. Na quietude daquele momento, todos, de repente, perceberam que fora o Mestre quem tornara aquilo tudo possível. *Jesus não fez estardalhaço com esse milagre*, pensou Bani. Na verdade, Ele operara sua maravilha por trás de uma porta fechada, longe dos olhares intrometidos de curiosos e dos comentários céticos de incrédulos.

Então, a multidão caiu de joelhos, com respeito e reverência diante daquele milagre impressionante. Estavam todos tomados de emoção e de admiração para com o Mestre. Nunca, na vida, haviam visto tais maravilhas, tal poder. Entenderam que essa experiência mudaria a vida deles para sempre!

Naquele dia, Bani fora um dos afortunados que testemunharam a gloriosa mão de Deus em ação em Cafarnaum, assim como Tabita; mas Jairo foi o primeiro a curvar-se aos pés de Jesus. Sim, ele estava convencido de que aquele homem era mais do que apenas um grande Rabi, mais do que apenas um Profeta. Ele tinha que ser o Filho de Deus!

Em seguida, todos se puseram em pé outra vez, louvando a Deus pela vida dessa menina, que lhes fora restituída. As pessoas se reuniram em volta de Tabita, com beijos, e congratularam Jairo por ter sua filha de volta.

Jairo, finalmente, bateu palmas pedindo silêncio e disse a todos que haveria uma festa naquela noite para comemorar o incrível milagre de Jesus, ao restaurar a vida de sua filha. Todos estavam convidados, e Jesus seria o homenageado. Era o mínimo que esse pai podia

fazer para agradecer ao Mestre a devolução da vida a sua filha.

O banquete foi um enorme sucesso, uma festa insuperável. Bani e seus pais compareceram ali para ajudar na celebração. Também foram Hulda e os 12 discípulos mais próximos de Jesus. Todos estavam muito felizes. O Mestre ressuscitara uma menina, e eles haviam sido parte daquilo como seus discípulos escolhidos. Três deles testemunharam o fato com os próprios olhos! Que mais podia alguém pedir?

Quando caiu a escuridão, foram acesas as lâmpadas a óleo, e colocadas em cada cantinho do átrio. Resplandecentes tochas foram encaixadas nos suportes de ferro, nas paredes da área. Havia, então, um ar festivo no recinto. E não mais pranteadores. Não mais trajes pretos, usados apenas em funerais. Os músicos contratados para tocar no funeral atenderam ao pedido para tocar músicas festivas.

## CAPÍTULO 29

Os servos se apressavam, fazendo todos os preparativos. Bani concluiu que nunca tinha visto tantos tipos de frutas no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Cestas cheias de uvas, azeitonas, cidras e romãs cobriam as mesas. Tigelas de figos secos, passas e amoras estavam à disposição dos convidados. Também havia todo tipo de pães, bolos e bolachas de gergelim, servidos em bandejas postas sobre as famosas tapeçarias de Zeruia. Panelas fumegantes de ensopado de lentilha, alho-poró e grão-de-bico borbulhavam em grelhas de ferro sobre pequenos fogões. O aroma dos temperos enchia a casa de Jairo e se espalhava pela rua afora. Os criados também serviam peixe e carneiro assado, mas a boca de Bani se encheu de água diante do bezerro cevado que virava comida nos fundos do átrio, sobre o fogo aberto.

– Nenhuma despesa é grande demais para a festividade desta noite – Bani ouvira Jairo dizer aos convidados. – Minha filha Tabita esteve morta e agora vive! Hoje à tarde, nós nos preparávamos para lamentar seu falecimento; mas, nesta noite, celebramos a vida que lhe foi restituída!

Durante o tempo todo, Bani não conseguiu dizer sequer uma palavrinha a Tabita. Todos queriam falar com a menina que estivera morta naquela tarde, e agora vivia. Por fim, teve a chance de conversar com ela tarde da noite, ao encontrá-la parada, sozinha, na sacada que dava para o pátio. As tochas ainda ardiam e muitos convidados continuavam ali, mas os músicos haviam parado de tocar. Os grilos cricrilavam em alto som, e Bani podia ouvir os curiangos silvando lá no alto, enquanto investiam sobre suas presas.

– Fiquei triste quando soube da notícia de que você tinha morrido, mas tenho de admitir: fiquei um pouquinho bravo também – Bani afirmou.

– Bravo? – Tabita pareceu surpresa.

– É. Fiquei irritado com o povo, quando estávamos a caminho, atravessando a cidade. Seu pai e eu havíamos ido buscar Jesus, mas o pessoal ficou em volta. Continuei orando para que Deus não permitisse que a multidão nos atrasasse, mas Ele não respondeu a minha



oração, e isso me deixou bravo. Acho que eu não devia falar sobre Deus desse jeito. De qualquer maneira, a multidão ficava mais numerosa. Eu queria que Jesus chegasse a sua casa rápido, mas Ele deixava que as pessoas o parassem, especialmente Hulda!

– Hulda? – Tabita balançou a cabeça, como se não tivesse ideia do que Bani contava.

– Ah, claro, acho que ninguém deve ter lhe contado sobre isso – Bani notou um morcego que voava no escuro. – De qualquer maneira, você se lembra de termos sugerido a Hulda que procurasse Jesus para lhe pedir que a curasse? Bem, hoje foi o dia. E que hora ela escolheu para fazer isso? Justamente quando atravessávamos a cidade. Bem na hora em que precisávamos andar mais rápido porque você estava a ponto de morrer! – o garoto fez um movimento com a cabeça, como se tivesse vencido algum tipo de discussão. – Assim você viu por que fiquei bravo. Muitas coisas se intrometeram no caminho, impedindo-nos de chegar em tempo, e acho que não consegui lidar com a situação. Puxa, que dia!

– Espere aí! – Tabita o interrompeu. – Que aconteceu com Hulda? O que ela tem que ver com tudo isso?

– Ah, sim – o rosto de Bani foi iluminado com a luz das tochas acesas. – Ela não conseguia chegar perto de Jesus para falar com Ele, aí passou pelo meio da multidão e tocou a parte de baixo do manto do Rabi. E ficou curada.

– Não brinque! Hulda foi curada? Simplesmente assim?

– Simplesmente assim! – Bani concordou com a cabeça, no escuro. – Jesus lhe disse que sua fé a havia curado.

– Puxa! Depois de 12 anos, Hulda está bem outra vez! – Tabita pronunciou as palavras com reverência e, então, o silêncio os rodeou por um instante, enquanto pensavam nos eventos daquele dia.

– Como é a experiência de estar morta? – Bani perguntou, por fim, olhando para o escuro céu noturno.

– Hum, essa é uma boa... – Tabita disse devagar, ruminando mentalmente a pergunta. – Como é estar morta? Acho que, na verdade, eu não sei. Não me lembro. Quero dizer, num momento eu estava na cama, me sentindo mal, com febre e tudo mais, acho que inconsciente a maior parte do tempo; no outro, vi Jesus me ajudando a sair da cama – ela ergueu as sobrancelhas para Bani, sem saber de que outra maneira poderia responder à pergunta.

– Então, na verdade, você não se lembra de nada, do tempo em que esteve morta? Quero dizer, algumas pessoas dizem que, quando você morre, vai para algum lugar do Céu. Outras dizem que você vai para o *sheol*, um lugar ruim, onde está a morte, pessoas moribundas e leprosas. Sei que meu pai e minha mãe me ensinaram que todos dormem na sepultura enquanto estão mortos, e esperam que Deus os ressuscite. Eu só queria saber se você contaria algo diferente – Bani encolheu os ombros. – Você é a única pessoa que eu conheço que voltou da morte.

– Ei, eu posso ser a única pessoa em Cafarnaum que já voltou de entre os mortos! – Tabita começou a rir, mas depois ficou séria. – Não, não tenho lembranças do tempo em que estive morta. Acho que foi semelhante a um sono profundo – ela olhou para Bani e se encolheu também.

– Dormir, hum! – aí foi a vez de Bani pensar. – Foi exatamente isso que Jesus disse. Ele disse que você não estava morta, mas apenas dormindo.

– Ora, eu estava morta, sim! – Tabita argumentou. – Meu pai disse que eu estive morta, minha mãe disse que eu morri. Os servos disseram que os médicos vieram e puxaram o lençol sobre o meu rosto. Eu estava *bem morta!*

– Bem, então acho que Jesus deve ter falado da morte como Ele a vê – Bani acrescentou. – Talvez seja assim que Deus a vê. Nós morremos. Dormimos até que o Senhor recrie a Terra. Aí, acordaremos e viveremos com Ele para sempre!

– Nesse caso, acho que a morte nem é tão ruim – disse Tabita, com confiança. – Se você acredita no poder de Deus, e se Jesus está por perto, é apenas como dormir.

– Você deve saber – Bani sorriu de novo no escuro. – Você já esteve lá.

Ana subiu a escada com uma grande bandeja de comida para Bani e Tabita. – Então é aqui que encontro vocês? – brincou ela, colocando a bandeja sobre uma mesinha da sacada. – Todos querem estar com a celebridade do ano, e ela se esconde aqui em cima, na sacada!

– Ah, Ana! – Tabita protestou. – Claro que não é isso!

– Eu sei, querida – Ana alisou os longos cachos de Tabita. – Só estamos felizes porque você voltou – havia lágrimas nos olhos dela. – Vamos, sentem-se aqui sobre essas almofadas e comam alguma coisa, vocês dois.

Tabita sorriu para a mulher que se tornara como uma segunda mãe para ela, e olhou a serviça retornando, descendo a escada de pedras ao longo da parede do átrio. Os dois

sentaram-se e examinaram o saboroso alimento na bandeja. – Puxa! Que banquete! – Bani exclamou. – Quanta comida boa! – e deu uma risadinha enquanto pegava um punhado de azeitonas.

– Estou com tanta fome, que seria capaz de comer um boi inteiro! – disse Tabita, entre mordidas de cordeiro assado e pão de cevada.

– Hum, acho que você poderia tentar – Bani riu. – Estão virando o bezerro cevado no espeto lá no pátio.

– Ah, você sabe o que quero dizer – Tabita riu também, e Bani achou que a risada dela nunca fora tão espontânea. – Na verdade – Tabita acrescentou –, não sei o que me deu. Geralmente como bem pouco; mas quando Jesus me acordou, senti como se não tivesse comido por um mês. Ana me deu um pouco de pão e ensopado na cozinha, mas já me sinto esfomeada de novo.

Bani apenas riu. Era ótimo ver Tabita viva e bem, outra vez. O dia havia sido um grande pesadelo para ele e para todos os demais. Os dois comeram com vontade, e depois Tabita quebrou o silêncio.

– Conte-me o que aconteceu no mar, ontem à noite. Tudo de que me lembro foi de ter ido dormir pensando no que os pescadores fazem no mar durante uma tempestade. Hoje fiquei sabendo que houve mesmo uma tempestade. Você estava lá?

– E como estava lá! – Bani parou de mastigar o pedaço de peixe. – Mas... ninguém lhe contou ainda o que aconteceu?

Tabita deu de ombros. – Não. Deveriam ter contado?

– Acho que sim. A tormenta chegou e foi a pior que já vi no mar. Tentamos remar em direção à terra, mas era como se estivéssemos empacados no meio das águas. Parecia que estávamos sendo sugados para o centro do mar, sem chance de escapar. Ficamos remando durante o que nos pareceu algumas horas; mas a tormenta ficou tão impetuosa que tive certeza de que iríamos naufragar. Acho que as pessoas de todos os barcos ao nosso redor também pensaram a mesma coisa – Bani sacudiu a cabeça diante da lembrança horrível.

– Estávamos pertinho do barco no qual Jesus se encontrava, lembro-me bem, e os seus discípulos tiravam a água com baldes tão rapidamente quanto todos os outros pescadores. Mas foi em vão. A chuva caía de forma volumosa, e o vento sacudia as ondas por todos os lados. Havia água demais por toda parte. Foi uma grande tempestade, Tabita, e temi que meu último dia houvesse chegado!

## CAPÍTULO 30

– Então ouvi Pedro dar ordens aos outros discípulos no barco dele – disse Bani – e comecei a me perguntar onde estaria Jesus. Nossos barcos estavam juntos, bem perto. Eu não o via em lugar algum, mesmo quando os relâmpagos iluminavam o céu. Ele não estava ajudando os discípulos a remar ou jogar água fora, ou coisa parecida.

– Todos gritavam e clamavam a Deus por socorro. Alguém gritava o nome de Jesus. Acho que foi Pedro. De repente, o Rabi ficou em pé no barco, segurando-se no mastro com uma mão, tendo a outra levantada ao céu. Pude ouvir com nitidez suas palavras: “Paz! Aquiete-se!” Ele falava ao mar e ao céu. Imediatamente, a chuva e o vento pararam, e logo o mar ficou calmo!

– Assim? – Tabita pegou um pedaço de pão e fixou os olhos em Bani, com surpresa.

Bani concordou: – Do jeito como estou falando! As nuvens foram embora e a lua até apareceu. Eu queria que você estivesse lá para ver – Bani acrescentou, devagar. – Quero dizer, teria sido ruim se você estivesse, porque você estava doente e tudo mais!

– É, teria sido muito ruim – Tabita se encolheu. – Eu fiquei mais do que doente, a noite toda. Mas e aí, o que aconteceu?

– Tiramos toda a água do barco e içamos a vela de novo. Nesse momento, fomos na direção leste, para a praia mais próxima.

– Então Jesus ficou no barco o tempo todo? – Tabita sorriu. – E vocês não conseguiam vê-lo?

– É. Ele ficou lá – Bani deu uma risadinha e balançou a cabeça. – André, mais tarde, me contou que Jesus dormia. O Mestre estava tão cansado que nem ouviu os trovões.

– Puxa! Ele devia estar realmente exausto!

– E como! Mesmo na tormenta, Ele só acordou depois que Pedro começou a gritar. Acho

que Pedro faz mais barulho que o trovão. Como aquele homem grita! – Bani riu. – Mas, sabe, ocorreu algo estranho. Depois da tempestade, os discípulos ficaram muito quietos, quase como se estivessem com vergonha.

– Por quê? Não ficaram contentes por Jesus tê-los salvado da tempestade?

Bani deu de ombros. – É, penso que ficaram. Mas acho que Jesus disse que o verdadeiro problema era que eles se preocupavam demais. Deviam ter mais fé.

– Mas eles quase afundaram! – Tabita protestou –, ou, pelo menos, poderiam ter afundado...

– Eu sei, eu sei! – Bani quase riu. – Foi isso que pensei, e eu disse isso a André também. E sabe o que ele respondeu? Ele disse: “Não, Bani, nós já estamos com Jesus faz um bom tempo. Devíamos ser capazes de confiar nele. Se o Mestre pode purificar leprosos e ressuscitar mortos, acho que Ele pode se encarregar de uma tempestade.”

Tabita engoliu em seco. – Ah, bem, quando você pensa assim, faz sentido.

Houve outra pausa na conversa, enquanto o óleo das lâmpadas diminuía e as chamas das tochas começavam a soltar fuligem. Os grilos continuavam cricrilando no caramanchão da parreira; mas os curiangos estavam em silêncio agora, tendo concluído sua caçada naquela noite.

– Mas, e depois, que aventura aconteceu quando vocês chegaram à praia oriental da Galileia? – Tabita esticou os braços acima da cabeça e bocejou.

– Aventura? – Bani também bocejou. – Essa palavra é branda demais! Como eu queria que você tivesse estado lá, Tabita!

– Eu sei... Você já disse isso! Eu também queria ter estado lá. Sempre perco os grandes acontecimentos – Tabita franziu a testa, mas não conseguia ficar brava por muito tempo. Afinal, ela estava viva para ouvir aquelas histórias emocionantes, e isso queria dizer algo, não? – E aí, o que aconteceu? – acrescentou ela, com um franco sorriso.

– Bem, depois que a tempestade se acalmou e todos nós nos acomodamos de novo, já era madrugada. Nos aproximávamos da praia na costa leste do mar da Galileia. Fiquei contente por ver terra seca e queria algo quente para comer. Tínhamos ficado molhados e com frio. Então, Joel e eu pulamos para fora do barco a fim de catar lenha para o fogo, quando, de repente, ouvimos gritos e vimos um homem louco correndo pela praia na direção de Jesus!

– Os discípulos e outros pescadores também tinham ido à praia. Mas ao verem o lunático

correndo na direção de Jesus, voltaram para os barcos – Bani sorriu. – Se o homem louco não parecesse tão assustador, acho que eu teria dado risada. Quero dizer, imagine só. Todos aqueles pescadores correndo dentro do mar, esparramando água para todos os lados, como um bando de garotos, deixando Jesus parado ali sozinho, na praia. E sabe de uma coisa? O Rabi nem se mexeu. Simplesmente ficou quieto, enquanto o homem se aproximava cada vez mais.

– Eu corri também, mas acho que foi sem pensar. Corri na direção de Jesus, em vez de ir para o barco. Mas, sabe, foi algo muito estranho. O lunático parou e caiu aos pés do Mestre. Ficamos preocupados por Jesus, porque o louco parecia possuído por um demônio. Você sabe, como aquele homem na sinagoga, naquele sábado. De qualquer maneira, só esperamos para ver o que Jesus faria. O maluco amaldiçoava o Rabi com uma voz bastante estranha, e então Jesus levantou sua mão para o céu. Aquilo me deixou todo arrepiado.

Bani contava a história com muita empolgação.

– Depois, o Rabi mandou que o demônio, ou quem estava dentro do homem, saísse dele, e o homem ficou calmo. Quando os espíritos saíram do homem, pediram a Jesus que os deixasse viver numa manada de porcos pastando ali perto. Havia outro atormentado num cemitério lá em cima, perto das cavernas dos rochedos, e o Mestre o curou também. Em seguida, Ele desceu para a praia. Os dois lunáticos pararam de se sacudir e ficaram bem quietos. Eles ainda pareciam loucos, com o cabelo desgrenhado e tudo, e se cobriam apenas com uns poucos trapos. Por fim, Joel e os pescadores retornaram à praia. Os discípulos deram aos homens algumas roupas deles para que vestissem.

Os olhos de Tabita se arregalavam à medida que a história prosseguia, e Bani continuou.

– De repente, ouvimos uns grunhidos lá em cima, nas pedras. A manada inteira de porcos correu até chegar a um lugar onde não havia mais espaço. De forma incrível, eles começaram a se jogar do penhasco para dentro do mar.

– Nossa! – Tabita exclamou.

– Pouco tempo depois, alguns anciãos da vila vieram ver a cena e pediram que Jesus fosse embora. Acho que ficaram zangados porque perderam todos os seus porcos, mas eles também pareciam assustados de verdade, porque os dois endemoniados estavam sentados, quietos, ao lado do Mestre. Imagino que fazia muito tempo que os moradores da vila não viam esses homens agindo de forma normal. Os lunáticos viviam nas cavernas do cemitério fazia anos, e acho que ninguém conseguia sepultar seus mortos tendo aqueles homens por perto, porque todos ficavam amedrontados com a presença deles.

Bani parou para tomar fôlego. A essa altura, Tabita havia terminado de comer e ouvia com muita atenção, como se nunca tivesse ouvido algo tão interessante na vida.

– Sabe, acho que aqueles anciãos da vila estavam com medo de Jesus e seu poder – Bani prosseguiu. – Eles não entenderam isso, e ficaram com mais receio do Rabi do que dos endemoniados.

– Isso é esquisito – disse Tabita. – Os endemoniados eram violentos e Jesus é bom, mas eles ficaram com medo de Jesus...

– É – Bani concordou –, mas acho que tinham medo porque eram supersticiosos, e você sabe o que a superstição pode fazer. Aqui, em Cafarnaum, há muita gente supersticiosa. Elas têm um medo mortal de espíritos no mar, à noite. Algumas pessoas até cospem para se livrar da má sorte.

– É, muita gente tem medo de feitiços – disse Tabita.

– Mas, sabe, nossos rabis e escribas na sinagoga nos dizem coisas que são más de igual modo – Bani acrescentou. – Eles ensinam que, se você não guarda o sábado exatamente como eles dizem, nunca chegará ao Céu. Inclusive chegam a afirmar que se você dedica seu dinheiro ao templo em Jerusalém, não precisa cuidar dos seus pais quando eles forem velhos e não puderem cuidar de si mesmos.

– Jesus ensina que é errado dizer às pessoas coisas desse tipo! – Bani protestou. – Ele diz que Deus não é assim. Deus ama a todos e quer que todos se salvem – os ricos, os pobres e os escravos. Ele diz que as mulheres também são importantes para Deus. Nem posso acreditar que os anciãos na nossa sinagoga digam às pessoas precisamente o oposto, e ainda afirmem que tudo isso vem da Torah – Bani parecia zangado, e seus olhos se estreitaram até parecerem um tracinho. – Bem, Jesus diz que eles inventaram um bocado disso nas suas tradições.

– Puxa! Você está um tanto incomodado com tudo isso, não está?

– Sim, estou! – Bani parou e riu de novo. – Ah, bem, acho que às vezes me exalto; mas tudo parece tão errado... Jesus chegou para nos ajudar a endireitar tudo, não acha?

– Concordo – Tabita sorriu. – Você já está parecendo um rabi, sabia?

– Ah, eu não iria tão longe – ele riu, constrangido.

– Então todos vocês tiveram de sair de Gerasa? – Tabita se levantou e se apoiou contra a mureta da sacada.

– Sim, tivemos. Jesus disse que devíamos içar as velas depois que o magistrado pediu que fôssemos embora. Assim, entramos nos barcos, e os dois endemoniados, melhor, os dois homens que tinham sido endemoniados, perguntaram se podiam seguir conosco, mas Jesus disse que não.

– Não? Mas por quê? Se eu fosse eles, também ia querer acompanhar Jesus! – Tabita parecia confusa.

– É, eu sei; foi isso que pensei também, mas do jeito como Jesus explicou, posso entender a ideia dele. Faz sentido. Ele disse que se eles ficassem em Gerasa e contassem sua história, as pessoas prestariam atenção e aprenderiam a respeito de Deus. Os moradores de Gerasa são pagãos, como você sabe. Nem sequer um crente em Deus mora entre eles. Acho que eles adoram todo tipo de deuses e demônios estranhos. Já que eles não queriam Jesus por perto, Ele deve ter visto que as pessoas de Gerasa ouviriam os dois homens cuja vida fora transformada completamente. Quero dizer, você devia ter visto a mudança que aconteceu com eles, Tabita! Claro que precisavam cortar o cabelo e tomar um banho; mas, fora isso, eles estavam muito calmos, sentados ali com o Mestre.

– Parece muito triste que todos vocês fossem embora e os deixassem desse jeito! – Tabita se mostrava inconformada.

– É, mas Jesus disse que vamos voltar lá algum dia, em breve. Espero que aí as pessoas estejam prontas para aceitá-lo. Assim, todos nós deixamos a praia de Gerasa e voltamos para Cafarnaum. Foi quando fiquei sabendo que você estava doente, e vim logo para cá.

Tabita suspirou. – Fico contente por você ter vindo, mesmo não tendo sabido que você estava aqui.

– Ei, para que servem os amigos?



# CAPÍTULO 31

As semanas passaram e a vida seguiu novamente seu ritmo na cidade de Cafarnaum. O trigo e a cevada de inverno haviam sido semeados fazia tempo, e as chuvas frias no mês de quisleu tinham passado. A Galileia se tornava verde outra vez, sob a promessa de uma nova primavera.

Bem cedo, certa manhã, Tabita viu Bani no mercado de peixes outra vez. – Como vão suas aulas, rabizinho? – ela brincou.

– Muito boas – Bani riu. – Tenho um professor novo. É Asafe, o escriba. Ele é mais interessante que o rabi Eleazar. Já aprendi todas as letras hebraicas e memorizei muitos versos da Torah. Quero aprender grego também, mas os anciãos aqui são rígidos ao manter essas coisas fora da escola da sinagoga. Eles dizem que lá não há lugar para influências pagãs, como a língua grega. Asafe diz que isso arruinou os saduceus em Jerusalém, fazendo com que aceitassem todo tipo de crenças estranhas, completamente opostas ao que a Lei de Moisés e os Profetas nos ensinam.

– Como o quê? – Tabita mudou o cântaro de um quadril para o outro.

– Ah, como acreditar que não haverá ressurreição dos mortos.

– Mesmo? – Tabita pareceu chocada.

– Sim, e anjos. Os saduceus não acreditam em anjos ou no diabo, do jeito como nós acreditamos.

– Não acreditam?

– Não. Eles acham que a vida é só esta que vivemos aqui neste mundo. Aquilo que você quiser fazer, é melhor fazer logo. Adquira um monte de dinheiro, terras, posições importantes e poder. É por isso que o sumo sacerdote no templo, atualmente, é um saduceu, porque os saduceus, lá, estão sempre lutando pelos melhores empregos em Jerusalém. É uma competição por fama e glória, mas eles se esquecem do que é certo e errado. Por isso é que

são tão corruptos. Asafe diz que eles vivem apenas para conseguir riqueza e poder, e não se importam com mais nada. Nada de bondade para com os pobres ou de dividir o que eles têm com os outros.

– Puxa! Você está aprendendo bastante! – Tabita demonstrou estar impressionada.

– É. Eu gosto de Asafe. Meu pai acha que ele é o melhor instrutor que eu poderia ter, porque tem um bom coração e não é como o resto dos rabis da sinagoga.

– O que Asafe acha de Jesus? – Tabita soltou o cântaro de água.

– Bem... eu lhe perguntei isso e ele não me deu uma resposta direta. Era como se evitasse a pergunta. Mas acho que ele gosta de Jesus – Bani piscou.

Tabita ergueu as sobrancelhas. – Então você acha que ele poderia tornar-se um seguidor do Mestre? Isso, na verdade, seria ótimo – outro rabi que apoia Jesus.

– Sim, bem, seu pai tem sido o líder lá – Bani contou oito peixinhos e os entregou a uma mulher que segurava um grande cesto de compras. – Desde que Jesus trouxe você de volta à vida, seu pai tem dito a todos na sinagoga que o Mestre é o Filho de Deus. Eles não gostam muito, mas ele diz mesmo assim. Todos os instrutores na sinagoga evitam o assunto. Acho que eles pensam que não faz sentido argumentar. Ninguém mais os ouve.

– É verdade! Meu pai menciona as discussões que estão tendo na sinagoga – disse Tabita –, mas acho que ele não quer trazer esses assuntos para casa. Mudando de conversa, quer dizer que você não foi à aula hoje para preparar-se para a Festa de Purim amanhã? – acrescentou ela.

– Isso mesmo! – Bani vendeu o último peixe a um senhor idoso, e depois piscou, de frente para o sol. – Ei, está ficando tarde; é melhor eu ir andando. Meu pai precisa de mim para ajudar a remendar as redes de pesca e, depois, tenho de consertar umas cortinas em casa. Vão chegar alguns parentes hoje à noite.

– Eu também preciso correr. Minha mãe deve estar se perguntando o que foi que me deteve – Tabita pegou o cântaro de água.

– Não, ela não está – Bani brincou, enquanto pegava os cestos vazios de peixe. – Ela sabe que você anda por aqui, tagarelando no mercado.

– Tagarelando, é? – Tabita tentou dar um golpe de brincadeira na cabeça de Bani, mas ele se desviou e saiu em disparada pela rua abaixo, na direção do atracadouro dos barcos pesqueiros.

\* \* \* \* \*

A primavera chegou mais uma vez a Cafarnaum. Sobre as colinas que rodeavam a pequena cidade costeira, os campos de cevada haviam brotado plenamente. Os olivais estavam verdes outra vez. As parreiras, nos terraços das encostas dos montes que davam para o mar, produziam pequenos brotos. Era a época do ano em que os botõezinhos de hissopo branco se abriam ao longo dos muros de pedra em Cafarnaum.

Então, a pior notícia possível atingiu a Galileia: João Batista estava morto.

O sol já se erguera por sobre as águas cintilantes, dando destaque às colinas verde-azuladas dos gadarenos, quando Tabita encontrou Bani. Ele ajudava seu pai a descarregar a pesca daquela noite, no atracadouro.

– Será que é verdade? – ela perguntou a Bani, chocada. João Batista havia se tornado um símbolo de reavivamento e retidão em Israel.

– É verdade! – Bani disse, com tristeza, trabalhando mecanicamente para descarregar do barco vários cestos de peixes.

– Como pôde acontecer isso? – Tabita torcia as mãos em sinal de pesar. – Muitos diziam que ele era o maior profeta desde Elias!

Bani empillhou os cestos num carrinho de mão. – Quando Herodes Antipas está em cena, qualquer coisa é possível.

– Mas João Batista era um homem bom; e é sabido que Herodes respeitava e temia o profeta – lágrimas teimavam em correr pelo rosto de Tabita.

– Sim... mas, quando alguém está bêbado, é provável que nada disso venha à mente.

– O que você quer dizer? – ela enxugou as lágrimas com a manga da túnica.

– Herodes matou João num momento de fraqueza. É isso. Meu pai diz que o vinho sempre foi o melhor amigo do rei, e seu maior inimigo também.

– Ele havia submetido João a um júri?

– Um júri? – Bani quis rir. – Que sentido faz um júri? Não tem nada que ver com isso. João não é culpado de nada, a não ser de dizer a toda a Judeia que Herodes é o maior pecador do mundo. O rei fez tudo o que é possível fazer de errado!

- Então Herodes o executou assim, por nada? - Tabita não acreditava que fosse verdade.
- Bem, nada é tão simples quando você está na política.

Tabita ficou espantada diante das tantas informações que Bani sabia.

- Herodes havia posto João na cadeia já fazia um ano, mais ou menos - o garoto acrescentou -, e o manteve lá porque não sabia o que fazer com ele. Todos acham que João é um profeta enviado por Deus. De qualquer maneira, nós sabíamos que algo aconteceria mais cedo ou mais tarde, mas acho que todos esperavam que ele fosse libertado. Herodes não poderia deixá-lo preso para sempre. Ele tinha medo de João, depois que o profeta o condenou por ele ter se casado com Herodias, a esposa do irmão dele.

- Essa parte eu sabia - concordou Tabita. - E o irmão de Herodes ainda está vivo e governa os territórios ao norte da Galileia, o que significa que o rei é adúltero, aos olhos dos líderes judeus em Jerusalém.

- Exato! E você sabe como ele gosta de deixar satisfeitos aqueles indivíduos em Jerusalém. Não que ele se importe realmente; mas, bem, é tudo política, como diz meu pai.

## CAPÍTULO 32

– Mas quando foi que isso aconteceu? – Tabita fungou para espantar as lágrimas.

– Semana passada, na fortaleza de Macaeros. Todos estão comentando isso, esta manhã. A princesa Salomé dançou para o rei numa de suas festas cheias de álcool. Herodes ficou tão seduzido pelo ritmo da dança, que prometeu dar qualquer coisa que ela quisesse. Foi então que a mãe de Salomé, Herodias, entrou em cena.

– Herodias! – os olhos de Tabita se estreitaram. – Aquela bruxa! Fiquei sabendo que ela é a mulher mais ardilosa na Judeia.

– Judeia?! – Bani começou a descarregar os cestos de peixe no lugar costumeiro, no mercado. – Provavelmente, Herodias seja a mulher mais ardilosa do império romano! E tornar-se a nova esposa de Herodes não a deixa nem um pouquinho melhor. Ela precisa acompanhar o marido, você sabe.

– Eles formam uma dupla detestável, não é? – Tabita completou.

– E como! – Bani suspirou. – De qualquer maneira, Salomé pediu a cabeça de João Batista, e foi isso mesmo que ela recebeu. Eu queria ter estado lá para ver a expressão no rosto de Herodes quando ela lhe disse o que queria.

– Eu não! – Tabita retrucou. – Espero não ter que ver nunca o rosto asqueroso dele enquanto eu viver!

– Sim, bem, o rei Herodes sabia que João era um homem de Deus, de modo que ficou num dilema. Ao menos é o que dizem. Que deveria fazer? Ele não tem coragem de defender o que é certo, e sabia também que não podia realmente dar a Salomé o que ela queria.

– Mas, então, por que matou o Batista?

– Bem, essa é uma boa pergunta! – Bani fechou um olho.

– Se você não sabia, Herodias estava esperando na antecâmara do salão do banquete,

para ter certeza de que Herodes cumpriria sua promessa. Assim que Salomé apresentou a Herodes o seu pedido, Herodias viu o rosto do rei ficar bravo e, depois, temeroso. Era como se ele soubesse que não podia fazer algo tão terrível...

– E daí, o que aconteceu? – Tabita interrompeu, impaciente para ouvir o fim da história.

– Aquela mulher maligna mandou um dos conselheiros de Herodes cochichar ao ouvido dele: “Meu senhor, é necessário que Vossa Majestade honre esse pedido, porque se trata de uma promessa, feita sob juramento. Que pensarão os convidados, se o próprio rei não cumpre a palavra empenhada?” – Bani imitou, com sarcasmo, a voz do conselheiro, assim como imaginava que ele houvesse falado.

Tabita engoliu em seco e deixou o cântaro de água sobre o calçamento do mercado.

– Dali para a frente, você pode adivinhar o que aconteceu – os olhos de Bani se estreitaram de novo, com raiva. – O rei Herodes ficou sentado por vários minutos, pensando sobre o que fazer. Bêbados como estavam, ninguém deu um pio no salão do banquete enquanto esperavam pelo veredito do rei. No fim, Herodias venceu, e isso não é surpresa; e João Batista foi executado. Que tristeza! – Bani acrescentou.

– Por que Deus permitiria que isso acontecesse? – Tabita perguntou.

– Não sei. Às vezes, meu pai diz que Deus permite que pessoas morram para que outras acordem e vejam como este mundo é maluco.

– Você acha que é verdade?

– Sim. Acho que pode ser. João era uma testemunha fiel de Deus, mas os líderes em Jerusalém não davam atenção ao que ele dizia. Talvez esse tenha sido o jeito de Deus mostrar-lhes quão maus eles são realmente. Quero dizer, nenhum dos escribas ou fariseus sequer tentou tirar João da cadeia – Bani estava mesmo triste.

Tabita percebeu que Bani queria falar mais sobre a morte do profeta, mas achou que isso não o ajudava muito.

– Ei, pensei que seu pai não estava mais deixando você pescar à noite – ela tentou mudar de assunto. – Achei que ele queria que você fosse para a escola.

– Não fui pescar ontem à noite – Bani disse. Depois, deu de ombros e riu timidamente para ela. – Na verdade, estou agora mesmo a caminho da aula. Só vim ajudar meu pai a levar os peixes ao mercado, enquanto ele amarra o barco. Ele vai chegar daqui a pouco. Meu tio Amós precisa voltar para casa depressa porque acaba de saber que minha tia dará à luz.

– Entendo. E ela como está? – Tabita perguntou gentilmente, como se fosse para fazer Bani pagar por ter sido indelicado.

– Ela está bem, eu acho. Deve ter o bebê a qualquer hora – disse ele, enquanto se encaminhava com Tabita ao poço da cidade.

Quando chegaram ao poço, Tabita entrou na fila, esperando sua vez de tirar água.

– Sabe, Tabita, a pessoa por quem mais lamento é Jesus – disse Bani. – Ouvi dizer que Ele está muito triste com a notícia.

– Acho que deve estar – Tabita ergueu as sobrancelhas. – Todos estamos.

– Bem, há mais um detalhe – Bani acrescentou. – Você sabia que João Batista e Jesus eram primos?

– Primos? – Tabita parecia surpresa. – Não, eu não sabia disso.

– Verdade. Eles nasceram com seis meses de diferença, e cresceram longe um do outro, João na Judeia e Jesus em Nazaré da Galileia.

– E onde está Jesus então? – O rosto de Tabita ficou triste de novo.

– Bem, dizem que Ele saiu para o mar com seus discípulos por alguns dias. Eu não me surpreenderia se soubesse que o Mestre foi acampar ao longo da praia em algum lugar, talvez até em Gerasa, onde curou aqueles dois endemoniados. Ele prometeu voltar àquela região em algum momento. As pessoas por aqui estão à procura dele, mas provavelmente ninguém fosse procurá-lo em Gerasa. Pelo menos, nenhum dos judeus. Eles são preconceituosos demais para ir até lá, já que é uma terra de pagãos.

Tabita estremeceu. – Eu sei que eu não iria lá! – Uma expressão intrigada se estampou na sua face. – Como você consegue saber tanta coisa sobre tudo? É quase como se você soubesse o que está acontecendo antes que aconteça.

Bani vestiu a túnica externa limpa a fim de se preparar para as aulas. – Você tem de ficar de olhos e ouvidos abertos se quiser ir em frente em Cafarnaum. – E piscou para ela. – Esse é o segredo. Bom, vou à aula. Vejo você mais tarde, garota.

E, com isso, ele se foi.

## CAPÍTULO 33

Tabita completou 13 anos. Para comemorar seu aniversário, Jairo preparou uma grande festa para todos os seus amigos em Cafarnaum. A festa quase rivalizou com a da noite em que Jesus ressuscitou Tabita. Muitas pessoas influentes compareceram. O grande átrio superlotou com convidados. Todos os anciãos da cidade estavam lá. Os rabis e escribas da sinagoga também estavam. Até Bani e Joel foram convidados, embora suas famílias não fossem abastadas ou consideradas muito importantes numa cidade do tamanho de Cafarnaum. Entretanto, Jairo não se importava mais com isso. Pois ele havia passado a ter uma ideia clara de quem eram seus amigos de verdade.

Todos comemoravam o fato de que Tabita já se aproximava da idade de casar-se, mas ela sabia, no fundo do coração, que era jovem demais. Outras meninas, no poço da cidade, falavam entusiasmadas sobre os dotes que suas mães planejavam para elas e sobre quem seriam os pretendentes, mas ela simplesmente não se interessava. Àquela altura, tinha assuntos em mente muito mais importantes do que casamento.

Por exemplo, estar com Jesus. Ela quis que seu pai convidasse o Rabi e seus discípulos para a festa, mas eles ainda estavam fora da cidade. Para ela, isso foi um grande desapontamento. Ela queria ver Jesus! Todos na cidade queriam vê-lo. Jesus era a maior celebridade que a Galileia já conheceu! Ele era amplamente reconhecido pelos milagres incríveis de cura que operava. Dizia-se que algumas pessoas de Jericó, Jerusalém, e até de cidades não judias como Sidom e Damasco, vinham até Ele em busca de conforto e restauração.

Elas também vinham para ouvir sua pregação. Nenhum homem falava como o Rabi de Nazaré. Ele falava com amor, compaixão e poder, que desafiavam a autoridade até dos mais estimados líderes em Jerusalém. Não havia lugar na Galileia que comportasse todas as pessoas que desejavam estar perto de Jesus para ouvir “as boas-novas da salvação”, como Ele as chamava. Nenhuma sinagoga, nenhum átrio aberto, nem mesmo o mercado ou o lagar de Cafarnaum. Quando Jesus vinha à cidade, na maior parte das vezes permanecia fora, nas encostas dos montes que ficavam de frente para o mar. Esses espaços amplos e abertos eram os únicos que podiam acomodar os milhares que vinham ouvi-lo.



Tabita fora à praia duas vezes para ouvi-lo falar: uma vez com seu pai, no fim do outono anterior; e uma vez com Bani e Hulda, depois disso. Tabita gostava de estar ao ar livre para ouvir os ensinamentos de Jesus. Parecia que Ele tirava da natureza as suas grandes lições acerca de Deus: pensamentos sobre lírios, figueiras e os pardais das campinas. Todos ficavam inspirados quando Jesus falava do fundo do coração, porque Ele estava sempre em contato com Deus. Até os pássaros e os bichinhos do campo pareciam parar para ouvi-lo. Era como se toda a natureza quisesse estar perto dele!

Infelizmente, os escribas e fariseus na sinagoga de Cafarnaum se opunham cada vez mais aos ensinamentos de Jesus, e o pai de Tabita não entendia isso. – Eles viram seus grandes milagres de cura! – Jairo protestou certa noite, durante o jantar. – Todos sabem que Ele trouxe Tabita de volta à vida. De que outra evidência precisariam para reconhecer que Ele é o Messias que aguardamos por todos esses anos?

Tabita ficou orgulhosa por ver seu pai crendo tão firmemente em Jesus, e isso fez com que seu coração se alegrasse!

Ninguém tinha visto Jesus por várias semanas, mas corria o rumor de que Ele e seus discípulos estavam na região outra vez. Bani dissera várias vezes a Tabita que queria sair à procura do Rabi, mas ela sabia que o amigo não podia fazer isso sozinho. Era apenas um garoto. Havia trabalho para fazer e aulas para frequentar, e, embora ele tivesse 12 anos de idade, ainda era um menino. Assim como Tabita, Bani não podia tomar esse tipo de decisão por conta própria. Mas isso não impediu os dois de fazerem planos. Falavam sobre Jesus toda vez que se encontravam, no mercado, no cais ou fora da sinagoga.

Então, um dia, tiveram sua grande oportunidade! Ainda era cedo, de manhã, quando Bani bateu ao portão da casa de Tabita com a boa notícia. Uma lagartixinha verde fez uma pausa enquanto subia pelo muro, a fim de observar o menino, e os pardais vojavam pela trepadeira que pendia por cima do muro.

Tabita já havia voltado para casa com o suprimento de água. Na verdade, ela também tinha moído a cevada e começara a sovar o pão. Acabava de sentar-se para bordar um pouco, quando ouviu Bani no portão.

– Jesus voltou! – bradou ele, embora estivesse quase sem fôlego por ter subido correndo pela rua calçada de pedras lisas. – Dizem que Ele está pregando na direção leste, em algum ponto perto de Betsaida.

O coração de Tabita bateu mais rápido e seus olhos se iluminaram. – Você vai? – perguntou ela, animada. – Eu achava que você tinha que ir para a escola.

– Não! O rabi Asafe também vai, e ele cancelou a aula. Foi por isso que vim contar a você. Minha família vai, inclusive minha mãe e minha irmãzinha. Queremos que você vá também. Pergunte a seu pai se pode ir.

– Certo! – o coração de Tabita acelerou. – *Ele ainda não foi para a sinagoga.*

Ela entrou dançando no átrio, onde seu pai se acomodara sobre o tapete circular para a refeição matinal costumeira, de pão, coalhada e figos secos. – Jesus voltou! – disse ela, eufórica. – Está em algum lugar perto de Betsaida, e todos vão lá para vê-lo. Até alguns dos rabis da sinagoga. A família de Bani está perguntando se posso ir também – ela aguardou, com expectativa, que seu pai mergulhasse um pedaço de pão na coalhada.

– Perto de Betsaida? – Jairo tinha um brilho nos olhos que Tabita não via fazia dias.

– É o que Bani diz! – parecia que o coração dela disparava, e ela ficou curiosa para saber o que seu pai diria. – Dizem que Ele está do outro lado do mar, a meio dia de viagem – acrescentou ela –, mas Bani e seu pai vão com o barco deles. – Posso ir junto?

Jairo sorriu para Tabita. – Por que não? Na verdade, acho que vou também. Preciso sair um pouco, e um dia com Jesus seria ótimo.

Tabita não acreditava no que estava ouvindo. – Está falando sério? – perguntou ela, com alegria.

– Certamente! Sua mãe talvez não vá porque está cuidando do seu primo, que teve febre durante a noite, mas você e eu podemos ir juntos.

– Ah, papai, muito obrigada! – Tabita se curvou para lhe dar um abraço que quase o sufocou. – Vou dar a notícia a Bani.

Ela correu para o portão e encontrou o amigo andando de um lado para outro, impaciente, na rua. – Posso ir! – gritou ela, entusiasmada. – E adivinha uma coisa? Papai vai conosco também!

– Não brinque! – Bani riu. – Bem, este é um dia agradável para todos. Sigam rapidamente para o atracadouro e levem algum alimento. Aquela região é muito árida, sem cidades ou mercados próximos. E depressa! – Bani acrescentou, enquanto descia a rua correndo.

Dentro de pouco tempo, Tabita e seu pai puseram-se a caminho. Ana preparou uma cesta com algumas romãs, passas e um pouco de pão, mas a garota mal podia pensar em comida num momento como aquele.

Seu maior sonho se tornava realidade! Ela estava saindo para passar o dia com Jesus e, além disso, seu pai iria também. Nem dava para acreditar! *O que mais uma garota pode pedir? Talvez eu até possa ver Jesus realizar mais algum dos seus maravilhosos milagres.* Muitas pessoas na Galileia haviam sido abençoadas pela cura através das mãos de Jesus. Esse era o Homem de Deus que, muitas vezes, não ia dormir à noite enquanto não houvesse cuidado de todas as pessoas que vinham vê-lo. Esse era o Rabi de Nazaré que falava palavras de vida e poder aos desesperançados. Esse era o Filho de Deus que a ressuscitara dentre os mortos!

Eles zarparam do atracadouro e rumaram para a praia norte da Galileia. Tabita e Bani estavam eufóricos, na expectativa dos eventos daquele dia. Ela achou que a manhã aprazível era perfeita para a navegação. Os amigos sentaram-se na proa do barco para observar as ondas e as aves aquáticas.

– Meu pai diz que deseja ser discípulo de Jesus – Bani anunciou, todo orgulhoso. – Já faz um longo tempo que está falando nisso. A cada dia, mais e mais pessoas estão deixando tudo para seguir o Rabi. Meu tio Amós já está com Ele há seis meses.

– O que seu pai vai fazer com a empresa pesqueira da família? – Tabita quis saber.

– Engraçado você perguntar, porque foi isso que minha mãe disse – Bani tinha uma expressão séria. – Mas meu pai não está preocupado. Ele diz que Jesus está indo a vários lugares, e ele quer fazer parte disso. Pedro e André deixaram o trabalho da pesca para seguir o Mestre, como também Tiago e João. De qualquer modo, o barco estará sempre em Cafarnaum, se precisarmos dele.

Tabita pensou no que significava abrir mão de tudo por Jesus. Ela não podia imaginar seu pai deixando tudo para segui-lo – o trabalho como ancião na sinagoga, a casa em Cafarnaum, a família. Era isso que Jesus esperava de todos os que o seguissem? Ele havia pedido isso dos discípulos e de Magdiel, o jovem negociante rico que viera a Ele naquela tarde no cais, antes da tempestade...

Quem saberia dizer? Uma coisa era certa: Tabita sabia que, quando chegasse a sua vez de fazer a escolha, ela estaria disposta a seguir o Rabi a qualquer lugar, não se importando com o custo!

## CAPÍTULO 34

O grupo no barco atravessou o mar da Galileia a uma boa velocidade, com as ondulantes velas tocadas pela brisa matinal. Bani observava a praia adiante; no entanto, ao chegarem ao ponto onde, segundo informações, Jesus estaria, não havia ninguém.

– Eles têm de estar aqui por perto – Bani declarou. – Pescadores no mar disseram que viram multidões se dirigindo para este lado hoje de manhã!

– Não se preocupe – disse Lemuel, confiantemente. – Nós os descobriremos numa das curvas do mar. Tão cedo, a que distância pode ir uma multidão?

Era o meio da manhã quando passaram por Betsaida, uma aldeia de pescadores, e então continuaram rumando para o sudeste, ao longo da praia. Não se viam cidades ou vilas; mas, por fim, localizaram um grande grupo de barcos de pesca numa enseada ao longo da desolada praia. – É Ele! – Bani bradou, entusiasmado, pondo-se em pé no barco. – Tem de ser Ele! Só Jesus atrai uma multidão desse tamanho.

De fato, era uma grande multidão. Parecia que milhares de pessoas tinham chegado de um lado e de outro da costa à procura de Jesus. Bani assobiou ao vê-las. Elas literalmente cobriam as encostas dos montes. Na verdade, o ajuntamento era tão compacto que, ao se aproximarem, Tabita viu que o Mestre havia entrado no barco de Simão Pedro e estava ensinando as pessoas dali.

– Aproxime-se do barco de Jesus! – Bani insistiu com seu pai. Como havia dezenas de outros barcos ao redor da embarcação do Rabi, Lemuel não conseguia aproximar-se.

Lemuel manobrou tanto quanto pôde para chegar perto do Mestre, mas ainda ficou longe. Assim que o fundo do barco raspou na areia, Bani e Tabita pularam para fora e correram na frente, em busca de um lugar onde sentar-se. Os dois abriram caminho pelo meio do auditório atento e, enfim, encontraram um lugar perfeito sobre um pequeno monte de frente para o mar. Bani acenou para seu pai e Jairo, a fim de que eles os localizassem, e depois ele e Tabita se acomodaram para ouvir, junto à multidão.

De forma surpreendente, o local ficava bem perto de Jesus, talvez a um tiro de pedra acima de onde estava ancorado o barco de Pedro. Tabita identificou o corpulento e robusto discípulo no barco, e seu irmão André. João e Tiago também se encontravam ali. Na verdade, parecia que todos os discípulos acompanharam o Mestre nesse dia.

Jesus se sentara na proa do barco de Pedro, e o mar como fundo, atrás dele, trouxe a Tabita uma sensação de paz e contentamento. Nuvens brancas passavam pela expansão azul do céu, e as colinas verde-acinzentadas do litoral sul pareciam nevoentas a distância. Ela imaginou até que podia ver o rio Jordão saindo do mar para começar seu percurso sinuoso rumo ao sul, ao Mar Morto. Que cenário! Que lugar onde estar naquela manhã de primavera! E, o melhor de tudo, Jesus estava ali!

Fora maravilhoso encontrar um lugar tão conveniente onde sentar-se, e ela se indagava por que ninguém o havia ocupado. Tabita conseguia ouvir a voz de Jesus tão claramente como se estivesse sentada ao lado dele no barco. Sendo um grande orador, como sempre, sua pregação era repleta de histórias. “Dois homens subiram ao templo para orar”, Jesus dizia. “Um deles era fariseu, e o outro, publicano.”

“O fariseu era um homem santo, cheio de atos de justiça própria. Da tribo de Benjamin, ele, um hebreu que obedecia estritamente à lei, dedicava-se a todas as boas obras. Os trajés do fariseu para ir ao templo tinham mangas longas e borlas douradas, e ele fazia questão de que todos vissem os filactérios nos seus punhos e testa, enquanto passava pela multidão.”

“Mas o publicano era um pecador com um passado sombrio. Embora estivesse bem vestido, suas roupas revelavam ser ele um coletor de impostos, empregado pelos odiados romanos. Ninguém tinha dúvida de que esse publicano era um vil pecador aos olhos do Céu.”

“O fariseu andava com a cabeça erguida, orgulhoso, ao atravessar o amplo pátio do templo. O publicano arrastava os pés. Ia de cabeça baixa, pois sabia que não era aceito ali.”

“Como de costume, o fariseu tinha ido para desfilas sua riqueza. Com grande alarde, tomou uma sacola de moedas de cobre do meio das dobras de seus longos trajés e a inclinou na caixa de metal das ofertas. O publicano não podia dar uma oferta a Deus. Ele tinha dinheiro, mas sabia que este não seria recebido ali, pois ele o havia adquirido no seu guichê da coletoria.”

“O fariseu encaminhou-se para o centro do átrio, a fim de ser notado. Ereto, ergueu o rosto ao céu e orou em voz alta: ‘Eu Te agradeço, ó Deus, porque não sou como outros homens, extorquidores, injustos, adúlteros ou mesmo como esse coletor de impostos. Jejuo

duas vezes por semana; dou o dízimo de tudo o que possuo.’ Todos os que olhavam para o fariseu pensavam que, seguramente, aquele devia ser um homem santo, abençoado pelo Céu.”

“O publicano ficou parado num canto do átrio do templo e nem sequer elevava os olhos ao Céu. Ele batia no peito repetidas vezes enquanto clamava: ‘Por favor, Deus, tem misericórdia de mim, pecador!’”

“Agora eu lhes pergunto”, disse Jesus, concluindo sua história, “qual desses dois homens vocês acham que voltou para casa justificado diante de Deus e abençoado aos olhos do Céu?”

Tabita olhava para Jesus, sem piscar. O contraste que Ele havia descrito entre o fariseu e o publicano da história ficara muito evidente para ela. A garota teve certeza de que ficara claro para todas as pessoas sentadas ali na encosta do monte, em volta da pequena baía. As histórias de Jesus eram assim – sempre interessantes, sempre mostrando às pessoas o Pai no Céu e sempre atingindo diretamente o coração.

As histórias que Jesus contava eram cativantes, e nenhum dos adultos parecia notar a passagem do tempo. Tabita e Bani observavam seus pais para ver se pegariam o lanche. Não estariam com fome?

– Quando é que você vai comer? – Tabita cochichou para Bani. – Estou com fome. E você, não?

– O céu está tão azul, não é? – Bani riu, à vontade. – Eu estou com muita fome! Podia devorar uma casa!

– Bem... então vamos perguntar se podemos buscar a comida. Tenho certeza de que meu pai também deve estar pronto para comer agora.

– Certo – Bani concordou, mas os dois foram atraídos por outra história que Jesus contava.

“Certo homem rico preparou um banquete e convidou muitas pessoas”, disse Jesus. “Ele mandou seu servo, na hora da ceia, dizer aos que haviam sido convidados: ‘Venham, pois tudo já está pronto.’ Mas eles começaram a dar desculpas, por uma razão ou outra. O primeiro disse: ‘Comprei um pedaço de terra, e preciso ir vê-lo. Aceite minhas desculpas.’ E outro disse: ‘Comprei cinco juntas de bois, e estou saindo para testá-las. Peço-lhe a fineza de me perdoar a ausência.’ Outro, ainda, disse: ‘Casei-me, e por isso não posso ir.’”

“Assim, o servo voltou e relatou todas essas coisas ao seu patrão. Então o senhor da casa ficou muito bravo. Ele disse ao servo: ‘Que desperdício! Preparei este banquete que me custou muito, e aqueles que me chamam de amigo não tiveram a decência de me honrar com sua presença! Bem, não importa. Eles não são mais os meus bons amigos. Vá, depressa, e percorra as ruas e alamedas da cidade; traga os pobres, coxos e cegos. Eles participarão da festa comigo!’”

“Assim, o servo fez conforme lhe fora ordenado. Mas, ao retornar, disse: ‘Fiz aquilo que o senhor me mandou – e ainda sobrou lugares!’”

“Nesse caso, o senhor disse ao servo: ‘Saia pelas rodovias e estradinhas vicinais, e insista para que outros venham, e que o salão do banquete fique cheio.’ Assim será com meu Pai, que está no Céu”, disse Jesus. “Muitos são convidados a participar do banquete celestial, mas poucos, na verdade, aceitarão.”

O Mestre contou uma história após outra. Tabita sentia-se cativada por essas histórias e pelas pequenas lições de vida que sempre vinham com elas. Ele falou de ladrões, de reis, de servos fiéis e dos sinais dos tempos. Havia sempre outra parábola para ouvir, e todos se esqueciam da comida. Por fim, à medida que o sol descia para o horizonte ocidental, Bani se pronunciou.

– A gente não vai comer nunca? – ele sussurrou, mas em voz alta. – Se não, acho que vou murchar e sumir!

Diante disso, os pais de Bani sorriram, e Jairo também. Tabita tirou as frutas e o pão que havia erado. Eles comeram com vontade enquanto Jesus falava; mas, quando seu amigo estendeu a ela um bocado de peixe assado nas brasas, ela agradeceu.

– Não, muito obrigada. Não quero mais saber de peixe – cochichou ela, fazendo uma careta. – Serei muito feliz se não comer peixe nunca mais na vida!

## CAPÍTULO 35

Jesus parou de falar por um pouco, e Tabita viu que Ele conversava com os discípulos. – Que será que eles vão fazer agora? – ela quis saber.

– Não sei. – Bani começou a comer o pedaço de peixe. – Já é bem tarde. Acho que algumas dessas pessoas devem ter percorrido um longo caminho.

Tabita notou que alguns dos discípulos saíram do barco e foram para a areia, e as pessoas na multidão se levantavam para se espreguiçar. – Jesus deve ter encerrado por hoje – disse ela. – Parece que Ele e os discípulos estão se preparando para partir.

– Para mim, está bom – Jairo sacudiu os farelos do seu colo. – Minha ideia é voltar para casa. Foi um dia maravilhoso, mas está ficando tarde.

– Boa ideia – concordou Lemuel. – Se não sairmos logo, pode haver uma tempestade e aí teríamos que acampar aqui na praia. Bani, sei que você provavelmente gostaria disso, mas duvido muito que Tabita goste.

Tabita sorriu para o pai de Bani. Na verdade, para ser honesta, ela não sabia se gostaria ou não. Ela nunca havia acampado numa praia. Ou melhor, não acampou em lugar algum! Não tinha percorrido uma estrada fora de Cafarnaum. Jamais estivera nas aldeias pesqueiras de Betsaida ou Genesaré, na margem norte do mar, ou feito a viagem de meio dia até Corazim, ao norte de Cafarnaum. Nunca havia sonhado em ir a Jerusalém para os dias de festa que ali ocorriam várias vezes por ano. Os meninos faziam todas essas coisas interessantes; contudo, para Tabita, a vida em Cafarnaum fora sempre a mesma, tanto quanto ela podia recordar – sem grandes novidades.

Isso até Jesus entrar em sua história. O Mestre fizera com que ela percebesse as coisas de um modo um pouco diferente, como se, talvez, ela não se importasse mais em ir a certos lugares, ver pessoas e fazer certas coisas. Se tivesse o poder de Jesus em sua vida, Tabita sabia que sua história seria emocionante onde quer que estivesse.



A multidão estava em pé, e os discípulos iam andando entre as pessoas na encosta do monte, conversando com elas enquanto passavam. Por fim, André parou bem diante de Bani com um cesto na mão.

– Vocês têm algum alimento que gostariam de partilhar? – perguntou ele.

– Não muito – disse Lemuel, olhando para o cesto na mão de Bani. – Você está com fome?

– Bem, sim, mas não é para mim – André sorriu, acanhado. – Jesus pediu que procurássemos alguma comida com a qual alimentar a multidão.

Tabita achou engraçado ouvir o discípulo dizer que eles queriam alimentar a multidão. Ele estaria brincando? Ela quis rir, mas André estava sério.

– Uma multidão desse tamanho? – Lemuel disse o que Tabita ficou pensando. Ele olhou para André, com certo ar de incredulidade. – Você está falando sério?

– Na verdade, estou! – André sorriu. – Alguns dos outros rapazes queriam ir a uma das cidades à procura de alimento. Talvez, Betsaida. Eu disse que devíamos primeiro verificar com a multidão.

Bani ainda comia um pedaço de pão, mas olhou para seu pai e depois para dentro do cesto. – Bem, se todos concordarem, o Mestre pode ficar com o que tenho aqui – disse o garoto, estendendo o cesto. – Não é muito. Alguns pães de cevada e dois peixes. Pode ficar com o cesto, se quiser, e use-o para juntar a comida de outras pessoas.

André sorriu para Bani, agradecido. – Muito obrigado, Bani. Você é muito bondoso. Tenho certeza de que Jesus vai apreciar seu oferecimento. – Tabita também olhou para dentro do cesto e contou os pães e peixes. Ela viu uma piscadinha nos grandes olhos do pescador e teve curiosidade de saber o que ele diria a Jesus a respeito daqueles cinco pães de cevada e dois peixes pequenos. Mal davam para um lanche. Dificilmente bastaria para uma pessoa!

Eles observaram enquanto André passava pelo meio da multidão, parando aqui e ali para falar com outras pessoas ao longo do caminho, mas todas balançavam a cabeça. Por fim, ele voltou a Jesus, levando apenas o cesto de Bani. Pedro e João estavam parados ao lado do Mestre, franzindo a testa e olhando para a multidão.

– Esperem aí! Onde está o resto do alimento que eles juntaram para Jesus? – Tabita perguntou, ficando na ponta dos pés para ver melhor. Ela não via nenhum cesto de comida

nas mãos dos outros discípulos e nenhuma pilha de balaies ao redor de Jesus ou no barco. – Dá para acreditar que o seu foi o único alimento que ele afinal recebeu? – ela franziu a testa.

– Hum... Não sei. Parece que sim.

– Ah, por favor! Isso é ridículo! – Tabita estava indignada. – Não me diga que não há alimento nenhum no meio desse povo todo. Tem de haver. E pensar que poderiam tê-lo dividido com Jesus... – e franziu a testa de novo. – As pessoas não podem ser tão egoístas!

Todos os discípulos falavam com o Mestre, e parecia que alguns deles até discutiam com Ele.

– Talvez não tenham gostado daquilo que lhe demos – disse Bani, devagar.

– Ah, duvido! – Tabita balançou a cabeça. – Eu diria que estão preocupados porque ninguém mais lhes deu alimento. Pães de cevada e peixes são bons; mas, bem – ela estendeu a mão para abranger todo o povo –, há milhares de pessoas aqui hoje. Olhe só para eles! Queria saber, afinal, de quem foi a ideia de coletar alimento entre nós – ela acrescentou.

– A ideia foi de Jesus. Você não ouviu André dizer que o Rabi pediu comida?

– Ah, é, está certo – o rosto de Tabita apresentava um ar engraçado. – Por que será que Ele fez isso? Ele sabia que não haveria alimento suficiente por aqui? Jesus sabe de tudo!

– Boa pergunta – Bani deu de ombros. – Não sei responder – e esticou o pescoço para ver melhor. – Mal posso acreditar que haja somente um cesto de comida no meio dessa multidão!

– E além de tudo, o seu cesto continha só cinco pães e dois peixinhos. O que Jesus vai fazer com isso?

– Não sei – Bani sorriu. – Bem, talvez Ele mesmo vá comer um pouco... Gente! Não seria legal? Jesus comendo a mesma comida que tínhamos para hoje, e do nosso cesto de lanche? Ótimo!

André entregou o cesto a Jesus enquanto removia a cobertura para que o Mestre visse lá dentro. Então, de repente, Tabita viu Jesus sorrir. Ele olhou para André e disse algo, e André apontou para o meio da multidão. Tabita imaginou que Ele estaria mencionando Bani e o lugar de onde teria obtido os pães e peixes.

Jesus, então, sorriu para Bani e Tabita. Olhou diretamente para eles, tendo-os localizado bem no meio da multidão.

– Você viu isso? – Bani agarrou a manga de Tabita. – Ele sorriu para nós!

– Se vi! – Tabita também estava entusiasmada. – Puxa! Ele gostou do seu lanche, Bani. Hoje você é o garoto mais sortudo no meio desse monte de gente!

Eles observavam Jesus dizer algo a André, Pedro e aos outros discípulos. Depois, os discípulos começaram a andar pelo meio da multidão de novo. Eles se espalharam, dando instruções. Por onde quer que andassem, as pessoas todas começavam a sentar-se novamente.

– Que será que os discípulos estão fazendo agora? – Bani enrugou a testa. – Isso é realmente estranho. Jesus vai contar mais histórias? Já está bem tarde para isso, não está?

– Psiu! – Tabita cochichou. – Ele vai orar.

Dito e feito. Jesus segurava o cesto com uma mão, ao passo que estendia a outra ao céu, olhando para cima.

Tabita quis sorrir. *Jesus vai mesmo dar graças a Deus pela comida de Bani?*, pensou.

– Ele está dando graças a Deus pelo alimento – Bani sussurrou, em resposta aos pensamentos de Tabita.

– Mas é tão pouquinho! – Tabita ficou com uma expressão estranha no semblante. – Quero dizer, eu também daria graças pelo alimento – acrescentou ela, rapidamente. – Mas cinco pães e dois peixes?

Então Jesus terminou a oração e pôs a mão dentro do cesto. Pegou um pão de cevada e o partiu ao meio.

– Acho que Ele vai, de fato, comer o pão – Tabita meneou os ombros.

– Duvido! – Bani sussurrou.

– Bem, não há mesmo o suficiente para todo mundo, significa que Ele bem poderia fazer isso.

– Não, Jesus não é assim – disse Bani, com segurança. Ele costuma dividir o que tem, ainda que não sobre nada para Ele. Dizem que o Mestre sempre foi assim, desde criancinha.

– Nesse caso, o que Ele vai fazer? – continuou Tabita. – É desse jeito que se parte o pão na hora das refeições, justamente antes de comê-lo.

– Sim, mas também é o que faz o homem da casa para abençoar o alimento antes que a família comece a refeição.

Tabita precisou admitir que Bani tinha razão. Ela detestava quando ele acertava, e ele estava certo com mais frequência do que ela, quando discutiam sobre assuntos como esse.

## CAPÍTULO 36

Jesus partiu o pão ao meio e, depois, cada pedaço pela metade outra vez. Colocou os pedaços no cesto e pegou outro pão de cevada.

– Veja! – Bani disse a Tabita. – Ele está colocando o pão de volta no cesto. Eu lhe disse. Ele vai dividir o pão com outros antes de começar a comê-lo.

– Ah, por favor! Você acha que sempre tem de ter razão – Tabita argumentou, enquanto observava os gestos de Jesus. Mas, ela teve que concordar, parecia mesmo que o Mestre iria dividir o lanche com os discípulos, pelo menos. *Talvez haja o suficiente para que as pessoas mais próximas de Jesus recebam um pouco, embora seja apenas uma porção. Em pedaços pequenos, com aqueles poucos pães e peixes, apenas umas 20 ou 30 pessoas receberão alguma coisa,* Tabita calculou. Mas, enfim, seria melhor que alguns comessem algo do que deixar todos sem nada...

Jesus continuava pegando o pão e dividindo-o em pedaços: um pão de cevada, dois pães de cevada, três... Então Ele pegou um peixinho e o partiu em três ou quatro porções. Quatro pães de cevada, cinco pães de cevada... Depois, outro peixe. Seis pães de cevada, sete pães, oito pães... *Espere aí!* Tabita pensou.

Ela se inclinou na direção de Bani. – Quantos pães havia no cesto? – os olhos de Bani estavam arregalados, e ele olhava fixamente para Jesus. – Bani, achei que havia apenas cinco pães naquele cesto – disse ela, de novo.

– Sim. Foi o que pensei! – Bani balançou a cabeça, como se estivesse enxergando coisas. – Cinco pães!

– E dois peixes – Tabita o cutucou. – Dois peixes. Você tinha dois peixes no cesto, certo?

– Hã... sim, era exatamente o que tínhamos no cesto, não era? – ele respondeu.

– Bani, você entregou a André apenas cinco pães e dois peixes. De onde Jesus arranja tanto pão para partir? De onde estão vindo os peixes? – os dois podiam apenas virar-se para

o Mestre outra vez e fixar os olhos no cesto em seu colo. Naquele momento ele estava quase cheio de pão partido e pedaços de peixe.

– Dei a Jesus um pouquinho, e agora é um outro tanto. Olhe. O cesto está cheio! Tabita, como Ele faz isso?

– Não sei – Tabita mal acreditava nos próprios olhos, mas temia parar de olhar, com medo de que acordaria e descobriria que fora tudo um sonho. – Não é possível que aquele pouquinho de pão e peixe possa encher um cesto, mesmo que Jesus os partisse em pedaços menores – disse ela, engasgada. – Não é possível!

– Bem, mas então como Ele faz isso? – Bani repetiu.

André se aproximou, tomou o cesto das mãos de Jesus e subiu pela encosta, entregando pedaços ao povo. As pessoas pegavam o pão e o peixe e o comiam com gosto, agradecendo ao discípulo com sorrisos e movimentos de cabeça, enquanto olhavam, agradecidas, na direção de Jesus.

O Mestre continuava partindo pão e peixe em pedaços menores.

– Preciso ver isso de perto – disse Tabita, como se estivesse em transe. – Venha, Bani!

Os dois abriram caminho entre o povo, descendo pela encosta do monte, sem tirar os olhos da cena impressionante. Quando, por fim, chegaram à areia da praia, diante do barco de Pedro, descobriram que tudo era ainda mais incrível de perto. Não era um truque. Jesus simplesmente partia os pães e peixes. Colocava os pedaços nos cestos, e os discípulos os levavam por toda a encosta, para que as pessoas comessem.

Tabita, por fim, tirou os olhos de Jesus e se virou para ver as pessoas sentadas de frente para a praia. Os discípulos andavam por todo lado com os cestos. As pessoas comiam os pedaços de pão e peixe, e todas pareciam estar aproveitando muito bem a ocasião. O pai dela estava comendo pão, bem como os pais e a irmã de Bani.

Produzir tanto pão a partir de cinco pãezinhos de cevada e dois peixes pequenos era inacreditável. Ou, pelo menos, alegremente surpreendente, se inacreditável fosse uma palavra imprópria demais, por se tratar das coisas que Jesus fazia.

Tabita sabia que aquilo não era sonho. Ela sentia a areia fria sob os pés. Sentia o cheiro de peixe assado nas brasas, no ar do fim da tarde. Parecia absurdo pensar que centenas, talvez milhares de pessoas, pudessem comer do conteúdo de apenas um cesto e, mesmo assim, aquilo estava acontecendo de fato!

Ela se virou outra vez para observar Jesus e quase deu um encontrão em Simão Pedro, que pulava para fora do barco, indo à praia com outro cesto de pão e peixe.

– Oi, Tabita! – disse ele, alegre. – Aceita um pedacinho?

– Hã... claro! – disse ela, recebendo o alimento quase com reverência. *Isso é pão do Céu*, pensou ela, olhando dentro dos olhos castanhos de Pedro. Depois, comeu os pedaços de pão e peixe que ele pusera nas suas mãos. *Isso é comida dos anjos, tanto quanto o maná foi para meus antepassados, quando viveram no deserto durante aqueles 40 anos!*

Tabita olhou de relance para Bani, enquanto mastigava o pão, e chegou até a comer um bocadinho de peixe. *Que dano pode um peixinho me causar, se ele foi tocado pelas mãos de Jesus?* Bani também comia um pouco, e não falava mais. Estava demasiadamente tomado de surpresa e admiração para dizer algo.

Aí ela teve um “estalo”. Aquilo era um milagre! Era outro dos maravilhosos milagres de Jesus! Ele havia operado de novo! Quando ela achou que o Mestre havia feito um milagre que superava todos os outros, veio Ele e realizou mais um que desafiava a imaginação. Ele podia expelir demônios, curar os cegos, acalmar tempestades, e, naquele instante, multiplicava pão e peixe! Como fazia Jesus todas essas coisas? Tabita não sabia. Ela só balançava a cabeça, admirada e maravilhada.

Que tipo de homem era Jesus, na realidade? Tabita sabia a resposta. Ele era o Messias! Era o Filho de Deus! Ela mesma podia testificar disso, por causa do que Ele fizera em seu favor. Ele a ressuscitara dos mortos! Ele não fizera isso por alguém que ela conhecia ou de quem tinha ouvido falar. Ele o fez por ela, pessoalmente! Isso era um tremendo milagre!

E, então, alimentar a multidão com o lanche de Bani? Tabita olhou os pedaços de pão e peixe que apertava na mão. Era um milagre, uma dádiva de Jesus para todas as pessoas famintas na encosta do monte, naquela praia da Galileia. Muitas daquelas pessoas, provavelmente, nunca houvessem visto os milagres dele antes. “O Pai no Céu os ama, e está disposto a dar boas dádivas a seus filhos”, dissera o Mestre muitas, muitas vezes, e, naquele dia, Ele dera apenas mais um exemplo desse amor.

Tabita olhou ao redor, à procura de Bani, e o viu conversando com André de novo. O discípulo estava na praia, segurando um cesto vazio e apontando para a multidão. Bani fez sinal com a cabeça, apontou na direção de Tabita e depois acenou para ela, para chamar-lhe a atenção.

– Ei, Tabita! – ele chamou. – Você quer ajudar a recolher as sobras?

Tabita correu pela areia na direção do amigo e inclinou-se levemente ao se aproximar dele e de André.

– Muito obrigado por dividirem seu lanche conosco – André sorriu. – Jesus operou um grande milagre em favor do povo, e tudo por causa do alimento que vocês dois partilharam. Pensem nisso, garotos. Se Ele pôde fazer essas coisas agora, aqui na Galileia, imaginem o que poderá fazer pelo mundo, quando todos souberem quem Ele é realmente. Em breve, todos saberão que Jesus é o Messias! – o rosto de André estava radiante, com um largo sorriso, e seus olhos tinham uma luz que significava expectativa e esperança.

Tabita sorriu timidamente para Bani. – Bem, na verdade não era meu alimento. Eram os pães de cevada e os peixes de Bani. Mas estamos todos contentes porque Jesus pôde usar a pequena quantidade que ele entregou – ela, de repente, tomou consciência de que estava falando com esse grande e alto discípulo de Jesus, e inclinou-se diante dele, respeitosamente.

– De qualquer maneira, muito obrigado! – ele concordou, com um movimento da cabeça. – O lanche de Bani alimentou uma multidão hoje.

– Ei, gostei de ouvir isso! – Bani se gabou.

– Hum... seu alimento e Jesus – Tabita fez o lembrete.

– Eu sei disso – Bani a cutucou com o cotovelo, envergonhado.



## CAPÍTULO 37

– Nunca antes vi tanta gente num lugar só – disse Tabita para André. – E pensar que Jesus alimentou a todos! Você tem ideia de quantas pessoas estão aqui?

André deu aquele seu sorriso outra vez. – Bem, meu irmão e eu estávamos conversando, e achamos que deve haver, pelo menos, 5 mil homens; e depois, com as mulheres e crianças – ele fez o cálculo de cabeça – deve dar umas 15 ou 20 mil pessoas.

– Puxa! – os olhos de Bani se iluminaram. – Milhares e milhares de pessoas alimentadas com nossos pães e peixes. Quem pensaria que isso pudesse acontecer? – Ele fez uma pausa. – Mas por que estamos chocados diante disso? Jesus sempre faz coisas grandes como essa. Ele pode fazer qualquer coisa! – o olhar de Bani ficou distante. – Eu quero ser discípulo dele, como meu pai – acrescentou, devagar.

– Eu também – Tabita sussurrou uma oração para o alto.

O dia estava terminando. Tabita não notou as abelhas zunindo de flor em flor, em sua última rodada pela encosta do monte. Ela não viu as gaivotas pairando sobre os barcos de pesca, que balançavam no ancoradouro, sobre as águas do mar da Galileia. O sol cor de âmbar se punha por trás do horizonte margeado de vermelho, mas nem isso ela percebeu.

Era só Jesus que ela via, à frente e no centro, sentado sozinho no barco de Pedro. Seus olhos estavam fechados, como se repousassem após outro longo dia. Ele havia, por fim, parado de partir pães e peixes. As pessoas ficaram satisfeitas, mas algumas ainda comiam.

Tabita viu uma expressão de paz na face dele, e ela soube que desejava ter essa paz também. Enquanto observava seu glorioso rosto banhado pelos dourados raios do sol poente, ela soube que nunca mais seria a mesma. Jesus a havia inspirado a ser mais do que apenas uma garota como as outras, em Cafarnaum. O pai de Tabita podia ser um homem importante na sinagoga e um dos homens mais ricos da cidade, mas isso não mais importava.

O que importava era que Jesus havia entrado no coração dela, com seu maravilhoso evangelho da salvação. Isso fez com que Tabita se sentisse uma pessoa completamente nova. Ela desejou servir a Deus de todo o coração. Desejava ser uma jovem piedosa, e uma boa esposa e mãe algum dia. Mais ainda, ela queria ser a melhor testemunha que Jesus poderia pedir, para contar ao mundo sobre o amor de Deus. Dessa maneira, poderia ajudar as pessoas a preparar o coração para o reino de Deus. Não era isso que o Mestre dizia que todos os discípulos deviam fazer?

Jesus de Nazaré era o seu Rabi favorito, e o instrumento de cura do Céu. Não havia dúvida quanto a isso. Mas Ele era também o Messias longamente aguardado, aquele que cumpria as antigas profecias de um Redentor vindouro. Melhor ainda, ela sabia que Ele era seu amigo, porque fora o doador de sua vida. Ele a havia erguido dentre os mortos, e isso era algo que ninguém mais podia ter feito por ela. Para sempre e sempre, mesmo quando o reino de Deus fosse restaurado ao seu povo sobre a Terra renovada, Tabita sabia que Jesus continuaria sendo aquele diante de quem ela prestaria culto e adoração. Ele era digno e merecedor! Afinal de contas, era o Filho de Deus!

# CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS  
COMPRAS COM  
COMODIDADE

APROVEITE  
PROMOÇÕES  
EXCLUSIVAS

LIVROS, REVISTAS,  
AUDIOLIVROS,  
CDS E DVDS

CONECTE-SE  
ATRAVÉS DAS NOSSAS  
REDES SOCIAIS COM  
**MILHARES**  
DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA



[www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)